

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
ARQUITETURA E URBANISMO

AUTORA: ANA KARINA MACÊDO DE MEDEIROS
ORIENTADORA: CAMILA FURUKAVA



CENTRO DE VELÓRIO
Raízes

ARQUITETURA RELIGIOSA: UM ESPAÇO FÚNEBRE NA
PARÓQUIA DA CIDADE DA ESPERANÇA, NATAL/RN

NATAL/RN
2021

ANA KARINA MACÊDO DE MEDEIROS

**ARQUITETURA RELIGIOSA: UM ESPAÇO FÚNEBRE NA PARÓQUIA DA CIDADE
DA ESPERANÇA, NATAL/RN**

Trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo, apresentado ao Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), como requisito para integralização do componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II).

Professora: Ms. Miss Lene Pereira.

Orientadora: Ms. Camila Furukava.

NATAL/RN

2021

Catálogo na Publicação – Biblioteca do UNI-RN
Setor de Processos Técnicos

Medeiros. Ana Karina Macêdo de.

Arquitetura religiosa: um espaço fúnebre na paróquia da cidade da esperança, Natal-RN / Ana Karina Macêdo de Medeiros. – Natal, 2021.
98 f.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Furukava.

Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro
Universitário do Rio Grande do Norte.

Material possui 4 pranchas.

1. Arquitetura religiosa – Monografia. 2. Arquitetura fúnebre –
Monografia. 3. Arquitetura mortuária – Monografia. 4. Cidade da
Esperança – Monografia. I. Furukava, Camila. II. Título.

RN/UNI-RN/BC

CDU 72

ANA KARINA MACÊDO DE MEDEIROS

ARQUITETURA RELIGIOSA:

UM ESPAÇO FÚNEBRE NA PARÓQUIA DA CIDADE DA ESPERANÇA, NATAL/RN

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Comunitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN) como requisito final para obtenção do título bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Da. Camila Furukava

Orientadora

Prof.: Me. Suerda Campos da Costa

Convidado interno

Arq. Marta Anselmo Lisboa

Convidado externo

*Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas - a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra todos os dias são meus.*

Fernando Pessoa/Alberto Caeiro; Poemas Inconjuntos; escrito entre 1913-15; publicado em Atena nº 5, fevereiro de 1925.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me protegeu e me guiou durante toda a minha vida, não permitindo que eu desistisse dos meus objetivos e me aparando em todos os momentos difíceis fazendo com que eu chegasse até aqui.

Também agradeço aos meus pais, Mary Suzeny Macêdo de Medeiros e Ivanilson Bezerra de Medeiros, os alicerces da minha vida, que me deram todo o apoio necessário para o meu amadurecimento em toda minha vida acadêmica e pessoal. Agradeço a minha irmã, Anny Kalyne Macêdo de Medeiros, que me deu toda a motivação e apoio desde o dia da inscrição de um curso técnico até a graduação, sempre acreditando na minha capacidade.

Agradeço grandemente a minha orientadora, Camila Furukava, pelo apoio, dedicação, disponibilidade, amizade e confiança depositada em mim ao me aceitar como sua orientanda e por todo o conhecimento transmitido que sem dúvida levarei por toda a minha vida e carreira profissional. Agradeço também ao Padre Elielson Cassimiro, por me auxiliar em toda fase inicial do trabalho e sempre lembrar de mim me ajudando com coisas relacionadas ao tema do trabalho, me transmitindo muito conhecimento.

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos, que direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento acadêmico, em especial a Daniel Vinícius Pinheiro Florêncio, quem me convenceu a cursar Arquitetura e Urbanismo e que levarei por toda a vida. Agradeço a minha orientadora de estágio, Marta Anselmo Lisboa, por todo o conhecimento transmitido ao longo destes anos e também agradeço ao meu amor, Hudson Ferreira de Oliveira, por ter me acalmado e nunca saído do meu lado, nos momentos mais difíceis.

RESUMO

Este produto educacional é referente ao Trabalho Final de Graduação do Curso de Arquitetura e urbanismo do UNI-RN. Constitui-se para tanto dos estudos, diagnósticos, evolução da proposta e anteprojeto de um espaço religioso fúnebre para o bairro da Cidade da Esperança, na cidade do Natal/RN, ao lado da Paróquia Santuário de Nossa Senhora da Esperança e Santo Inácio de Loyola, com objetivo de ter um espaço para que as pessoas se sintam integradas e pertencentes da comunidade, possam ter um suporte físico e espiritual, além de acolhidas no momento da perda. Os estudos, amparados no referencial teórico-metodológico, buscam compreender e analisar as práticas e normas do catolicismo para rituais fúnebres e o acolhimento aos fragilizados. Em sequência foi aprofundado o estudo da relação entre os sentidos humanos e os elementos arquitetônicos, evidenciando a importância da luz, sombra e a natureza para o acolhimento das pessoas que vivenciam esse momento. O diagnóstico da área de intervenção envolveu tanto a dimensão urbanística e legal, quanto a leitura da comunidade e das demandas desse grupo para um espaço fúnebre. A leitura colaborativa da comunidade envolveu dados da história do bairro, perfil social, mas buscou também, identificar e evidenciar as necessidades da Paróquia ao qual o projeto está localizado. Tais levantamentos foram realizados de maneira virtual, com uso de recursos remotos para entrevistas com padres e aplicação de questionários com os moradores do bairro em questão. Tais informações indicaram elementos para serem considerados em um projeto arquitetônico: acessível, inserido na comunidade, com área de suporte aos entes de luto e materiais de fácil manutenção e higienização. Para o desenvolvimento/evolução do anteprojeto, foram identificados estudos de referência que, aliados aos estudos teórico-científicos e ao diagnóstico, nortearam a compreensão da dinâmica do uso de espaços destinados aos rituais fúnebres, assim como, a construção do conceito "memória" e de um programa de necessidades para o espaço fúnebre. Dessa maneira, este trabalho se estrutura em três partes: (I) embasamento teórico; (II) diagnóstico da área; (III) orientações para o anteprojeto de um espaço fúnebre e a evolução das propostas de anteprojeto, seguindo ainda, em anexo, as pranchas técnicas do pré-projeto arquitetônico do espaço fúnebre.

Palavras-chaves: Arquitetura religiosa, arquitetura fúnebre, arquitetura mortuária, Cidade da Esperança.

ABSTRACT

This educational product refers to the Graduation Final Project of the Architecture and Urbanism Course at UNI-RN. Therefore, it consists of studies, diagnoses, proposal evolution, and a preliminary project of a religious funeral home for the neighborhood of Cidade da Esperança in the city of Natal/RN. The space is located next to the Parish Sanctuary de Nossa Senhora da Esperança and Santo Inácio de Loyola, aiming to have a place for people to feel integrated and belong to the community, to have physical and spiritual support, in addition to being welcomed in the moment of loss. The studies, supported by the theoretical-methodological framework, seek to understand and analyze the practices and norms of Catholicism for funeral rites and welcoming the frail. As a result, the study of the relationship between the human senses and architectural elements was deepened, highlighting the importance of light, shadow, and nature for welcoming people who experience this moment. The diagnosis of the area involved both urban and legal dimensions, community collaboration, and their demands for a funeral home. Community collaboration involved data on the neighborhood's history and social profile. It also sought to identify and highlight the needs of the parish where the project is located. For interviews with priests and the application of questionnaires with the neighborhood's residents, surveys were carried out virtually using remote resources. The information indicated elements to be considered in an architectural project: accessibility, insertion in the community, a support area for mourning entities, and materials that are easy to maintain and clean. For the development/evolution of the draft, reference studies were identified together with theoretical-scientific and diagnostic studies. These studies guided understanding the dynamics of the space used for funerals and the construction of the concept "memory" and a program of needs for the funeral home. Thus, this work is structured in three parts: (I) theoretical basis; (II) diagnosis of the area; (III) guidelines for the preliminary design of a funeral space and the evolution of the preliminary design proposals, also following in annex the technical planks of the architectural pre-project of the funeral space.

Keywords: Religious architecture, funeral architecture, mortuary architecture, Cidade da Esperança.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de percepção de espaço, através de foto com pessoas em um Museu no Egito.	28
Figura 2: Exemplo de percepção de espaço, através de foto com homem no Minimundo, em Gramado.	28
Figura 3: Capela Ronchamp, Le Corbusier.	29
Figura 4: Cristo no Horto Amparado por um Anjo, Paolo Veronese.	30
Figura 5: Exemplo de uso de cores escuras.	33
Figura 6: Exemplo de uso de cores claras.	33
Figura 7: Paróquia Santuário de Nossa Senhora da Esperança e Santo Inácio de Loyola.	40
Figura 8: Delimitação da área de intervenção.	40
Figura 9: Anexo da Paróquia, onde aconteciam os funerais.	41
Figura 10: Vista panorâmica da Cidade da Esperança, na década de 1960.	43
Figura 11: Acessibilidade no entorno do anexo.	49
Figura 12: Acessibilidade no entorno do anexo, praça e igreja.	49
Figura 13: Marcação de rampas acessíveis no quarteirão.	50
Figura 14: Obstáculos na Avenida Pernambuco.	50
Figura 15: Entulho na Avenida Paraíba.	51
Figura 16: Nascente e poente do sol e sentido dos ventos, em relação ao terreno.	55
Figura 17: Vista frontal à área de intervenção.	56
Figura 18: Vista posterior à edificação.	56
Figura 19: Vista lateral direita à edificação.	57
Figura 20: Vista lateral esquerda à edificação.	57
Figura 21: Principais fontes ruidosas no entorno da área de intervenção.	58
Figura 22: Capela da Escola Jesuíta/ Hodgetts+Fung.	61
Figura 23: Vista interna da capela.	62
Figura 24: Vista externa secundária da capela.	62
Figura 25: Planta baixa da capela.	63
Figura 26: Fachada da Casa Funerária em Dabas.	64
Figura 27: Planta baixa da Casa Funerária em Dabas.	64
Figura 28: Vitral presente na arquitetura da Casa Funerária.	65
Figura 29: Perspectiva da edificação.	65

Figura 30: Logo criada para o Centro de Velório Raízes.	68
Figura 31: Primeiro zoneamento da edificação proposta.	70
Figura 32: Segundo zoneamento da edificação proposta.	71
Figura 33: Terceiro zoneamento da edificação proposta.	72
Figura 34: Quarto zoneamento da edificação proposta.....	73
Figura 35: Planta baixa final da edificação proposta (ver prancha 02).....	73
Figura 36: Nomes das ruas da área antes da intervenção.....	74
Figura 37: Nomes das ruas da área depois da intervenção.	74
Figura 38: Fração da planta de locação e cobertura (Ver prancha 01, em anexo)...	75
Figura 39: Fração da planta de locação e cobertura (ver prancha 01, em anexo). ..	76
Figura 40: Perspectiva externa do estacionamento do Centro de Velório.....	76
Figura 41: Estacionamento da Rua Adolfo Gordo existente.	77
Figura 42: Estacionamento da Rua Adolfo Gordo proposto.	77
Figura 43: Planta de locação cobertura (Ver prancha 01).	78
Figura 44: Planta de cobertura (ver prancha 01).....	78
Figura 45: Perspectiva 01 do espaço memorial.	79
Figura 46: Perspectiva 02 do espaço memorial.	79
Figura 47: Perspectiva 03 do espaço memorial.	80
Figura 48: Espaço fúnebre com forro em lambri de madeira.....	81
Figura 49: Perspectiva Fachada posterior.....	82
Figura 50: Perspectiva fachada frontal.....	82
Figura 51: Detalhes painéis de vidro.	84
Figura 52: Exemplo de esquadria.....	84

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Cidade do Natal, com a Cidade da Esperança e área de intervenção em destaque.....	39
Mapa 2: Fases de entregas das primeiras ocupações.....	42
Mapa 3: Sistema viário da Cidade da Esperança.	44
Mapa 4: Uso e Ocupação do Solo, da Cidade da Esperança – por manchas de predominância.....	45
Mapa 5: Gabarito das edificações da Cidade da Esperança.	46
Mapa 6: Polos geradores de tráfego.....	47
Mapa 7: Equipamentos urbanos da Cidade da Esperança.	48
Mapa 8: Topografia da área de intervenção.	53
Mapa 9: Vegetação no decorrer do entorno na área de intervenção.	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Classificação da faixa etária da Cidade da Esperança.	52
Tabela 2: Lei complementar nº 055/00 - ANEXO III.	59
Tabela 3: Programa de necessidades do anteprojeto.	69
Tabela 4: Quadro de esquadrias.....	83
Tabela 5: Perguntas da entrevista feita ao Pe. Elielson.	89
Tabela 6: Perguntas da entrevista feita ao Pe. Alcimário.	90
Tabela 7: Levantamento dos espaços fúnebres nas igrejas da cidade de Natal.	91
Tabela 8: Perguntas aplicadas ao questionário à população.	94
Tabela 9: Espaços visitados pelos usuários.....	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução da população da Cidade da Esperança.	51
Gráfico 2: Pessoas que são moradoras do bairro da Cidade da Esperança, que responderam ao questionário.	95
Gráfico 3: Idade dos moradores que responderam ao questionário.	95
Gráfico 4: Com quantas pessoas cada morador que respondeu ao questionário mora.	96
Gráfico 5: Média da renda familiar mensal dos moradores que responderam ao questionário.	96
Gráfico 6: Grau de escolaridade dos moradores que responderam ao questionário.	96
Gráfico 7: Religião adotada dos moradores que responderam ao questionário.	97
Gráfico 8: Pessoas que já visitaram um espaço fúnebre.	97
Gráfico 9: O que fez cada usuário se sentir acolhido.	98
Gráfico 10: Ambientes que o usuário acha necessário.	98
Gráfico 11: O que cada usuário mudaria nos espaços.	99
Gráfico 12: Requisito principal de escolha do usuário hoje.	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO	21
1 A ARQUITETURA RELIGIOSA	21
1.1 O ESPAÇO FÚNEBRE CRISTÃO	22
1.2 A COMUNIDADE E SEUS RITUAIS.....	24
2 ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E OS SENTIDOS	27
2.1 VISÃO	27
2.1.1 Formas e iluminação	28
2.1.2 Cores	31
2.2 TATO.....	34
2.2.1 Texturas	34
2.2.2 Calor e Frio	35
2.3 OLFATO	35
2.4 AUDIÇÃO.....	36
2.5 SINESTESIA	37
CONSIDERAÇÕES DA PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO	37
PARTE II – DIAGNÓSTICO DA ÁREA	39
3 UNIVERSO DE ESTUDO: CONHECENDO A CIDADE DA ESPERANÇA	39
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	41
3.2 ANÁLISE URBANA	43
3.3 CONDICIONANTES AMBIENTAIS E FÍSICAS	53
3.3.1 Topografia	53
3.3.2 Vegetação existente	54
3.3.3 Conforto térmico	55
3.3.4 Conforto Visual	56
3.3.5 Conforto Acústico	58

3.4 LEGISLAÇÃO URBANÍSTICA.....	58
3.5 LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA.....	60
4 REFERENCIAIS PROJETUAIS	61
4.1 CAPELA DA ESCOLA JESUÍTA	61
4.2 CASA FUNERÁRIA EM DABAS.....	64
CONSIDERAÇÕES DA PARTE II – DIAGNÓSTICO DA ÁREA.....	65
PARTE III – SOLUÇÕES ADOTADAS.....	67
5 PROPOSTA	67
5.1 CONCEITO E PARTIDO ARQUITETÔNICO	67
5.2 IDENTIDADE VISUAL.....	68
5.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES.....	68
5.4 EVOLUÇÃO DE PROJETO.....	70
5.5 MEMORIAL DESCRITIVO	74
5.5.1 Nome das vias	74
5.5.2 Acessos e estacionamento.....	75
5.5.3 Locação e cobertura.....	77
5.5.4 Memorial.....	79
5.5.5 Sistema construtivo	80
5.5.6 Acabamentos	80
5.5.7 Fachadas	82
5.5.8 Esquadrias	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE A	89
APÊNDICE B	90
APÊNDICE C	91
APÊNDICE D.....	94

INTRODUÇÃO

O tema escolhido, para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), trata-se da “Arquitetura Religiosa Fúnebre”. Já o seu objeto de estudo é a arquitetura religiosa e os espaços fúnebres. Observa-se a arquitetura religiosa fúnebre à luz do catolicismo apostólico romano, mas não limitado a rituais da religião cristã, com vista a compreender os espaços de rituais fúnebres, quanto ao seu uso, simbolismo e funcionalidade, assim como seu acolhimento ao luto dos que perdem seus entes queridos. Essa compreensão visa desenvolver o anteprojeto de um espaço fúnebre com o recorte espacial em o bairro de Cidade da Esperança, localizado na Zona Administrativa Oeste da Cidade do Natal/RN. Mais precisamente, o terreno que receberá o anteprojeto do espaço fúnebre será no anexo da Paróquia Santuário de Nossa Senhora da Esperança e Santo Inácio de Loyola, ao lado da Praça Antônio Alves Correia. A delimitação fica entre a Rua Adolfo Gordo, duas ruas sem nome e a Escola Municipal Professora Ivonete Maciel, contando com uma área de aproximadamente 1 100 m².

A abordagem proposta surgiu com base em vivências paroquiais particulares e no interesse da arquitetura religiosa como um todo, não só ao catolicismo. A importância das religiões, em criar elos de comunidade e dar suporte a pessoas em um momento de perda se destaca ao longo da história. Diante disso e do contexto atual de pandemia (SARCOV19), os rituais fúnebres se apresentaram como importante ferramenta de auxílio àqueles que perdem uma pessoa querida. Todavia, a estrutura para o acolhimento desses rituais fúnebres precisa ser adequada às novas demandas sanitárias e a arquitetura pode contribuir em uma ambiência mais acolhedora nesse momento de dor.

Assim, a intenção deste anteprojeto surge de uma demanda da Paróquia Santuário de Nossa Senhora da Esperança e Santo Inácio de Loyola, tendo em vista que a igreja tem um papel social muito importante, no que se refere aos rituais fúnebres, especialmente pela relação da comunidade com a igreja. Todavia, há cerca de três anos, o local está fechado, devido ao comprometimento da estrutura da cobertura¹. Imediatamente, unindo experiências próprias às necessidades existentes,

¹ Esta informação foi dada pelo próprio pároco vigente, Pe. Jonerikson, para a população, durante algumas celebrações.

surgiram-se algumas ideias de projeto e posteriormente a intenção de que poderia ser abordado como um tema para o TCC. Ainda, neste trabalho, pretende-se também conseguir desmistificar certo “preconceito” enraizado, ao se trabalhar com um tema relacionado à morte.

A arquitetura religiosa, voltada para a morte, se faz presente desde o início dos tempos. Até hoje, pode-se observá-la através de diversos estudos ao longo do tempo, bem como em monumentos criados para eternizá-la, como exemplo, as Pirâmides de Gizé, no Egito. Porém, no que se pode observar quanto às cerimônias hoje em dia, na cidade de Natal/RN, há pouco e concentrados investimentos arquitetônicos nessa área. As pessoas costumam velar seus entes em centros funerários particulares, de elevado custo, pois a maior parte das comunidades não oferecerem um espaço para isso, ou velam o corpo direto nas jazidas dos cemitérios.

Através de uma pesquisa feita no site da Arquidiocese de Natal², podem serem encontradas mais de 40 igrejas/paróquias registradas por ela até o ano de 2021, por essa lista, foi possível contatá-las individualmente e constatar que apenas três dessas igrejas oferecem ou chegaram a oferecer em algum momento, um espaço específico para velórios.³ Destas três, uma é a da Cidade da Esperança que, como já dito, está interditada devido ao comprometimento da estrutura, desde antes da pandemia; outro local oferecido ficava localizado na Paróquia de Ponta Negra, porém está inativa e o espaço é utilizado para outros fins e a Catedral Metropolitana de Natal que ainda oferece a própria igreja para este ritual, porém apenas para pessoas públicas, já que eles alegam que igrejas menores não comportariam uma grande quantidade de pessoas. As demais instituições, não dispõem de um espaço específico para isso. Quando realmente precisam fazer, seja para alguma pessoa que serve a igreja ou para alguma pessoa muito querida na comunidade, mobiliza-se a organização de algum local interno, como na Igreja do Jesus Bom Pastor, no bairro do Bom Pastor, que fazem no salão paroquial da igreja, ondem realizam diversos outros tipos de atividades; e uma específica em um espaço externo, na Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora, no bairro de Felipe Camarão. Todavia, não foram identificados espaços

²Disponível em: <<http://arquiocesedenatal.org.br/paroquias>>. Acesso em: 12.05.2021.

³ Ver Apêndice C.

sociais voltados à rituais fúnebres para a comunidade em si, dentre as paróquias analisadas.

Segundo Santos (2019, p. 32), a possibilidade de uma identidade social baseada na religião dá à vida social um processo de identificação, de pertencimento e de cidadania, baseados num imaginário social enraizado. Pode-se então observar que existem poucos espaços que são realmente acolhedores dentro das igrejas e os que acolhem, oferecem espaços que costumam serem fechados, mal cuidados, não tão receptivos e/ou não específicos para o que se está fazendo uso. Assim, quando as pessoas falecem são veladas em locais muitas vezes distantes da sua comunidade, não havendo envolvimento da própria comunidade no ritual e na sua celebração.

Para tanto, este trabalho tem como objetivo, elaborar um anteprojeto arquitetônico de uma arquitetura religiosa fúnebre, onde as pessoas possam se sentirem acolhidas, inseridas na comunidade e para que tenham suporte físico e espiritual em seu momento do luto. Quanto aos objetivos específicos, no que se pode descrever os resultados que se pretende alcançar a partir da pesquisa, estes seriam:

1. Compreender rituais religiosos fúnebres e sua relação com a arquitetura, os sentidos e o acolhimento daqueles que enfrentam o luto;
2. Identificar as demandas urbanas, culturais, sociais e comunitárias, especialmente dos moradores do bairro de Cidade da esperança;
3. Elaborar um anteprojeto de um espaço religioso fúnebre.

A pesquisa utilizada no trabalho apresenta, através de uma aula disponibilizada no componente curricular de TCCI, quanto a sua natureza, uma “pesquisa aplicada”, pois ela tem o intuito de gerar conhecimentos para aplicação de práticas dirigidas à solução de problemas específicos, possuindo técnicas padronizadas de coleta de dados, através de formulários e observações sistemáticas com procedimentos de uma pesquisa bibliográfica e de campo que terá uma abordagem predominantemente qualitativa, considerando a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e o sujeito. É descritiva e ainda utiliza métodos indutivos onde o conhecimento é fundamentado na experiência das pessoas entrevistadas não levando em conta princípios pré-estabelecidos. Em sua forma o projeto se dá por meio de:

- Pesquisas bibliográficas, onde se pretende pesquisar diversos trabalhos com temas semelhantes a este, por meio *online*, para melhor compreensão da escolha do tema e o impacto que esta intervenção causará onde ela está inserida;
- Análise de elementos arquitetônicos, com base nas suas influências quanto aos sentidos humanos e até que ponto eles podem influenciar no temperamento, conquistado a partir de pesquisa de estudos na área, questionários aplicados a usuários, estudos de caso de espaços de velório;
- Diagnóstico, identificação e contextualização histórica do entorno, para entender de que forma a edificação a ser projetada pode estar inserida no contexto urbano e social existente e de que forma o entorno pode influenciar no seu zoneamento e na sua forma, para exploração de potenciais paisagísticos, visuais e exploração do conforto térmico e acústico, com base em materiais *online* e dados cedidos pela SEMURB;
- Análises quanto às legislações urbanas e específicas funerárias vigentes, para onde o anteprojeto está inserido, através da leitura do Plano diretor de Natal (Lei Complementar n 082, de 21 de junho de 2007), Código de obras de Natal (Lei complementar, nº 055, de 27 de janeiro de 2004) e as normas técnicas específicas para locais com serviços funerários;
- Abordagem de estudos referenciais, para auxiliar nas escolhas iniciais do programa de necessidades e pré-zoneamento, com base em edificações existentes com usos semelhantes;
- Elaboração da proposta arquitetônica, com base em todo o material abordado no decorrer do trabalho.

Além disso, foram aplicadas duas entrevistas, um levantamento e um questionário, onde o mesmo foi dividido em quatro etapas.

A primeira entrevista foi aplicada ao Pároco vigente da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, Pe. Elielson Cassemiro, no dia 03 de março de 2021 e a segunda foi aplicada ao Pe. Alcimário Pereira de Oliveira, no dia 16 de março de 2021. Ambas por meio *online* e serviram para a fase inicial do trabalho, para auxiliar no

recorte do tema e do objeto de estudo⁴; O levantamento consistiu na procura das igrejas que ofereciam espaços fúnebres, para entender a necessidade desse espaço na cidade⁵;

Já no questionário foi aplicado ao maior número de pessoas possíveis para que possa ampliar o universo de pesquisa, com foco nos moradores da Cidade da Esperança. Foi montado a partir do *Google Forms*, contando com diversas perguntas de múltiplas escolhas. Para a disseminação do questionário, foi-se disponibilizado online, vinculado por redes sociais. Os questionários foram divididos em quatro etapas: (I) a primeira etapa serviu para filtrar os que chegaram ao formulário, quem eram moradores da Cidade da Esperança, não permitindo aos que não fossem continuarem a responder, já no intuito de traçar um perfil social e econômico do bairro; (II) a segunda etapa, tiveram perguntas que serviram para traçar um perfil social e econômico dos moradores do bairro, (III) a terceira etapa, serviu para filtrar os que já tinham vivenciado ou ido a um espaço fúnebre, (IV) a quarta e última etapa, serviu para entender a demanda e as necessidades do usuário quanto a estes espaços.⁶ A pesquisa também utilizou-se de fotos feitas em campo ainda em 2021 e imagens do *Google Maps* e *Google Earth* de 2020 e 2021.

Para tanto, esse TCC foi estruturado em três partes (I) a de embasamento teórico; (II) a de diagnóstico da área; (III) e a da fase final de projeto. A primeira fase serviu para guiar o projeto nas bases técnico-científicas, ampliando o conhecimento sobre o tema, identificando estudos que nortearam a compreensão da dinâmica do uso de espaços destinados aos rituais fúnebres, posteriormente aprofundando o estudo da relação entre sensações de acolhimento e os elementos arquitetônicos; a segunda fase serviu para um diagnóstico da área de intervenção, na caracterização da comunidade que envolveu tanto a dimensão urbanística e legal, quanto à leitura da comunidade e das demandas desse grupo para um espaço fúnebre; a terceira fase, com proposta a ser desenvolvida na segunda etapa desse TCC, se dará em torno do desenvolvimento do anteprojeto.

⁴ As perguntas realizadas em entrevistas aos padres podem ser encontradas, respectivamente, nos apêndices A e B.

⁵ O levantamento das igrejas, pode ser encontrado no apêndice C.

⁶ As perguntas realizadas no questionário, podem ser encontradas no Apêndice D.



PARTE I

REFERENCIAL TEÓRICO

PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO

1 A ARQUITETURA RELIGIOSA

A riqueza da arquitetura religiosa é resultado das doutrinas de diversos povos que, ao longo dos anos, transmitiram suas crenças por meio de imagens, pinturas e detalhes construtivos. As características das igrejas e templos antigos resistem ao tempo e interferem no modo como percebemos e utilizamos os espaços sagrados (ARQUITETURA... 2018).⁷

A arquitetura religiosa é um local voltado para orações e práticas ligadas para a religião específica do local, muitas edificações deste tipo, tinham o intuito de representar poder e o máximo da identidade local. A partir disso, muitas destas edificações obtiveram destaque com construções até mesmo milenares. As próprias pirâmides no Egito podem demonstrar essa questão da representação de poder dos faraós, tendo em vista que a maioria delas tem como finalidade principal, guardar o corpo após a morte e quanto maior fosse a estrutura, maiores costumavam ser as riquezas dos faraós.

Na época, basicamente quanto maior a pirâmide, maior o poder. Entendendo a ligação entre a arquitetura e a demonstração de poder, pode-se observar também, que cada religião possui características próprias específicas. Ou seja, mesmo que um templo budista se defira muito de outro templo, ambos vão possuir características que vão caracteriza-los da mesma religião, de acordo com suas crenças, simbologias ou até mesmo os espaços destinados às orações, fazendo com que a arquitetura e as manifestações de fé sempre andem juntas e a fé tanto influencie na forma da edificação, como a forma também influencie nas manifestações de fé.

Assim, neste capítulo pretendeu-se de forma breve, relacionar a fé com a forma arquitetônica, para entender como elas se relacionam e servir de introdução aos tópicos que irão se seguir, onde irão abordar a caracterização do espaço fúnebre cristão e entender a relação das comunidades em torno destes espaços.

⁷ Disponível em: [Arquitetura religiosa: como contribuir em projetos para diferentes crenças? <\(archtrends.com\)>](http://Arquitetura religiosa: como contribuir em projetos para diferentes crenças? <(archtrends.com)>). Acesso em: 12.05.2021.

1.1 O ESPAÇO FÚNEBRE CRISTÃO

Segundo Inês Figueiredo (2013), quando a religião Cristã começou a acreditar na igualdade dos homens, garantindo a ressurreição do corpo (a partir dos séculos VIII e IX), como os Judeus, ela afirmou que maior parte das pessoas passaram a serem contra a cremação e destinou a obrigação da conservação do corpo para futura ressurreição. Tendo esta premissa como base, os Cristãos abandonaram todo o aparato funerário que se vivia até então. A crença aumentava o número de fiéis que ocorriam a estes espaços cristãos para rezar, a mudança de mentalidade levou à construção de igrejas que suportavam esta nova necessidade, gerando conforto e abrigando a crença. Sendo este o lugar sagrado, todos os indivíduos recorriam a estes cemitérios para que se tornassem a sua última morada. Inicialmente, medida apenas para os mais ricos, acabou por abranger a maioria da sociedade no decorrer dos anos.

Ainda, segundo Barcellos (2017), a morte de uma pessoa, encerra a sua existência biológica, mas, contudo, não apaga a sua história construída (sua bibliografia), assim como mantém ou cria novas relações jurídicas derivadas do evento. O sujeito, ao qual perdeu o ente, passa por uma série de processos e um deles é o luto. Em diferentes culturas há um ritual de passagem que envolve o cuidado com o indivíduo em sua passagem e com os familiares para auxiliá-lo nos processos de luto. Neste processo, a partir do ritual de passagem adquirido com as novas práticas cristãs, tornou-se bastante comum, na cultura ocidental, a existência de um local para um momento de despedida e outro local, para guarda da dimensão física do indivíduo, assim, cultuando a história de vida de quem se foi surgindo então a necessidade de um espaço voltado para a “despedida”. Nesse sentido, em ambos os locais, segundo Figueiredo (2013) o olhar deve caminhar em encontro ao acolhimento da família, em uma arquitetura voltada para os vivos e não apenas para aqueles que partiram. Nessa perspectiva, esse procedimento favorece a relação com a morte, no respeito a perda, por meio do cuidado com o defunto e com os familiares, assim como na sensação de paz e na esperança de retorno ao encontro.

A presença de uma forte mediação religiosa no processo de organização social imprimiu os seus postulados no processo de caracterização da morte e nos rituais funerários. As ideias de constituição de pessoa e a concepção de vida influenciaram imensamente a produção dos rituais relacionados à morte, tendo como principal referência a construção de uma identidade ou de uma pessoa cristã (MAUSS, 2004, *apud* SANTOS, 2019, p. 31).

Segundo Sidnei Santos (2019), quando se destaca a ideia de pessoa cristã como cerne de todo processo de organização da sociedade brasileira, não se oculta ou inferioriza as demais identidades, mas ressalta uma concepção que marcou grande parte da história do país, por questões coloniais. Não se estipula também a religião católica como principal religião presente no processo de construção e organização de uma identidade nacional.

Assim, na sociedade, a definição cristã se colocou em uma posição essencial como meio de avançar neste tema. Foi a partir da Igreja, onde surgiu a estruturação de uma economia funerária⁸ (ALENCASTRO, 2000, *apud* SANTOS, 2019, p. 32). Porém, segundo Martins (1982, p. 9, *apud* SANTOS, 2019, p. 30), o tema da morte é um tema interdito, banido, nos centros urbanos e nas regiões “mais cultas” e desenvolvidas da sociedade brasileira. Ainda assim, o SINCEP (Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil), em 2018, aponta a média do faturamento anual do segmento no Brasil de mais de R\$ 7 bilhões.

Diversas mudanças sociais e na mentalidade diante do rito funerário têm permeado a contemporaneidade. Segundo Strauss (2014, p. 116), logo após a colonização, na ausência de uma arquitetura “sofisticada” ou de ricos acompanhamentos funerários, a elaboração dos rituais mortuários passava pelo uso do próprio corpo do falecido como um símbolo, que seria o velório. Esta prática hoje é a que tem sido mais adotada e afirma o que foi tentado se passar inicialmente de que isso não é uma prática apenas atual.

Segundo Figueiredo (2013), a cidade é a memória coletiva dos povos, um repositório de gerações que asseguram a sua continuidade e preservação do seu fulgor. É, portanto, necessário adequar a arquitetura mortuária às mudanças que a sociedade apresenta, contendo um suporte urbano e arquitetônico que monumentalize e suporte a crença local. Ainda segundo a autora, a relação entre os vivos e o espaço de culto foi alterando ao longo dos séculos, constatou-se que existe uma relação muito ténue na forma como o homem vivo lida com os mortos e a arquitetura fúnebre. Segundo Antônio Motta (2010), para alguns, o culto aos mortos se transformara em culto aos antepassados, atribuindo-lhes o sentido de celebração e de homenagem à memória e, por isso, sendo mais realçados os aspectos da vida

⁸ Setor de um mercado interno especificamente voltado para a execução da atividade funerária.

social, cívica e patriótica da nação do que propriamente os de foro mais íntimo ou religioso. Desse modo, os cemitérios se adaptaram rapidamente aos novos ritos cívicos do culto aos mortos ou dos antepassados que os vivos empreenderam nos espaços de sepultamento.

Alinhados com os novos padrões de conduta moral e com o acelerado ritmo de transformação das cidades, os ritos fúnebres, compreendendo os velórios, os enterros e os cortejos, a depender de cada caso, passavam não apenas a fazer parte de sequências rituais fundamentais para elaboração do luto, como também constituíam indicativos importantes para a definição do grau de prestígio do morto e, por extensão, das relações sociais, políticas e econômicas de sua parentela (MOTTA, 2010).

Neste tópico pretendeu-se abordar em como se deram as primeiras práticas voltadas para o sistema de velação adotado hoje comumente no país e em como a religião influenciou na prática. Ainda, falar sobre as práticas ao familiar sobre o processo do luto, o por que de se fazer uma arquitetura fúnebre voltada para os vivos, sendo o morto o principal símbolo do local. Agora busca-se entender brevemente em como a comunidade está relacionada a estas práticas.

1.2 A COMUNIDADE E SEUS RITUAIS

Nos momentos após a morte, apenas resta a família e a memória. Na sociedade moderna, o defunto para sobreviver necessita de não ser esquecido, visto todo o seu corpo passar por processo de decomposição (FIGUEIREDO, 2013, p. 37)

Segundo Motta (2010), com efeito, uma das maneiras de se entender como o processo de secularização interferiu na maneira sobre o cuidar dos mortos pode ser visualizada não apenas através das transformações no campo ritual ou por meio da arquitetura cemiterial, mas também, dos sistemas de objetos funerários, dos estilos mortuários e nos efeitos que essa arquitetura mortuária causa a comunidade local. Assim, também é necessária uma pequena reflexão acerca do impacto e a influência que um espaço como esse, causaria a sua comunidade e qual sua relevância.

Por volta da segunda metade do século XIX, as visitas aos cemitérios passaram a ser cada vez mais frequentes e, com elas, o culto dos mortos tornava-se prática familiar.

Quando se tratava de nomes importantes, ligados à vida pública do país, ou às atividades políticas e humanísticas reconhecidas, os preparativos do

velório e funeral recebiam, algumas vezes, cuidados redobrados. A preocupação com os detalhes da aparência do cadáver e a decoração do evento não deveriam passar despercebidos. As indumentárias desempenhavam um importante papel na dramaturgia funerária dessa época, transformando-se em inscrições sociais e códigos de etiqueta imprescindíveis. Para os católicos, a missa celebrada no sétimo dia após o falecimento e repetida nos meses seguintes tornava-se também fato social concorrido, ocasião em que se costumavam reforçar as condolências, aproveitando os familiares para distribuírem prendas de recordação do falecido, em forma de "santinhos" (MOTTA, 2010).

O luto, medido pela afeição que se testemunhava ao defunto, principalmente em cidades ou bairros menores onde a pessoa era conhecida por muitos do mesmo local fazia com que o cortejo até o túmulo mobilizasse a atenção popular urbana. O prestígio do morto não somente se avaliava pela grandeza dos túmulos, pelas nobres formas de nomenclatura, pelos patronímicos transmitidos através de gerações ou pelas eventuais curiosidades contidas nos epitáfios, media-se também pelo número de pessoas que reunia no enterro civil ou religioso. A depender da importância em vida ou pós morte do defunto, o velório e o enterro se tornavam atrativos de grande interesse público.

As conhecidas expressões de *cidade dos vivos* e *cidade dos mortos* pressupõem que algo em comum existe entre elas. Até hoje, pode-se observar que os cemitérios (que seria a cidade dos mortos) possuem características organizacionais que se assemelham a algumas definições básicas de organização de cidade (Como a organização de ruas, o parcelamento do solo, etc.). Segundo Figueiredo (2013), as cidades revelam uma sobreposição arquitetônica ao longo dos tempos e o mesmo acontece nos cemitérios, a história e evolução são contadas por novas estruturas e construções. Ou seja, as mutações sociais, políticas e culturais transformam a *cidade dos vivos*, o mesmo acontece na *cidade dos mortos*, que sofre as mesmas mutações. A grande diferença poderá encontrar-se no fato de que a preservação da memória intacta na cidade dos mortos ser mais intensa, podendo assim revelar-se mais facilmente os pormenores da história, sendo estes locais muitas vezes "humanizados" através de gravuras, de nome, datas, retratos, etc.

A base da relação para a realização do espaço funerário é a memória. Segundo Figueiredo (2013), a organização do espaço e a constituição do lugar são, dentro do mesmo grupo social, uma das responsabilidades coletivas e individuais. As recordações dos que partiram são organizadas dando sentido as dos que

permanecem e que um dia também serão organizados. Através dessas informações, pode-se observar em como um espaço fúnebre, pode ser responsável pelo culto a memória local e à comunidade. Sendo assim, de fundamental importância, para mantimento e disseminação da cultura local.

Neste tópico, entende-se que o culto à memória é um dos principais pontos das práticas fúnebres atuais e o ritual fúnebre é responsável pelo culto à memória, sendo as memórias, vivenciadas pelos familiares e a comunidade. Posteriormente vê-se em como os elementos arquitetônicos podem influenciar nos sentidos humanos e em suas sensações de vivência em um espaço, para que no anteprojeto, as soluções adotadas arquitetonicamente e as escolhas de materiais, favoreçam positivamente os sentimentos dos usuários.

2 ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E OS SENTIDOS

A noção de sentidos já é aplicada desde a escola, onde se aprende o que é visão, tato, olfato, audição e paladar. Dentro do âmbito da arquitetura, neste tópico, pretende-se explorar de quais formas alguns elementos arquitetônicos conseguem influenciar esses sentidos e o temperamento psicológico humano. O sentido do paladar não será abordado, já que a finalidade da proposta do anteprojeto apresentado no final do trabalho, não envolverá nada relacionado ao mesmo.

2.1 VISÃO

Segundo Le Corbusier (1989), a arquitetura é um maestral, correto e magnífico jogo de volumes trazidos à tona pela luz. A forma de uma edificação e como a luz é trabalhada nela são de extrema importância para trazer à tona a forma como o indivíduo vai se sentir nela. Se uma edificação ou um ambiente for gigante, você naturalmente vai se sentir pequeno; se a edificação ou ambiente for pequeno, com móveis pequenos, você naturalmente vai se sentir maior e; normalmente são as luzes e as cores, aliados as formas que vão trazer um bem-estar ou não no campo dos sentidos visuais. Você vai conseguir produzir mais em um ambiente bem iluminado e com cores vivas, do que em um ambiente escuro e com pouca luz.

Conforme **Figura 1** é possível analisar a nível de escala humana, algumas pessoas diante de um grande espaço, com grandes monumentos, assim, notam-se em como que as pessoas podem parecer menores do que naturalmente são, podendo refletir em seus sentimentos, de certa forma ao mesmo tempo que uma pessoa possa se sentir à vontade em um espaço como esse, ela também pode se sentir inferior e diminuída. Já na **Figura 2** vê-se ao contrário. Nela um homem está ao lado de um local cercado por uma miniatura de uma cidade, com pequenas edificações, fazendo que ele aparente ser muito maior do que é, podendo trazer ao usuário um sentimento cômico pela proposta do local, mas naturalmente, no dia a dia, fazer atividades em coisas menores do que o ideal pode trazer a sensação de irritabilidade, principalmente ao se tratar de ambiente fechados.

Figura 1: Exemplo de percepção de espaço, através de foto com pessoas em um Museu no Egito.



Fonte: Página Antigo Egito, 2016.⁹

Figura 2: Exemplo de percepção de espaço, através de foto com homem no Minimundo, em Gramado.



Fonte: Página Viagens e caminhos, 2017.¹⁰

Essas possíveis sensações descritas foram baseadas em algumas pesquisas feitas acerca da arquitetura e os sentidos. Logo nos subtópicos a seguir, busca-se tentar entender o motivo que levam a essa compreensão.

2.1.1 Formas e iluminação

O homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e aos sistemas simbólicos a ponto de eles serem decisivos para sua viabilidade como criatura e, em função disso, sua sensibilidade à indicação até mais remota de que eles são capazes de enfrentar um ou outro aspecto da experiência, provoca nele a maior ansiedade.

(GUEERTZ, 1978, p. 73, *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 15)

⁹ Disponível em: <<https://antigoegito.org/galeria-de-fotos-ultimo-dia-de-fotos-no-museu-egipcio-do-cairo/>>. Acesso em: 28.05.2021.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.viagensecaminhos.com/2017/02/mini-mundo-o-mundo-em-miniatura-de-gramado.html>>. Acesso em: 28.05.2021.

Segundo Daniela Oliveira (2010), o homem seria funcionalmente incompleto sem a ajuda de elementos simbólicos e padrões culturais. E, segundo Marx (1989, apud OLIVEIRA, 2010, p. 17), o espaço sagrado interessa à arquitetura enquanto determinante do uso a ser dado a ele, sem que se discuta a sua natureza, fazendo com que a arquitetura e as manifestações de fé sempre andem juntas e a fé tanto influenciando na forma da edificação, como a forma também influenciando nas manifestações de fé. Segundo Amanda Peixoto (2017), a arquitetura grega já se utilizava da luz como componente de uma edificação. Foram os diferentes efeitos da luz e de sua sombra nos elementos arquitetônicos, que definiram a posição e o tamanho dos componentes de suas fachadas e do ritmo de suas colunatas. Não só na grega, mas, em cada um dos períodos arquitetônicos, como o neoclássico, na arquitetura romana, na gótica, etc; a preocupação com a iluminação, na medida em que eles queriam elaborar um grande efeito cênico, para despertar sensações, construir ou retomar memórias, assim como, demonstrar poder na representação do edifício. Mas isso ainda é recorrente desde os dias atuais, como pode-se observar a seguir.

Figura 3: Capela Ronchamp, Le Corbusier.



Fonte: Página Arquipapo, 2019.¹¹

A capela de Notre-Dame du Haut, fica localizada na cidade de Ronchamp, próximo a Paris e foi assinada pelo arquiteto Le Corbusier, ainda no século XX. O arquiteto utilizou de recursos lumínicos, para trazer sensações ao usuário. A parte externa da edificação é marcada por uma arquitetura maciça e robusta, com uma cobertura espessa, dando uma sensação de peso. Porém, ao analisar a parte interna da edificação, é possível observar que a cobertura se “descola” das paredes, fazendo

¹¹ Disponível em: <<https://arquipapo.com.br/arquivos/1091>>. Acesso em: 12.05.2021.

com que a cobertura robusta e pesada, de alguma forma se pareça leve, já que o fecho de luz entre as superfícies traz a sensação de que a cobertura está flutuando ou se elevando. Ainda, a parede leva vários cortes/aberturas, iluminando toda a edificação sem a necessidade de luz artificial, invadindo todas as partes do interior, como se “escorresse” e remetesse a algo divino, como se algo viesse dos céus. Pode-se observar um mesmo exemplo disso, porém em um caso e um meio diferente.

Conforme **Figura 4**, a tela do italiano Paolo Veronese representa o Cristo caído, sendo ajudado por um anjo. Acima deles, ao artista utilizar de cores diferentes, conseguiu trazer a aparência de um mesmo feixe de luz vindo de cima, trazendo a sensação para quem está vendo de algo iluminado, divino e vindo de cima, como uma salvação ou de que o céu se abre naquela direção.

Figura 4: Cristo no Horto Amparado por um Anjo, Paolo Veronese.



Fonte: Página Vírus da Arte, 2017.¹²

¹² Disponível em: <<https://virusdaarte.net/veronese-cristo-no-horto-amparado-por-um-anjo/>>. Acesso em: 28.05.2021.

Apesar da clara beleza, do uso da iluminação no primeiro caso e no uso de cores para simular a luz no segundo caso, pode-se observar que a iluminação influencia nas sensações humanas visuais, afetando na forma e nas interpretações de um espaço. Aplicando a arquitetura e aos estados psíquicos locais voltados para estudos, por exemplo, precisam de uma alta intensidade lumínica, para que você seja mais produtivo, uma luz com baixa intensidade, vai acabar deixando o ambiente mais escuro, mais calmo e vai te trazer mais sonolência.

Uma arquitetura religiosa, voltada para rituais fúnebres, deve conter alguns tipos de iluminação, já que é um local que deve conter: um espaço para meditação e oração, ambos com baixa intensidade lumínica; locais para leitura, com alta intensidade lumínica; imagens e símbolos, como o próprio caixão, onde o corpo repousara, com alta intensidade lumínica difusa, podendo induzir a uma elevação ao céu, criando um ambiente caloroso para os entes que estão fragilizados com sua perda. Essas iluminações podem ser obtidas tanto através de luzes artificiais, quanto naturais, através de alguns recursos arquitetônicos.

Porém, a luz natural pode melhorar profundamente a obtenção de qualidade e quantidade, diminuindo consideravelmente os índices térmicos, evitando problemas como ofuscamento e contraste. Dispõe ainda de diferentes efeitos estimulantes e variações de cores ao longo do dia, proporcionando múltiplas percepções dos espaços, de acordo com a variação da posição solar ao longo do ano e a forma do edifício, gerando efeitos diferentes, para quem está usufruindo do espaço. A luz como agente natural propicia o bem-estar dos usuários, além de melhor qualidade de vida para os mesmos. Estratégias de iluminação natural são capazes de potencializar ganhos e perdas térmicas através dos vãos envidraçados e diminuir relativamente o consumo energético do edifício, durante o dia, chegando a extinguir a iluminação artificial (COSTA, 2013, pg. 63).

2.1.2 Cores

Já há conhecimento de que as cores influenciam no comportamento humano existindo uma área de estudo direcionada a isso, chamada “Psicologia das Cores”. Nesta psicologia, ela tenta explicar o porquê que muitas decisões diárias são influenciadas pelas cores que são apresentadas. Johann Wolfgang Von Goethe, durante cerca de vinte anos (1790-1810), desenvolveu o “Esboço de uma Teoria das

Cores”, e ele afirma que as mesmas cores podem ser tidas com alguns tons diferentes, para cada um que está vendo, porém a sensação que elas trazem para todos eles são a mesma. O vermelho, amarelo e o laranja, por exemplo, provocam excitação e dinamismo, enquanto o azul claro, traz tranquilidade. De acordo com Gurgel (2005, pg.61) as cores atuam em nosso subconsciente, trazendo de nossa memória determinadas sensações que influenciam o nosso estado de espírito. A influência das cores é tanta, que empresas de marketing, utilizam dessa teoria para impactar em determinados comércios. Redes de comida normalmente vão se utilizar de cores mais “quentes”, para utilização da sua marca ou de artes para sua divulgação, já que essas cores trazem à tona para o usuário, sensações mais intensas. Abaixo, retirado do site da Scuada (2021), estão apresentadas em tópicos os sentimentos obtidos através de experiências com cada cor.

- Vermelho: paixão, fúria, violência, fome;
- Laranja: bom humor, energia, equilíbrio;
- Amarelo: alegria, relaxamento, felicidade;
- Verde: cura, perseverança, natureza;
- Azul: contemplação, paz, paciência, emoções mais amenas e leves;
- Roxo: sensualidade, nobreza, mistério, transformação, a cor das descobertas.
- Branco: paz ou opressão.

Observa-se, a partir dos tópicos acima, que ao mesmo tempo que as cores podem trazer equilíbrio, elas também podem trazer desequilíbrio. Pois, na verdade, elas intensificam ou acalmam sentimentos e elementos existentes no indivíduo e de cada um que tem suas próprias experiências. Assim, em um momento de descoberta, o vermelho pode intensificar a ansiedade, mas também pode intensificar a curiosidade da descoberta. O branco pode trazer uma sensação de paz, mas muito branco pode trazer uma sensação de morbidade e rigidez.

Conforme a **Figura 5** e a **Figura 6**, pode-se analisar dois estudos de caso com exemplos típicos de bares e spas. Na primeira, vê-se o ambiente de um *pub*, em local desconhecido. Nele pode-se observar a utilização de cores escuras e iluminação quente¹³ para compor o espaço, trazendo para o usuário uma sensação de um local

¹³ Consideram-se cores quentes, as que no disco das cores, estão na área do amarelo ao vermelho.

mais intimista e sensual/casual já na segunda imagem, observa-se um típico caso de um ambiente de *spa*. Nestes locais, voltados para relaxamento, é mais comum observar materiais de acabamentos mais claros, com iluminações mais frias¹⁴ e recursos que remetam a natureza, trazendo aos usuários, sensações que remetam sentimentos de relaxamento e bem-estar.

Figura 5: Exemplo de uso de cores escuras.



Fonte: Página Viva Decora, 2020.¹⁵

Figura 6: Exemplo de uso de cores claras.



Fonte: Página Livingetc, 2020.¹⁶

¹⁴ Consideram-se cores frias, ou deprimentes, as que no disco das cores, estão na área do azul.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.vivadecora.com.br/foto/211374/prateleiras-de-madeira-com-led-e-tijolinho-comum>>. Acesso em: 28.05.2021.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.livingetc.com/spaces/modern-homes/chic-modern-house-with-wine-bar-spa-bathroom-234905>>. Acesso em: 28.05.2021.

Assim, as cores são capazes de transmitir sensações e reflexos sensoriais de grande importância, porque cada uma delas tem uma vibração determinada em nossos sentidos e pode atuar como estimulante ou perturbador no emocional (FARINA, 2006, pg. 2). Em um projeto, as cores têm grande responsabilidade pelo humor das pessoas que vivenciam um determinado ambiente, pois elas atuam no subconsciente, fazendo com que os indivíduos relembrem determinadas sensações, influenciando, assim, o estado de espírito (GURGEL, 2005, pg. 60-61).

2.2 TATO

Diversos autores sugerem que o ser humano poderia viver sem os outros sentidos, mas sem o tato seria impossível. O mundo externo é apreendido pela pele, pode-se perceber algo à nossa frente, lados, costas e acima de nós. (Okamoto, 2002). Diferente dos demais sentidos, o tato não é encontrado em uma parte específica do corpo, mas sim em todo ele, já que é voltada para as sensações obtidas através de toda a extensão da pele. Através dessas sensações, tem-se noção de quente e frio; do que é áspero e liso; macio ou rígido; e até mesmo ler através do braile. E através de seu estudo, pode-se analisar também de que forma alguns dos elementos relacionados ao tato, também podem influenciar no temperamento das pessoas.

2.2.1 Texturas

Segundo Batey (2010), as propriedades táteis fazem a conexão com os significados simbólicos. As pessoas por extinto sentem a necessidade de tocar, pegar, segurar, apalpar ou deslizar a mão sobre um objeto, pois é por meio do toque que você pode assegurar algumas características de alguma coisa ou até mesmo ler, como pode-se observar com o braile.

Para promover uma sensação de conforto em um ambiente, os locais para assentos não podem ser inteiramente rígidos e deve ser evitados tecidos sintéticos nos assentos, tendo em vista que eles não aderem bem a pele, fazendo em alguns casos que você sue; quanto a revestimentos, existem alguns que mantêm mais o calor, sendo então mais quente, como é o caso da madeira e existem os mais frios, como o porcelanato e o mármore, por exemplo. No clima do presente ante projeto, é necessário que se faça uso de acabamentos mais frios; quanto a plantas, é importante perceber quais delas são mais ásperas ou mais lisas, as mais lisas despertam melhores sensações a quem as toca.

2.2.2 Calor e Frio

Segundo Menezes (2006), frequentemente a ventilação é deixada de lado no projeto de igrejas no Brasil, resultando em intenso desconforto térmico dos fiéis, o que os desconcentra da atividade que pretendiam ali realizar. Segundo Peixoto (2017), o desconforto térmico tenta ser amenizado pela instalação de ventiladores, o que muitas vezes não resolve o problema e gera um terceiro problema de desconforto acústico, causado pelo ruído dos aparelhos. O sentido térmico envolve o organismo pelo calor e o faz sentir-se expandido quando quente e encolhido quando frio. Na arquitetura a temperatura ambiental é de extrema importância para se obter o maior conforto possível na edificação.

Assim, segundo Blower (2008), o uso dos espaços e, portanto, a implantação das edificações nos lotes, deverá observar as condições naturais do terreno, visando à proteção ambiental e o seu aproveitamento para a iluminação, ventilação e insolação adequada. Esses conceitos aliados às limitações impostas pelo meio físico determinarão o posicionamento da edificação no lote.

Alguns elementos arquitetônicos que podem influenciar para o conforto térmico, são: a orientação solar adequada; pés-direitos confortáveis, que não seja tão baixo ao ponto de trazer uma sensação de encurralamento ao usuário, nem que seja tão alto, fazendo com que pessoas baixas tenham sensações de medo e insegurança, com uma altura desproporcional; uso da ventilação cruzada; materiais construtivos isolantes; uso de arborização, etc.

2.3 OLFATO

Segundo Okamoto (2002), as pessoas estão mergulhadas permanentemente em um mar de odores, e esses podem nos trazer memórias diversas, devido à relação do olfato com a memória. Pallasmaa (2011, pg. 51), discorre que um cheiro específico é capaz de levar ao modo inconsciente num espaço totalmente esquecido pela memória da retina. O olfato desperta uma imagem esquecida.

Na arquitetura, um ponto abordado aqui, será a vegetação. Segundo Silva (2011), existem também inúmeras espécies aromáticas que, pensadas enquanto elementos arquitetônicos podem interagir com os elementos construídos da obra de arquitetura, caracterizando-a olfativamente. Encarando a vegetação como mais um elemento de

composição em arquitetura, a sua interação com o construído é passível de ser prevista ao nível do projeto.

Na obra de arquitetura a vegetação pode existir dependente ou independentemente do construído. Na obra de arquitetura a vegetação pode existir dependente ou independentemente do construído. E é como que o prendesse ao local, convidando a permanecer mais tempo o que permite apreciar o espaço em volta com outros olhos. Fica-se como que presos dentro da sua esfera odorífica invisível.

Ainda segundo Silva (2011), A vegetação pode também formar altas paredes e túneis criando, ela só, autênticos labirintos aromáticos, ou então apoiar-se num muro existente e oferecer-se ao toque da mão e ainda assumir a forma de uma dupla pele que protege do sol um espaço interior. Assim, atualmente é possível trabalhar com o cheiro em arquitetura independentemente da presença física de um determinado material – de construção vegetal – que o contenha.

2.4 AUDIÇÃO

Segundo o Archtrends (2018), sons têm a capacidade de relaxar uma pessoa. Além disso, eles também podem carregar consigo memórias afetivas que remetem a momentos inesquecíveis. Pode-se ter o sentido de distância a partir da intensidade do som que se ouve, já que com a proporção do afastamento da fonte sonora, a intensidade do som diminui. Segundo Grejo (2011), A sensação acústica que se tem em determinados lugares nos leva a uma análise sobre o local, provoca simpatia ou antipatia pelo lugar. Os cegos utilizam a audição a todo instante, é através dela que eles podem perceber a direção de que os sons estão vindo, ajudando-os a se localizarem.

Segundo Silva (2011), na arquitetura da cultura ocidental encontra-se o silêncio ligado a programas religiosos e também culturais, como é o caso das igrejas, bibliotecas e museus. Aqui não se cria o silêncio para que se desfrute, mas para que a presença de sons não perturbe a atividade que aí decorre. Sendo programas que de algum modo pressupõem uma atitude de contemplação de algo, meditação ou concentração mental, por parte dos utilizadores, há uma tendência para eliminar os sons, temendo que possam ser uma fonte de distração em relação à atividade intelectual ou espiritual que aí se desenrola.

2.5 SINESTESIA

Segundo o Archtrends (2018), a sinestesia é definida como uma condição do cérebro de produzir duas sensações da natureza diferentes a partir de um mesmo objeto. Por exemplo: Ao escutar certo som, seu cérebro associa automaticamente aquele barulho com um cheiro específico, ativando assim sua memória. Dessa forma, além da audição, o olfato também está sendo estimulado. Outras pessoas, ainda, definem o sabor de algum alimento como algo palpável, quase físico.

CONSIDERAÇÕES DA PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO

Entendendo então como a arquitetura influencia a vivência de um indivíduo a um local e em como ela por si só pode transmitir expressões religiosas; em como a prática funerária hoje aborda o morto como o principal símbolo no culto; em como o culto se baseia na memória; e em como a memória se baseia e é cultivada através da família e da comunidade, entendeu-se também quais as melhores opções a serem abordadas no projeto para que ela, de alguma forma, influencie o público a um bom temperamento e como um facilitador no processo da perda, em seguida, seguirá uma caracterização do diagnóstico da área onde a edificação estará localizada, entendendo também quais as necessidades da comunidade local, tendo como base de que ela é um dos principais pilares acerca do processo, ainda vendo suas questões legislativas, para entender quais serão as principais limitações arquitetônicas acerca do projeto.



PARTE III

DIAGNÓSTICO DA ÁREA

PARTE II – DIAGNÓSTICO DA ÁREA

3 UNIVERSO DE ESTUDO: CONHECENDO A CIDADE DA ESPERANÇA

Como pode-se observar ao longo do trabalho, um ambiente fúnebre poderia ser responsável por trazer sentimentos ruins à população e por isso comumente é localizado distante de edificações do tipo residencial. Porém, a proximidade da comunidade que vela seus entes foi identificada como importante ferramenta de apoio e inclusão àqueles menos favorecidos, além de ampliar a aproximação da comunidade ao suporte ao luto, gerando sensação de pertencimento e acolhimento.

Desta maneira, mantém-se, embora se reestruture, o espaço da Paroquia Santuário de Nossa Senhora da Esperança e Santo Inácio de Loyola, que já é voltado a um centro de velório, erguendo uma nova estrutura, primando por estabelecer uma cultura de pertencimento apesar da perda. Assim, neste capítulo, pretende-se abordar as características gerais do universo de estudo, ou seja, no que se refere à delimitação espacial de pesquisa, junto com o seu contexto histórico e a análise morfológica das redondezas da área de intervenção, que se encontra no bairro da Cidade da Esperança, localizado na Zona Administrativa Oeste da Cidade de Natal/RN.

Mapa 1: Cidade do Natal, com a Cidade da Esperança e área de intervenção em destaque.



Fonte: Autorial, 2021. Com base em informações da SEMURB.

Mais precisamente, a área de intervenção será no anexo da Paróquia Santuário de Nossa Senhora da Esperança e Santo Inácio de Loyola e na Praça Antônio Alves Correia, popularmente conhecida como “Praça da igreja”. A delimitação fica entre a Rua Adolfo Gordo, duas ruas sem nome e a Escola Municipal Professora Ivonete Maciel, contando com uma área de aproximadamente 1 100 m².

Figura 7: Paróquia Santuário de Nossa Senhora da Esperança e Santo Inácio de Loyola.



Fonte: Google Maps, 2019.

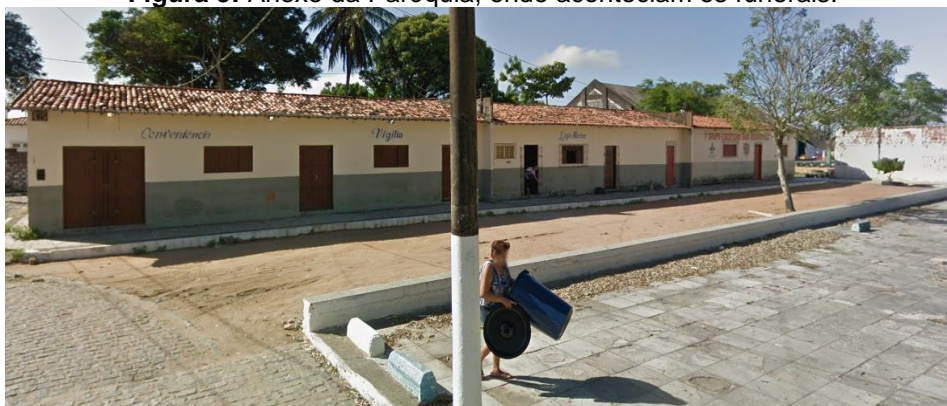
Figura 8: Delimitação da área de intervenção.



Fonte: Google Earth, (2021); adaptado.

Hoje nesse anexo, apenas a conveniência está funcionando, logo na ponta de edificação, com a venda de artigos religiosos. As demais salas como a de “vigília”, onde aconteciam os funerais, “legião de Maria” e a dos “Escoteiros”, estão sem uso, sendo a dos escoteiros devido a pandemia. A frente do terreno conta com um grande espaço em terra sem uso, servindo apenas em alguns dias de estacionamento em dias que a igreja fica cheia.

Figura 9: Anexo da Paróquia, onde aconteciam os funerais.



Fonte: Google Maps, 2019.

A seguir vê-se um pouco do contexto histórico do bairro, para entendimento de como o bairro se iniciou, como uma forma também de caracterizar sua comunidade como um todo, em seguida sua análise urbana, suas condicionantes ambientais e físicas, bem como as legislações vigentes para que sirvam de norteamoento projetual.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

O bairro da Cidade da Esperança surgiu a partir da construção do “Conjunto Habitacional Cidade da Esperança”, por volta da década de 1960 e foi inaugurado pelo governador da época, Aluizio Alves. Segundo o professor, Pedro de Lima:

Construído com o financiamento da agência norte-americana USAID, a primeira fase do conjunto totalizava 504 moradias. Em 1974, quando foi construída sua última etapa, o conjunto já tinha 2.434 casas. Sintomaticamente, o conjunto recebeu o nome de Cidade da Esperança, certamente evocando Brasília – DF que recém-inaugurada, recebera o epíteto de a 'Capital da Esperança' (LIMA, 2001, p.89).

Estando o bairro localizado na Zona Administrativa Oeste, foi o primeiro conjunto habitacional da cidade de Natal/RN e foi oficializada como bairro em 6 de junho de 1967, conforme Lei nº 1.643. Ainda no final da década de 1950, recebeu milhares de imigrantes vindos do interior do estado. Conta com uma área de aproximadamente 183 hectares, tendo em suas redondezas os bairros de Nossa Senhora de Nazaré, ao norte; Lagoa Nova e Candelária, a leste; Cidade Nova, ao sul; e Felipe Camarão, ao oeste.

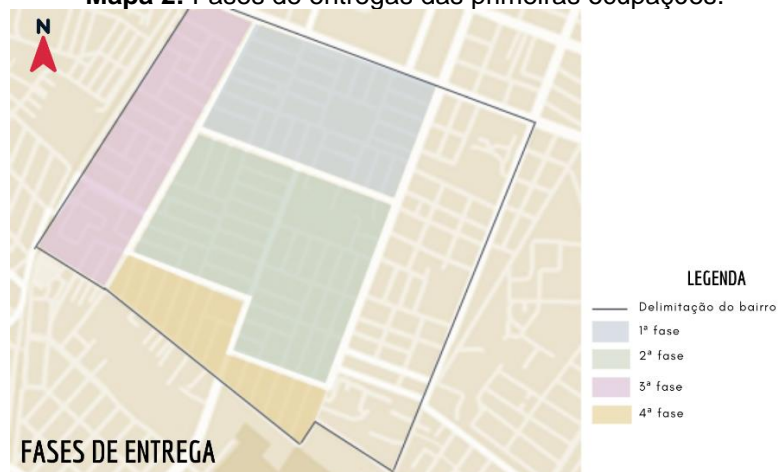
Segundo Bertuleza (2014), A ideia de construir a Cidade da Esperança surgiu na década de 1962, um ano após Aluizio Alves ter sido eleito Governador do Estado do Rio Grande do Norte. A construção de casas para a “gentinha” (apelido referindo-se aos mais necessitados, que surgiu durante a campanha eleitoral de Aluizio Alves

em 1960) fazia parte do Plano de Habitação Popular, concebido para reverter o déficit habitacional Potiguar. Em 1966, 31% das habitações existentes em Natal eram de taipa. Vale ressaltar que na época, na Zona Oeste de Natal, uma das únicas habitações existentes era o “leprosário” (hospital onde eram recolhidos os hansenianos), atual Hospital São Francisco (QUANDO, 2006, *apud* BERTULEZA, 2014, p. 97).

As avenidas do conjunto residencial receberam nomes de Estados da Federação e suas ruas adjacentes, o nome de municípios pertencentes ao Estado homenageado. Ainda segundo Bertuleza (2014), no que diz respeito à sua fundação, o conjunto foi concebido em duas etapas, mas executado e entregue em quatro fases, entre os anos de 1963 e 1974. A primeira etapa foi projetada pelo arquiteto Ubirajara Galvão e entregue em 1963, no mandato do governador Aluísio Alves.

Ressalta-se que até então não se tinha em mente a possibilidade de sua expansão. Foi zoneada por funções específicas de acordo com as premissas urbanísticas vigentes na década de 1960, sendo reservada uma área para os lotes, outra para circulação, equipamentos comerciais (menor parcela) e de serviço, e às áreas verdes e livres. A segunda etapa foi realizada pelo arquiteto Jorge Vargas Soliz em 1966, durante o governo de Cortez Pereira. Diferenciava-se da primeira pela existência de três fases e pela diminuição na quantidade de áreas verdes e livres, tendo em vista que o conjunto era destinado à população carente, não necessitando, dessa forma, da construção de grande número e diversidade de equipamentos coletivos e de lazer. A primeira, segunda, e a terceira fase foram entregues, respectivamente, em 1967, 1970 e 1974 (ALMEIDA, 2007).

Mapa 2: Fases de entregas das primeiras ocupações.



Fonte: Autoral. 2021. Com base em ALMEIDA, 2014.

Figura 10: Vista panorâmica da Cidade da Esperança, na década de 1960.



Fonte: Página Substantivo Plural.¹⁷

Como forma de suprir as necessidades, muitas residências foram se adaptando para abrigar, principalmente, pontos comerciais com a venda de produtos de primeira necessidade, pois na época não havia meios de transportes suficientes para atender a população, mas também por existir uma distância considerável para o Centro da Cidade.

3.2 ANÁLISE URBANA

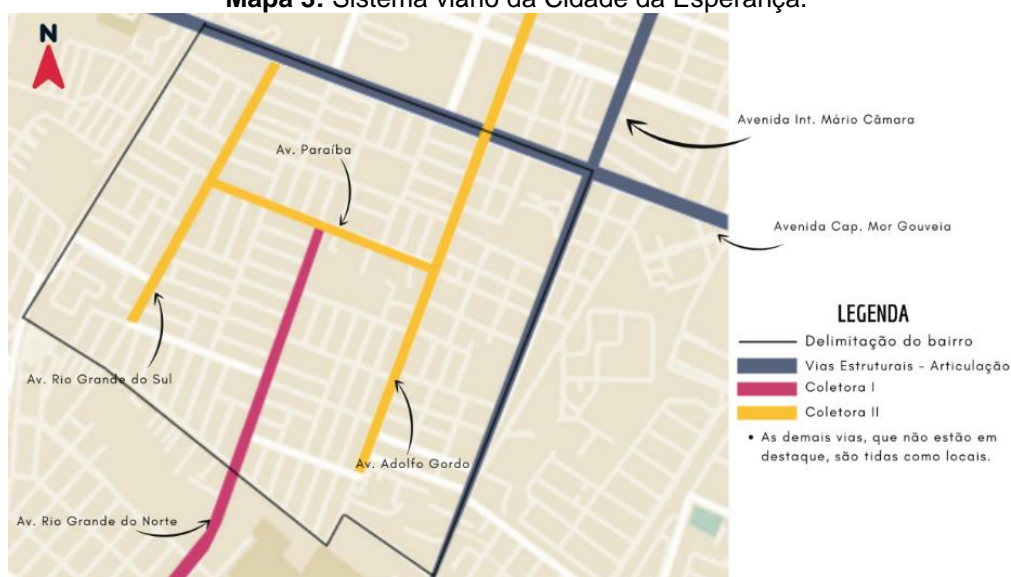
O bairro Cidade da Esperança se insere na Zona de Adensamento Básico, estabelecida no macrozoneamento da Lei Complementar nº. 082 de 21 de junho de 2007, em seu capítulo I. Esta Lei dispõe sobre o Novo Plano Diretor de Natal - PDN/2007. Ainda, no Plano Diretor, em seus artigos 9 e 10 a Zona de Adensamento Básico é aquela onde se aplica, estritamente, o coeficiente de aproveitamento básico. Assim, o coeficiente de aproveitamento básico para todos os usos nos terrenos contidos na Zona Urbana é de 1,2, levando em consideração que o terreno possui 1088,50 m², ele pode ter uma área construída de até 1306,20 m².

As principais ligações viárias que vão da cidade, para o bairro se dão através de duas vias estruturais de articulação, situadas na Avenida Interventor Mário Câmara e na Avenida Capitão Mor Gouveia, conforme **Mapa 3**, representadas pela cor azul,

¹⁷ Disponível em: <<http://substantivoplural.com.br/bairro-cidade-da-esperanca-ganha-livro-para-celebrar-cinquentenario/>>. Acesso em: 28.05.2021.

que liga leva o trânsito de Lagoa Nova, Candelária, Potilândia, até Felipe Camarão. Já no próprio bairro, existe uma via Coletora I, que é responsável por distribuir o fluxo estrutural e local, situada na Avenida Rio Grande do Norte, representada pela cor roxa, levando os condutores até o bairro de Cidade Nova. As vias representadas em amarelo tratam-se da Avenida Rio Grande do Sul, Avenida Paraíba e Avenida Adolfo Gordo, respectivamente, estas são responsáveis por apoiar a circulação das estruturais. As demais vias, que não estão em destaque na figura, são tidas como as vias locais do bairro.

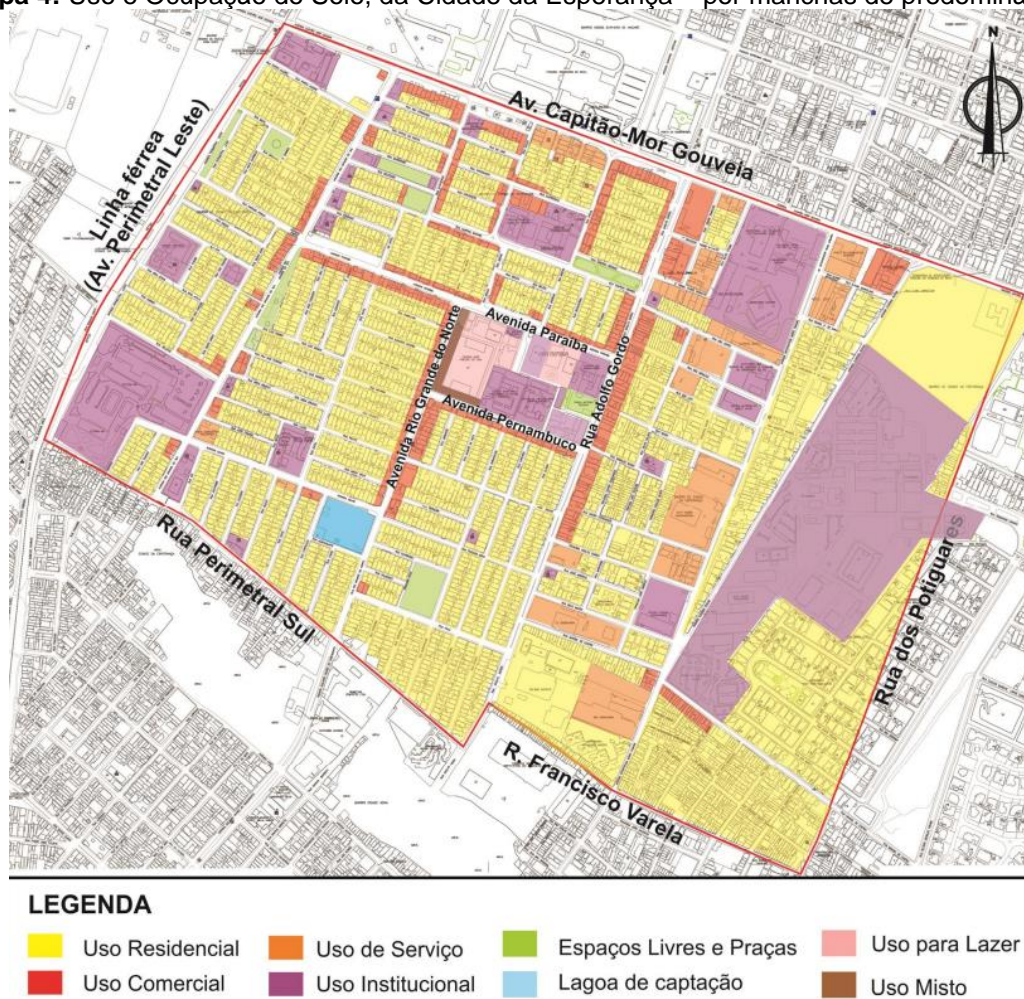
Mapa 3: Sistema viário da Cidade da Esperança.



Fonte: Autoral. 2021. Com base no Código de Obras de Natal (2004).

Assim, por mais que o bairro seja formado em sua maioria por vias locais, onde o trânsito se caracteriza como mais lento, ele é cercado por vias estruturais e coletoras que além de serem vias mais rápidas, são responsáveis por coletar e distribuir o trânsito, interligando bairros, sendo, a Cidade da Esperança uma rota de passagem entre os bairros que a circundam, levando-o a um dia a dia bastante dinâmico. Talvez por este motivo, o bairro da Cidade da Esperança, é mercado por um uso predominantemente residencial, como pode-se analisar na **Mapa 4**, mas com uma área comercial bastante ativa e em cada vez mais expansão.

Mapa 4: Uso e Ocupação do Solo, da Cidade da Esperança – por manchas de predominância.



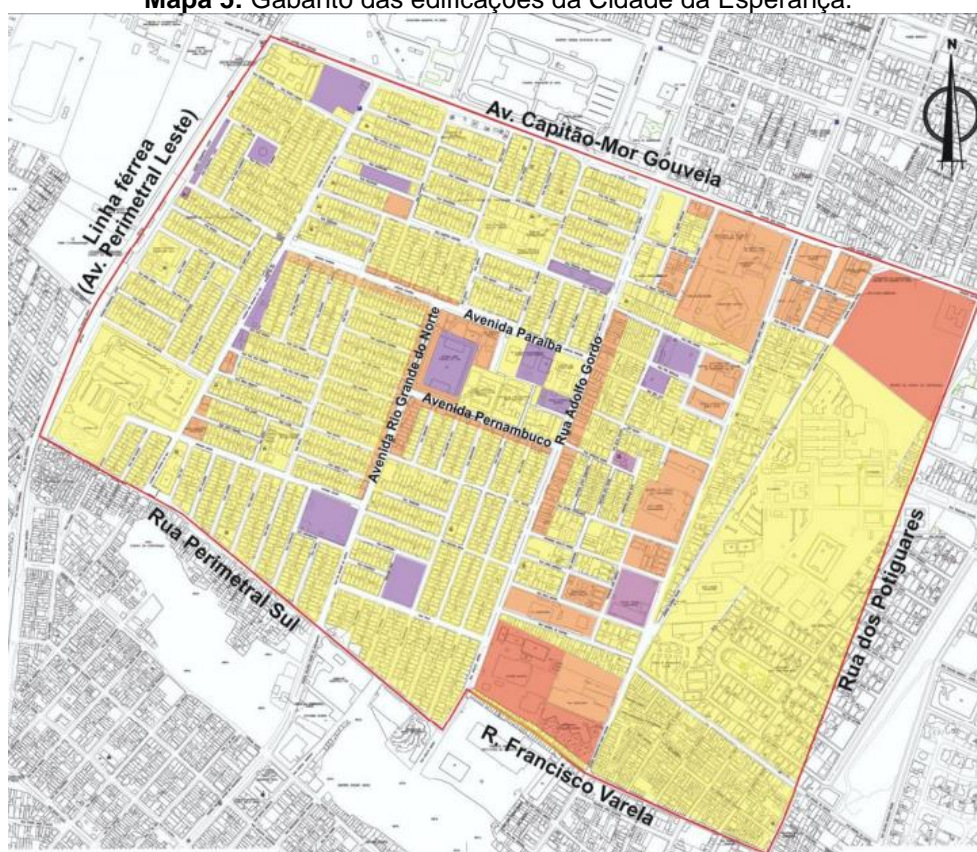
Fonte: BERTULEZA, 2014.

Percebe-se, comparando-a com a **Figura 10**, que o perfil de traçado viário permaneceu semelhante ao projetado. Logo, mesmo com as áreas que possuem vias coletoras em expansão para as edificações de uso comercial, tornando estes locais áreas mais dinâmicas, o bairro como um todo caracteriza-se como mais calmo, onde muitos moradores se conhecem, chegando a fazer parte das histórias de vidas uns dos outros. Percebendo-se também, que a área comercial em expansão se concentra no centro do bairro, como um coração, entre as avenidas Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e a Rua Adolfo Gordo, que é exatamente onde a área de intervenção se inserirá. Neste quarteirão, não só áreas comerciais, mas também existem diversos tipos de outros usos, como: uma igreja, uma praça, escola, UPA e áreas dedicadas à prática de esportes.

Analisando o **Mapa 3** e o **Mapa 4**, cabe observar que o principal ponto de atração para tráfego de veículos, também se concentra neste quarteirão central.

Através do **Mapa 1** **Mapa 5**, vê-se que as edificações permaneceram predominantemente de pavimento térreo, como o original, sendo verticalizada em alguns pontos com edificações de dois até quatro pavimentos. Já com relação ao fluxo viário existente no entorno da área de intervenção, pode-se analisar, através de observação *in loco*, que quem frequenta este espaço, costuma estacionar entre as Avenidas Adolfo Gordo e a Avenida Pernambuco. Assim, foi-se feito um estudo dos polos geradores de tráfego destas vias.

Mapa 5: Gabarito das edificações da Cidade da Esperança.



LEGENDA

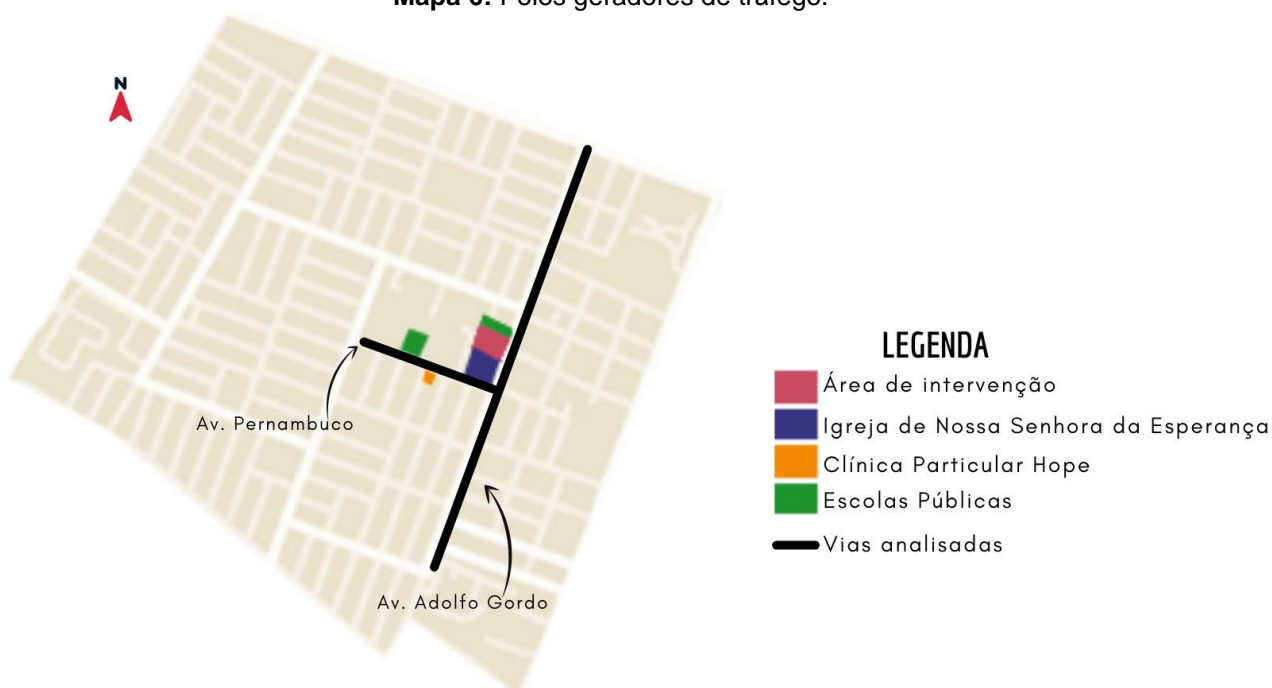
01 Pavimento
 02-04 Pavimentos
 Acima de 04 Pavimentos
 Área não-construída

Fonte: BERTULEZA, 2014.

Conforme **Mapa 6**, pode-se observar as avenidas analisadas em um traço na cor preta. Nessas vias, considerando o entorno da área de intervenção, observa-se que os principais polos geradores de tráfego, são a própria igreja de Nossa Senhora da Esperança e Santo Inácio de Loyola; uma clínica particular, chamada Hope; e duas escolas. Porém, as escolas possuem estacionamentos particulares cada e geram tráfego apenas para o embarque e desembarque dos alunos e esse tráfego é tido durante o turno matutino e vespertino que são dos horários de aulas; a clínica Hope

não possui estacionamento próprio, gerando além do tráfego, boa parte da ocupação das vagas de estacionamento da avenida Pernambuco, onde está inserida, no seu horário de funcionamento entre às 06:00-18:00 horas, seu público são pessoas de todas as idades, com uma variação de especialidades, realizando vários tipos de exames; a Avenida Adolfo Gordo é caracterizada por um intenso fluxo viário o dia inteiro, devido ser uma das rotas para o bairro de Cidade Nova, porém, o estacionamento das suas vias só são ocupados por completo, nos horários de missa da Igreja de Nossa Senhora da Esperança. Assim, elas são celebradas de segunda-feira à sábado às 19:00 horas e domingo às 08:00 horas, 17 horas e 19 horas.

Mapa 6: Polos geradores de tráfego.



Fonte: Autoral. 2021. Com base em *Google Maps*, 2021.

Já com relação aos equipamentos urbanos, segundo levantamento realizado por Bertuleza (2014), percebe-se a existência de vários deles na região mais central e poucos em torno do limite do bairro. Contam quatro equipamentos voltados para escolas/creches estaduais; três escolas/creches municipais; dois equipamentos de saúde; quatro campos de futebol ou quadras; três praças; uma área destinada à feira livre; e oito equipamentos voltados para a segurança.

Mapa 7: Equipamentos urbanos da Cidade da Esperança.

Fonte: BERTULEZA, 2014.

Quanto a análise urbana, no que se refere a acessibilidade no entorno ao da edificação, percebe-se que é bastante falha ou não possui alguma. Sendo ela um fator que exerce grande influência na constituição dos espaços públicos, e, que por sua vez, é orientado pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) através da NBR 9050:2004.

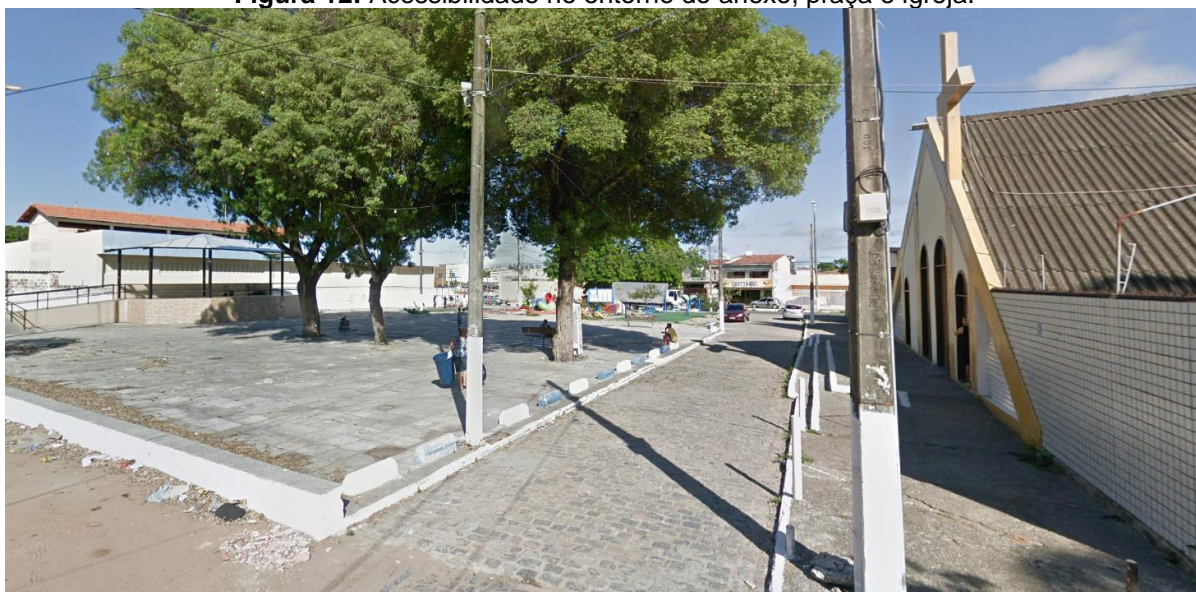
Conforme **Figura 11**, pode-se observar o acesso ao anexo nos dias de hoje. Os acabamentos da pavimentação em volta da edificação são em paralelepípedos e areia. A calçada possui um nível elevado em comparação a rua, sem rampas acessíveis, além de na lateral, ser bastante estreita, o acabamento do seu revestimento está todo corroído, assim como seu piso tátil. Essa configuração se repete por todo o bairro. Na **Figura 12**, vê-se a repetição dos acabamentos, a própria rua cabe um pouco mais de um carro estacionado e a igreja possui rampa da calçada para ela, mas não possui da rua para calçada.

Figura 11: Acessibilidade no entorno do anexo.



Fonte: Google Maps, 2021.

Figura 12: Acessibilidade no entorno do anexo, praça e igreja.



Fonte: Google Maps, 2021.

Na figura a seguir, foram-se marcados os pontos com rampas, em torno do quarteirão onde o terreno se localiza:

Figura 13: Marcação de rampas acessíveis no quarteirão.

Fonte: Google Maps, (2021); adaptado.

Na figura acima, observa-se que por todo o entorno, estão assinaladas nas bolinhas laranjas, as rampas acessíveis, onde só puderam ser encontradas sete por todo o perímetro. Ainda assim, algumas não cumprem com as inclinações ou estão deterioradas. Além disso, durante o percurso pelo perímetro, o pedestre se depara com muitos obstáculos referentes a entulhos e comércios utilizando da calçada para uso próprio.

Figura 14: Obstáculos na Avenida Pernambuco.

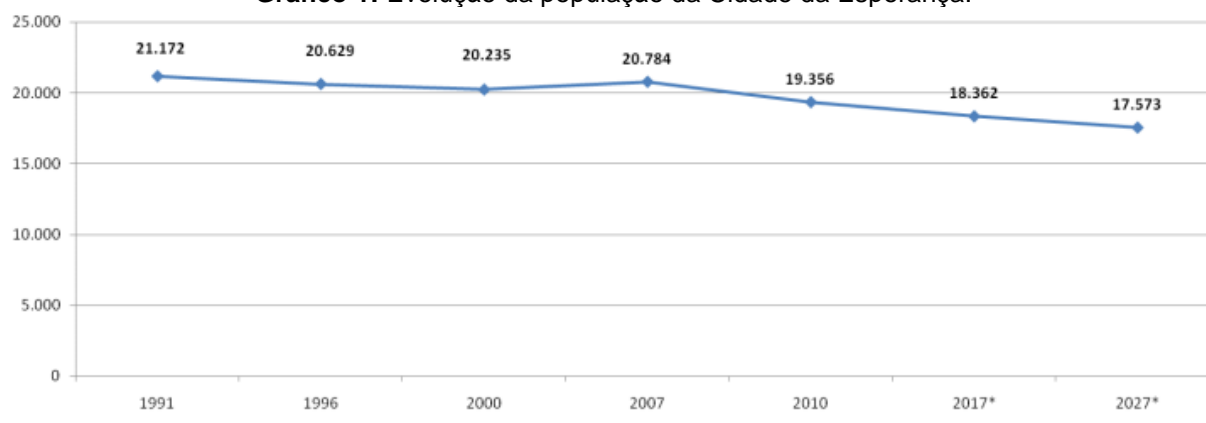
Fonte: Google Maps, 2021.

Figura 15: Entulho na Avenida Paraíba.

Fonte: Google Maps, 2021.

Quanto a caracterização do perfil social dos moradores do bairro, através do arquivo “Conheça Melhor seu Bairro”, da SEMURB (2017), pôde-se encontrar algumas informações acerca das características social dos moradores, porém até o ano de 2010. O arquivo traz dados de 2017 e 2027, porém como estimativa.

A estimativa do nível populacional, para o ano de 2017, chegou a ser de aproximadamente 18 362 pessoas, com o maior índice de faixa etária com pessoas entre 40 e 49 anos de idade, sendo a maior parte da população do sexo feminino.

Gráfico 1: Evolução da população da Cidade da Esperança.

Fonte: Conheça seu bairro, SEMURB (2017).

Tabela 1: Classificação da faixa etária da Cidade da Esperança.

ZONA OESTE/ Faixa Etária	Cidade da Esperança					
	2010		2017		2027	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
00 - 01	103	87	70	55	40	28
01 - 04	450	434	332	328	208	212
05 - 09	562	580	408	419	249	255
10 - 14	741	702	588	526	408	336
15 - 19	776	873	612	696	422	486
20 - 24	921	914	845	786	721	613
25 - 29	797	852	727	744	616	592
30 - 34	688	808	572	670	425	495
35 - 39	690	807	593	694	461	541
40 - 44	715	874	813	1027	943	1250
45 - 49	670	828	955	1044	1530	1405
50 - 54	444	558	484	558	528	539
55 - 59	325	496	323	527	310	556
60 - 64	288	466	302	492	312	514
65 - 69	233	356	255	409	281	481
70 - 74	178	329	183	372	185	429
75 - 79	117	217	103	225	83	229
80 + idade	170	307	235	390	359	532
	8868	10488	8399	9963	8080	9493

Fonte: Conheça seu bairro, SEMURB (2017).

Assim, optou-se por utilizar, além dos dados cedidos pela SEMURB, pelo menos nesta fase inicial de trabalho, informações acerca dessa caracterização por meio do questionário aplicado à população do mesmo.¹⁸

Ao todo 121 pessoas responderam ao questionário¹⁹, porém, como a primeira etapa foi a de filtragem para que apenas moradores do bairro respondessem, apenas 104 delas, seguiram adiante. Assim, pode-se observar que: (I) Maior parte dos moradores que responderam possuem de 21 a 25 anos (42,3%), em seguida pessoas com mais de 50 anos (13,5%); (II) maior parte dos que responderam moram com 3 pessoas (35,6%), em seguida com 2 pessoas (23,1%); (III) A renda familiar mensal com 56,7% foram de famílias que recebem de 2-4 salários mínimos, em seguida com 18,3% de famílias que recebem de 5-6 salários; (IV) O grau de escolaridade da maioria é de ensino superior completo com 45,2%, em seguida de ensino médio completo com 40,4%; (V) Quanto a se os entrevistados possuem alguma religião ou filosofia, 87,5% das pessoas são da religião católica e os demais se dividem entre protestantes, ateus e não praticantes.

¹⁸ Ver apêndice D.

¹⁹ Gráficos de respostas disponíveis no apêndice D.

3.3 CONDICIONANTES AMBIENTAIS E FÍSICAS

O conhecimento das condicionantes ambientais e físicas da área de intervenção é de suma importância para o processo de projeção, pois servem de subsídio para o desenvolvimento e implantação do projeto proposto, seja ele de cunho urbanístico, arquitetônico ou paisagístico. Essas condicionantes se caracterizam pelo estudo e apresentação de aspectos topográficos que envolvem a planimetria, altimetria e georreferenciamento do terreno e da existência de vegetação na área bem como suas funcionalidades e característica. Caracterizam-se também pelo estudo das várias faces do conforto ambiental: conforto térmico, lumínico e acústico. A partir deste item, a análise ocorrerá apenas por meio do próprio quarteirão do projeto.

3.3.1 Topografia

Analisando a base cartográfica da SEMURB (2006), foi-se elaborado o mapa a seguir. Nele, pode-se observar no círculo em destaque, na cor amarela, que apenas uma curva de nível passa pelo terreno. Tendo em vista que o intervalo entre esta curva e as demais é de um metro, o terreno é basicamente plano, não havendo nenhum tipo de alicve ou declive.



Fonte: SEMURB, 2006; adaptado.

Não só nessa área, mas todo o bairro possui essa mesma característica, possuindo uma elevação, apenas nas redondezas do final da Rua Adolfo Gordo, chegando ao bairro de Cidade Nova, não possuindo nenhum tipo de lago, ou área de

águas concentradas, apenas duas lagoas de captações, não sendo então a área de intervenção uma área alagadiça.

3.3.2 Vegetação existente

A saber, a vegetação é considerada um elemento importantíssimo e, forte aliado da manutenção da qualidade de vida das pessoas no espaço urbano, “pois funcionam como filtro ambiental, reduzindo a poluição atmosférica, além de amenizar o calor, a insolação, a velocidade dos ventos e os ruídos”. Além disso, ela ainda contribui ajudando “no combate a erosão de solos desnudos e os frutos produzidos servem como fonte alimentar para os animais que as usa como abrigo” (NATAL, 2009 *apud* BERTULEZA, 2014).

Quanto as vegetações existentes, através do mapa abaixo, adaptado a partir da base cartográfica da SEMURB (2006), com recorte do entorno da área de intervenção, é possível observar que há uma boa distribuição de vegetação no decorrer do bairro.

Mapa 9: Vegetação no decorrer do entorno na área de intervenção.

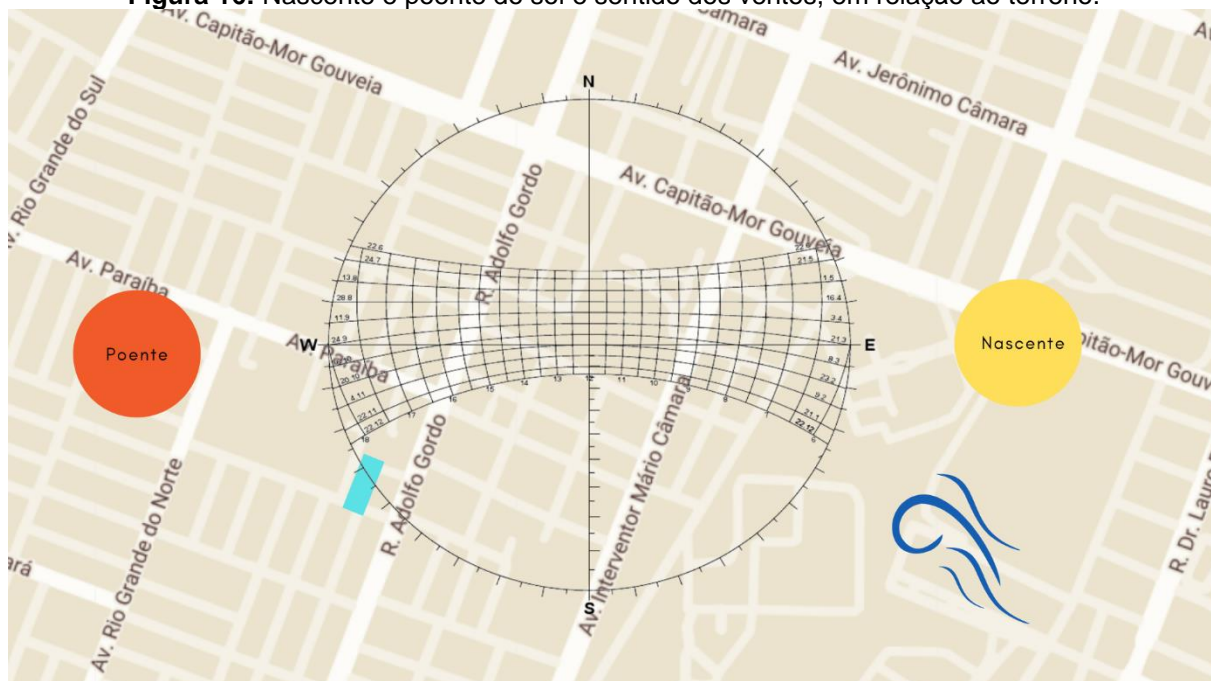


Fonte: SEMURB, 2006; adaptado.

3.3.3 Conforto térmico

No hemisfério sul, onde está inserido o Brasil, o sol nasce na face 'LESTE', logo, essa face recebe maior incidência do sol pela manhã, enquanto a face 'OESTE', recebe o sol da tarde, fazendo com que a face 'NORTE' também receba uma incidência da luz do sol durante o dia, no decorrer da rotação do mesmo, logo a face 'SUL', é a que menos recebe essa incidência.

Figura 16: Nascente e poente do sol e sentido dos ventos, em relação ao terreno.



Fonte: Google Maps, 2021; adaptado.

Na imagem acima, a edificação está em destaque na cor ciano. Assim, pode-se observar que as maiores fachadas recebem maior insolação no dia, porém a sua volta é bastante arborizada e a face 'sul' possui uma edificação por trás da mesma, fazendo com que apenas a face 'leste receba mais sol. A face 'sul' então será naturalmente uma área que se caracterizará por umidade, devendo levar uma atenção maior para tratamento de impermeabilizações.

Sabendo também, que os ventos vêm do Sudeste pode-se observar que por o anexo possuir uma grande área livre à sua frente (a Praça), recebe por toda sua extensão 'norte' a incidência desses ventos. Logo, a estrutura da face 'norte' deverá permitir a proteção solar, mas também a permeabilidade dos ventos.

3.3.4 Conforto Visual

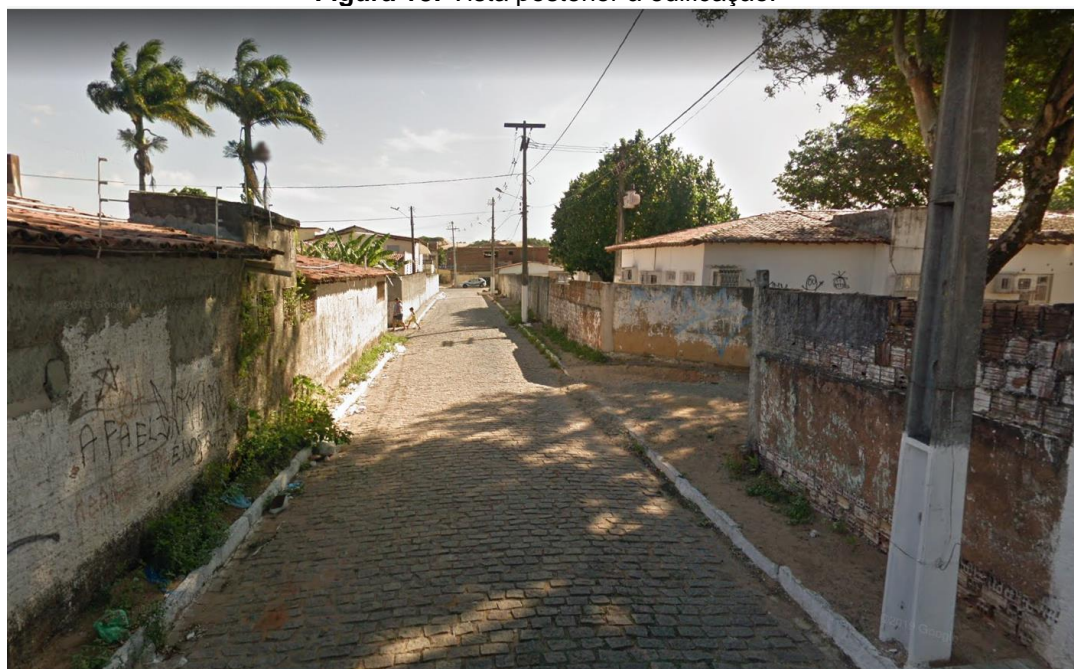
No que se refere as análises visuais no entorno à área do terreno, observa-se as imagens a seguir:

Figura 17: Vista frontal à área de intervenção.



Fonte: Google Maps, 2021.

Figura 18: Vista posterior à edificação.



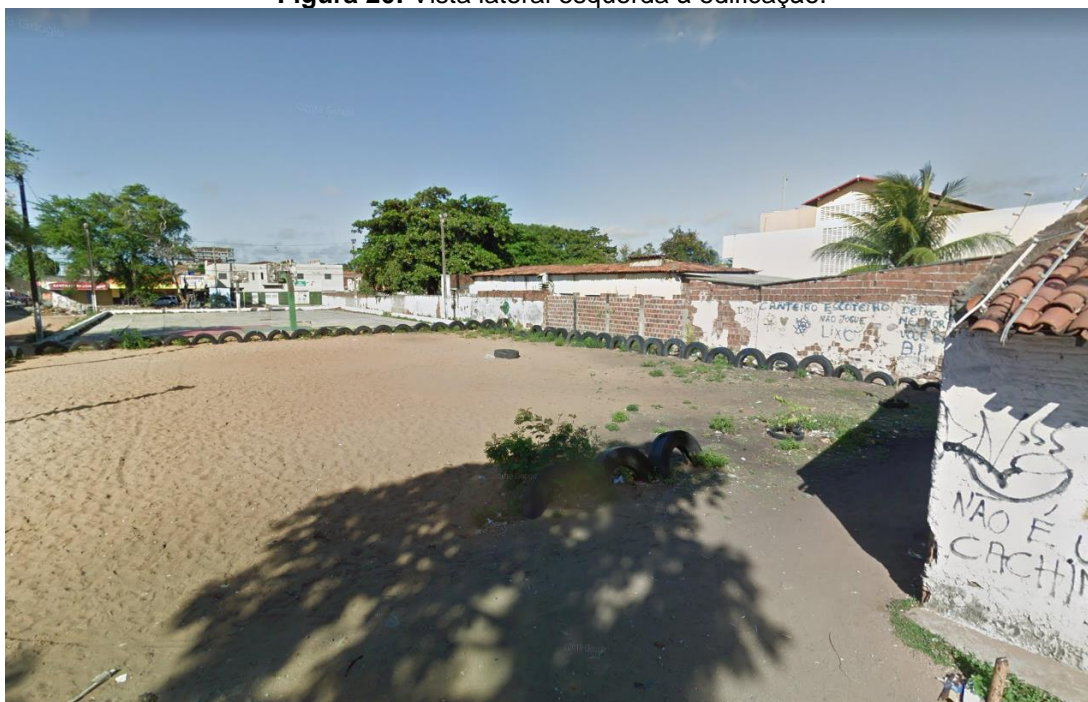
Fonte: Google Maps, 2021.

Figura 19: Vista lateral direita à edificação.



Fonte: Google Maps, 2021.

Figura 20: Vista lateral esquerda à edificação.



Fonte: Google Maps, 2021.

Nas imagens acima, pode-se observar as vistas ao redor da edificação, com o ponto de observação com o ponto do observador situado em cada face existente. Na face 'leste' o observador se deparará com a vista da praça; na face 'oeste', se deparará com a lateral do posto de saúde; na face 'sul' a casa das freiras do bairro; e na face 'norte' com um terreno sem uso e mais à frente, uma quadra esportiva.

3.3.5 Conforto Acústico

Na figura a seguir, pode-se observar as principais fontes ruidosas em torno da área de intervenção, que se destaca na cor vermelha.

Figura 21: Principais fontes ruidosas no entorno da área de intervenção.



Fonte: Google Maps, (2021); adaptado pela autora.

Nestas fontes, observa-se duas escolas municipais, na cor laranja, sendo a mais próxima ao terreno apenas de nível infantil; na cor azul escuro, se encontra a igreja; na cor rosa uma UPA; e na cor branca, áreas destinadas ao esporte e ao lazer. Assim, pode-se observar que, já que o local a ser intervindo, deverá possuir alguns ambientes com áreas específicas mais silenciosas, algumas soluções de tratamento e barreiras acústicas, deverão ser projetadas.

3.4 LEGISLAÇÃO URBANÍSTICA

Os aspectos legais vigentes servem como norteadores da concepção arquitetônica, conduzindo o projeto de acordo com as leis do município da cidade em que está inserido. Para o projeto em evidencia, foram levados em consideração: Plano diretor de Natal (Lei Complementar n 082, de 21 de junho de 2007) e o Código de obras de Natal (Lei complementar, nº 055, de 27 de janeiro de 2004).

Através do macrozoneamento (capítulo I) no título de Uso e Ocupação do Solo, da Lei Complementar nº 082, de 21 de junho de 2007, que dispõe sobre o Plano Diretor de Natal, o bairro da Cidade da Esperança está inserido na Zona de

Adensamento Básico. O coeficiente de aproveitamento básico, o qual é estabelecido é de 1,2, para todos os usos nos terrenos contidos no bairro. Assim, sendo o terreno de 1,100 m², poderá ser desenvolvida uma edificação de até 1 320 m² de área construída, sendo de área permeável - área do lote onde é possível infiltrar no solo as águas pluviais, limitada em, no mínimo, 20% (vinte por cento) do terreno. Além disso, é importante salientar ainda que o bairro não está inserido na zona de restrição de gabarito, não havendo impedimento de verticalizar todo o potencial construtivo.

Em relação ao código de obras de Natal, instituído pela Lei Complementar nº55 de 27 de janeiro de 2004, de acordo com a tabela especificada em seu no seu anexo III, locais de velórios devem possuir 1 vaga de estacionamento a cada 50 m², se inseridas entre vias locais e como exigência, deve possuir área de lixo, embarque e desembarque.

Tabela 2: Lei complementar nº 055/00 - ANEXO III.

EMPREENHIMENTOS	INTERVALOS	VIAS			EXIGÊNCIAS
		ARTERIAIS	COLETORAS	LOCAIS	
1- Centro de compras (shopping centers)	Área computável < 20.000m ²	1 vaga / 15m ²	1 vaga / 20m ²	1 vaga / 25m ²	Parada de ônibus de turismo e urbano, táxi, carga e descarga, embarque e desembarque, lixo
	Área computável ≥ 20.000m ²	1 vaga / 20m ²	1 vaga / 25m ²	1 vaga / 30m ²	
2- Loja de departamento e especializada	Área construída < 5.000m ²	1 vaga / 45m ²	1 vaga / 50m ²	1 vaga / 55m ²	Carga e descarga, táxi, embarque e desembarque, lixo
	Área construída ≥ 5.000m ²	1 vaga / 50m ²	1 vaga / 55m ²	1 vaga / 60m ²	
3- Mercado, supermercado, padaria e hipermercado		1 vaga / 35m ²	1 vaga / 40m ²	1 vaga / 45m ²	Carga e descarga, táxi, embarque e desembarque, lixo
4- Entrepósito, terminal, armazenamento, depósito, comércio atrator de veículos pesados e similares		1 vaga / 200m ²	1 vaga / 250m ²	1 vaga / 300m ²	Carga e descarga, lixo
5- Comércio atacadista atrator de veículos leves e similares		1 vaga / 50m ²	1 vaga / 60m ²	1 vaga / 70m ²	Carga e descarga, lixo
6- Edifício para prestação de serviço geral		1 vaga / 35m ²	1 vaga / 40m ²	1 vaga / 45m ²	Lixo
7- Hotel, apart hotel ou similar		1 vaga / 2 apto. até 50m ²	1 vaga / 2 apto. até 50m ²	1 vaga / 2 apto. até 50m ²	Embarque e desembarque, lixo, ônibus de turismo, táxi, carga e descarga
		1 vaga / 1 apto. > 50m ²	1 vaga / 1 apto. > 50m ²	1 vaga / 1 apto. > 50m ²	
		1 vaga / 10m ² de salão de convenção	1 vaga / 10m ² de salão de convenção	1 vaga / 10m ² de salão de convenção	
		1 vaga / 100m ² de área de público	1 vaga / 100m ² de área de público	1 vaga / 100m ² de área de público	
8- Motel		1 vaga / apto.	1 vaga / apto.	1 vaga / apto.	Lixo
9- Hospital, maternidade, pronto socorro, clínica médica, dentária, consultório, laboratório, etc.	Até 2 pavimentos	1 vaga / 35m ²	1 vaga / 45m ²	1 vaga / 55m ²	Carga e descarga, táxi, embarque e desembarque, lixo
	Entre 2 e 6 pavimentos	1 vaga / 45m ²	1 vaga / 55m ²	1 vaga / 65m ²	
	Acima de 6 pavimentos	1 vaga / 55m ²	1 vaga / 65m ²	1 vaga / 75m ²	
10- Pré escola, creche, escola de 1º grau		1 vaga / 70m ²	1 vaga / 80m ²	1 vaga / 90m ²	Embarque e desembarque, lixo
11- escola de 2º grau, curso preparatório e ensino técnico		1 vaga / 50m ²	1 vaga / 60m ²	1 vaga / 70m ²	Embarque e desembarque, lixo
12- Faculdade pública e privada		1 vaga / 30m ²	1 vaga / 50m ²	1 vaga / 60m ²	Embarque e desembarque, lixo
13- Serviço de educação em geral, incluindo escolas de artes, dança, idiomas, academias de ginástica e de esportes, etc.		1 vaga / 40m ²	1 vaga / 50m ²	1 vaga / 60m ²	Embarque e desembarque, lixo
14- Indústrias	Área construída até 200m ²	1 vaga / 100m ²	1 vaga / 100m ²	1 vaga / 100m ²	Carga e descarga, lixo
	Área construída acima de 200m ²	1 vaga / 150m ²	1 vaga / 150m ²	1 vaga / 150m ²	
15- Oficinas de veículos, máquinas, motores e similares		1 vaga / 40m ²	1 vaga / 50m ²	1 vaga / 60m ²	Carga e descarga, lixo
16- Restaurante, salão de festas, boates, etc.		1 vaga / 10m ² de área	1 vaga / 15m ² de área	1 vaga / 20m ² de área	Carga e descarga, embarque e desembarque, lixo
17- Local de reuniões, igreja, cinema, teatro, auditório, velório, cemitério e similares		1 vaga / 30m ²	1 vaga / 40m ²	1 vaga / 50m ²	Embarque e desembarque, lixo
18- Estádio e ginásio de esportes		1 vaga / 50m ²	1 vaga / 50m ²	1 vaga / 50m ²	Embarque e desembarque, lixo
19- Pavilhão para feiras e exposições		1 vaga / 50m ²	1 vaga / 50m ²	1 vaga / 50m ²	Carga e descarga, táxi, embarque e desembarque, lixo
20- Zoológico e parque de diversão		1 vaga / 100m ² de área de exposição	1 vaga / 100m ² de área de exposição	1 vaga / 100m ² de área de exposição	Carga e descarga, táxi, embarque e desembarque, lixo
21- Comércio varejista em geral		1 vaga / 50m ²	1 vaga / 55m ²	1 vaga / 60m ²	Lixo
22- Agência bancária, posto de serviço isolado e similares	Até 2 pavimentos	1 vaga / 20m ²	1 vaga / 24m ²	1 vaga / 30m ²	Embarque e desembarque de valores, lixo
	Entre 2 e 6 pavimentos	1 vaga / 30m ²	1 vaga / 40m ²	1 vaga / 50m ²	
	Acima de 6 pavimentos	1 vaga / 40m ²	1 vaga / 50m ²	1 vaga / 60m ²	
23- Serviço de reparação de qualquer natureza com pintura e similares		1 vaga / 40m ²	1 vaga / 50m ²	1 vaga / 60m ²	Lixo
24- Serviços técnicos, financeiros e similares		1 vaga / 40m ²	1 vaga / 50m ²	1 vaga / 60m ²	Lixo
25- Serviços públicos em geral		1 vaga / 30m ²	1 vaga / 40m ²	1 vaga / 50m ²	Embarque e desembarque, lixo
26- Habitações multifamiliares isoladas ou conjugadas, conj. Habitacionais, a partir de quatro unidades	Área construída até 50m ²	1 vaga / unidade	1 vaga / unidade	1 vaga / unidade	Gás, lixo OBS: Será exigido 10% de vagas relativo ao nº de apartamentos para visitantes
	De 50m ² até 150m ²	2 vagas / unidade - OBS	1 vaga / unidade	1 vaga / unidade	
	Acima de 150m ²	2 vagas / unidade - OBS	2 vagas / unidade	2 vagas / unidade	

Fonte: Código de obras, (2004); adaptado.

Assim, sendo sua área construída de 321,02 m² a edificação deverá possuir cerca de sete vagas.

3.5 LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA

Segundo a classificação Nacional de Atividades Econômicas 9603-3, as atividades funerárias não compreendem planos de auxílio-funeral; cerimônia religiosa; serviços de somatoconservação²⁰ de cadáveres; remoção e exumação de cadáveres; e vendas de tumbas.

Os ambientes que deverão existir em um espaço como esse serão os de: sala de vigília, com área superior a 20 m²; instalações sanitárias com, pelo menos uma bacia sanitária e um lavatório, para cada sexo; bebedouro fora das instalações sanitárias e das salas de vigília; copa ou lanchonete em locais próximos; devem ser ventilados e iluminados e estarem a três metros, no mínimo, afastados das divisas dos terrenos vizinhos; e o caixão deve manter-se íntegro, ser de formato adequado e não permitir o extravasamento de líquidos provenientes do cadáver.

A seguir, vê-se projetos referenciais já existentes de edificações que servirão de inspiração para a edificação a ser proposta. Ambos também possuem âmbito religioso.

²⁰ Emprego de técnicas através das quais os cadáveres humanos são submetidos a tratamento químico com vistas a manterem-se conservados.

4 REFERENCIAIS PROJETUAIS

Por meio de pesquisas em ferramentas digitais foi-se coletado através de sites projetos que se assemelham com a proposta ou conceito pensado para o Centro de Velório proposto, tendo um olhar em especial a funcionalidade, contemplação e programa de necessidade.

4.1 CAPELA DA ESCOLA JESUÍTA

O projeto da Capela da Escola Jesuíta fica localizado em Carmichael, nos Estados Unidos e é do ano de 2014. Conta com uma área de terreno de 974 m². O escritório Hodgetts+Fungs, que desenvolveu e assinou o projeto arquitetônico e foi executado pela construtora Swinerton Builders.

Figura 22: Capela da Escola Jesuíta/ Hodgetts+Fung



Fonte: Hodgetts + Fung] 16 Nov 2019. ArchDaily Brasil. Acessado 14 Mai 2021.

Segundo a descrição dada pela própria equipe de projeto do escritório, a edificação foi criada na escola, para uso dos estudantes com o percurso indo até ele vindo desde a entrada do campus, com curvas suaves na via. Junto com a capela, essas vias se conectam a uma praça e um bosque, “abraçando-os”.

Figura 23: Vista interna da capela.



Fonte: Hodgetts + Fungj 16 Nov 2019. ArchDaily Brasil. Acessado 14 Mai 2021.

A localização e a altura da capela foram idealizadas de forma que possam refletir sua importância como marco visual, mesmo assim, formada por uma geometria simples e acabamentos bem feitos, com uma paleta de cores claras. O acesso destinado aos estudantes é orientado ao longo de uma praça. Já o acesso aos visitantes se dá por meio de uma entrada direcionada ao estacionamento.

Figura 24: Vista externa secundária da capela.

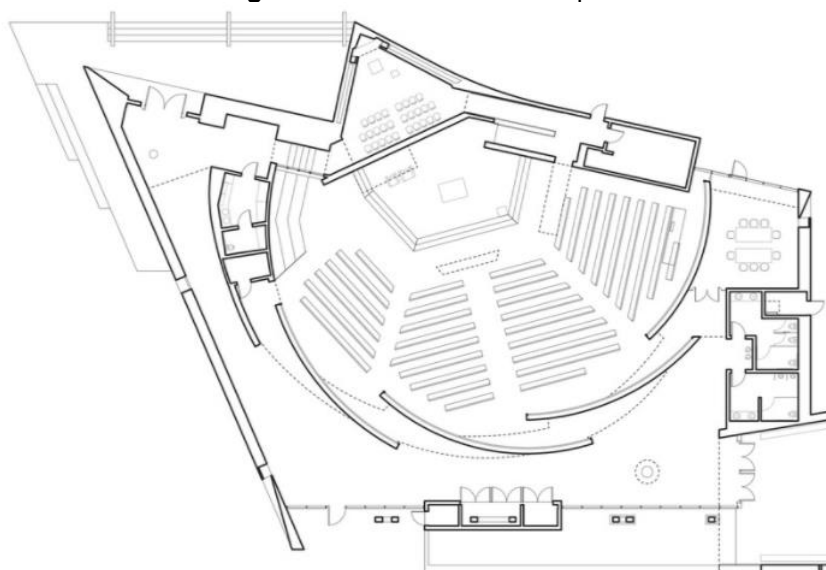


Fonte: Hodgetts + Fungj 16 Nov 2019. ArchDaily Brasil. Acessado 14 Mai 2021.

Na entrada posterior da edificação, é feita uma colagem com vidros transparentes e coloridos. Já nas fachadas laterais, as paredes são revestidas com grandes painéis de cimento, servindo também como apoio para a cobertura. Apesar da edificação, pelas imagens, parecer bastante minimalista e simples, pelas soluções adotadas e escolhas de materiais e seus ângulos retos nas faces externas, pode-se observar, pela planta baixa, que o projeto é bastante complexo, principalmente pelas suas paredes côncavas na parte interna da edificação, porém, em camadas, integrando todo o espaço, mesmo com estas barreiras formadas.

Com uma breve análise na planta, conforme **Figura 25**, observa-se que na edificação existem, halls para cada entrada, duas baterias de banheiros tanto acessíveis, como os convencionais localizados um em cada extremo e próximo a entradas, uma capela reservada, além da principal central e uma sala que se acredita ser voltada para reuniões.

Figura 25: Planta baixa da capela.



Fonte: Hodgetts + Fung] 16 Nov 2019. ArchDaily Brasil. Acessado 14 Mai 2021.

O que mais chamou-se atenção neste projeto foi o formato da cobertura, uma vez que a elevação da cobertura tem ligação com a ideia de conexão com o divino, com o religioso, comumente encontrado em edificações de uso religioso. Indo atrás disso, pode-se observar a existência de uma praça no entorno do projeto, assim como na área de intervenção do projeto a ser proposto. Neste projeto para essa área de entorno destacam-se: o uso de cores claras, com uma iluminação natural favorecendo

toda a edificação; geometria simples; uso de cores nos próprios vidros na fachada; e integração dos espaços internos, conectando todos os ambientes.

4.2 CASA FUNERÁRIA EM DABAS

A Casa Funerária em Dabas fica localizada na cidade de Dabas, na Hungria. É um projeto do ano de 2015 e consta com uma área de 128 m². A edificação é de autoria do escritório L.Art Architectural Office.

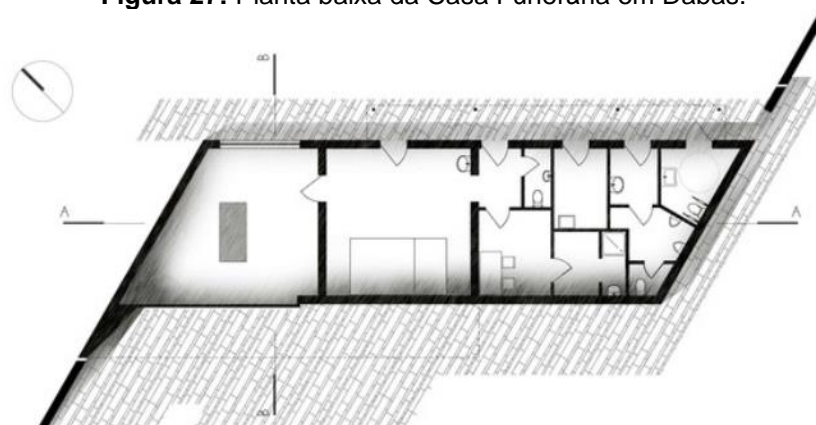
Figura 26: Fachada da Casa Funerária em Dabas.



Fonte: "Casa Funerária em Dabas / L.Art Architectural Office" [Funeral Home in Dabas / L.Art Architectural Office] 25 Jan 2016. ArchDaily Brasil. Acessado 26 Mai 2021.

Segundo a descrição realizada pela própria equipe de projeto do escritório, eles tentaram representar a morfologia urbana em termos dos materiais usados e outros elementos.

Figura 27: Planta baixa da Casa Funerária em Dabas.

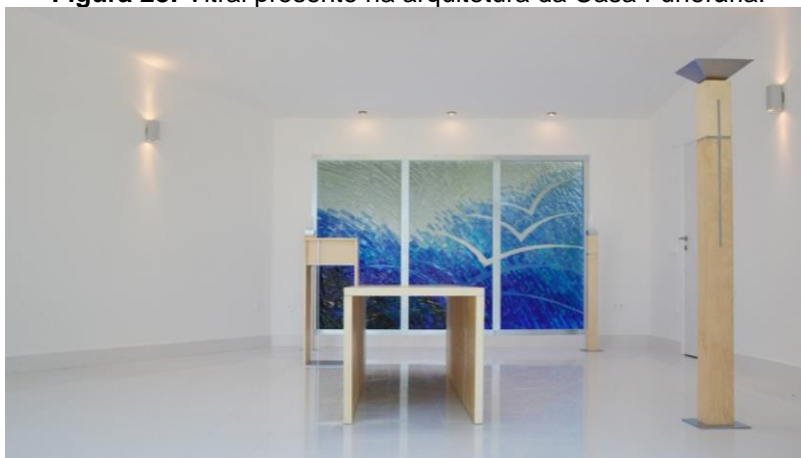


Fonte: "Casa Funerária em Dabas / L.Art Architectural Office" [Funeral Home in Dabas / L.Art Architectural Office] 25 Jan 2016. ArchDaily Brasil. Acessado 26 Mai 2021.

Na planta baixa, pode-se observar a existência de algumas salas e banheiros, uma área voltada para área administrativa, um ambiente voltado para a celebração fúnebre e um ambiente voltado para os momentos oracionais. Em uma das paredes

da parte interna da edificação, conta com um vitral azul, em três peças, simbolizando o “além”.

Figura 28: Vitral presente na arquitetura da Casa Funerária.



Fonte: "Casa Funerária em Dabas / L.Art Architectural Office" [Funeral Home in Dabas / L.Art Architectural Office] 25 Jan 2016. ArchDaily Brasil. Acessado 26 Mai 2021.

Figura 29: Perspectiva da edificação.



Fonte: "Casa Funerária em Dabas / L.Art Architectural Office" [Funeral Home in Dabas / L.Art Architectural Office] 25 Jan 2016. ArchDaily Brasil. Acessado 26 Mai 2021.

CONSIDERAÇÕES DA PARTE II – DIAGNÓSTICO DA ÁREA

Entendendo então um pouco de como o bairro se iniciou, como funciona sua dinâmica no dia a dia, os condicionantes ambientais em relação ao terreno onde a edificação será inserida, as legislações vigentes e a entrevista feita com os moradores do bairro, além dos referenciais projetuais, eles servirão para nortear as decisões projetuais que serão vistas a seguir.



PARTE III

SOLUÇÕES ADOTADAS

PARTE III – SOLUÇÕES ADOTADAS

5 PROPOSTA

A intenção deste anteprojeto surge de uma demanda da Paróquia Santuário de Nossa Senhora da Esperança e Santo Inácio de Loyola, tendo em vista que a igreja tem um papel social muito importante, no que se refere aos rituais fúnebres, especialmente pela relação da comunidade com a igreja. Retoma-se o objetivo geral desse trabalho que é o de elaborar um anteprojeto arquitetônico de uma arquitetura religiosa fúnebre, onde as pessoas possam se sentir acolhidas, inseridas na comunidade e para que tenham suporte físico e espiritual em seu momento do luto. Assim, tendo em conta os estudos realizados o busca-se no novo espaço fúnebre um local de silêncio, recordação, uma nova forma de despedida dos que já partiram. Este tópico irá desenvolver os pontos referentes ao anteprojeto a ser proposto.

5.1 CONCEITO E PARTIDO ARQUITETÔNICO

O conceito do projeto é a memória. Por meio da memória aqueles que partiram permanecem vivos no coração daqueles que ficaram. E os familiares e amigos tem na memória um lugar para vivenciar seu luto. Com base no conceito do projeto – Memória - pretende-se destinar uma área da edificação, a um espaço de memórias, onde as pessoas veladas ali possam fazer parte da história do edifício e continuar parte da comunidade, através de fotografias e mensagens.

Para o desenvolvimento do projeto voltado para um espaço fúnebre, como um facilitador no processo da perda, a partir do conceito da memória, buscou-se explorar os conhecimentos adquiridos no decorrer do Capítulo 2, acerca do uso de determinados elementos arquitetônicos, como influenciadores dos sentidos e do temperamento humano. Assim, pretende-se abordar neste trabalho, lugares amplos e bem iluminados, com as luzes específicas para cada tipo de atividade; o uso de cores claras, para compor um ambiente neutro; o uso de texturas macias e acabamentos lisos; um local com um bom aproveitamento térmico, explorando alguns condicionantes ambientais; Uso de vegetações como um influenciador do cheiro do local; e uso de alguns tipos de vedações para tratamento em alvenaria, como um meio de isolar acusticamente as paredes que mais recebem incidência de ruídos.

5.2 IDENTIDADE VISUAL

Com base no conceito pensado para o projeto e durante o decorrer do trabalho, todo foco do centro de velório será voltado para o envolvimento da comunidade e o cultivo da memória. Unindo estes aspectos, aos interesses de encontrar um nome para o espaço, surgiu o nome “Raízes”. As raízes são a base de uma árvore. Quanto mais fincada ao solo, mais firme a árvore irá permanecer. O intuito é que os usuários da edificação sejam pessoas com raízes do bairro ou de comunidades vizinhas e que possam criar raízes também lá. Para isso, foi-se realizada uma logo em formas geométricas, já que na edificação predominarão linhas retas, onde foi feita a silhueta de uma árvore.

Figura 30: Logo criada para o Centro de Velório Raízes.



Fonte: Autoral, 2021.

Vale ressaltar ainda a escolha da cor azul que, como visto no tópico 2.1.1, remete a contemplação, paz, paciência, emoções mais amenas e leves.

5.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES

Na quarta etapa do questionário aplicado à população²¹ foi possível o entendimento da demanda dos que já visitaram um espaço fúnebre. Depois da filtragem com o intuito de só permanecerem respondendo, pessoas que já vivenciaram esse espaço, continuaram na pesquisa 92 pessoas. Acerca das respostas observou-se como principais necessidades do usuário quanto ao espaço, sendo um norteador e complementar para o programa de necessidades pensados inicialmente, como a lanchonete. A partir dos estudos realizados acerca do tema do projeto, os estudos referenciais e com base nestas respostas obtidas no questionário aplicado à

²¹ Ver questionário no apêndice D.

população, a seguir vê-se uma tabela com os ambientes que constaram inicialmente no espaço previsto para o Centro de velório.

Tabela 3: Programa de necessidades do anteprojeto.

Ambiente	Quantidade	Área (m²)
Espaço para velação	1	74,56 m ²
Sala de apoio a família com copa	1	23,10 m ²
Administração/controle	1	9,16 m ²
Banheiros de uso geral	2	2,10 m ² cada
Banheiro acessível	1	5,54 m ²
Serviço de floricultura	1	19,23 m ²
DML	1	4,36 m ²
Depósitos	2	3,30 m ² 6,61 m ²
Estacionamento	1 vaga para cada 50 m ² construídos = 7 vagas	11 vagas
Lanchonete	1	18,05 m ²
Lixo	1	9 m ²
Área contemplativa	1	Praça

Fonte: Autoral, 2021.

Dentre os ambientes que foram pensados inicialmente e o que foi proposto no para o anteprojeto, pode-se notar que alguns itens saíram, assim como novos apareceram. Dentre ele a sala de administração/controle não existia, mas se tornou necessária ao pensar que as pessoas necessitariam do local para se reunirem para ajustes dos trâmites legais com o centro e o controle, para administrar os velórios que necessitem de transmissão; ainda, o espaço físico do espaço de velação foi reduzido, em compensação toda a porta dele poderá ser aberta, podendo se entender para o espaço de circulação caso haja casos de velórios com o maior porte de pessoas; o DML surgiu da necessidade do centro para a guarda dos produtos de

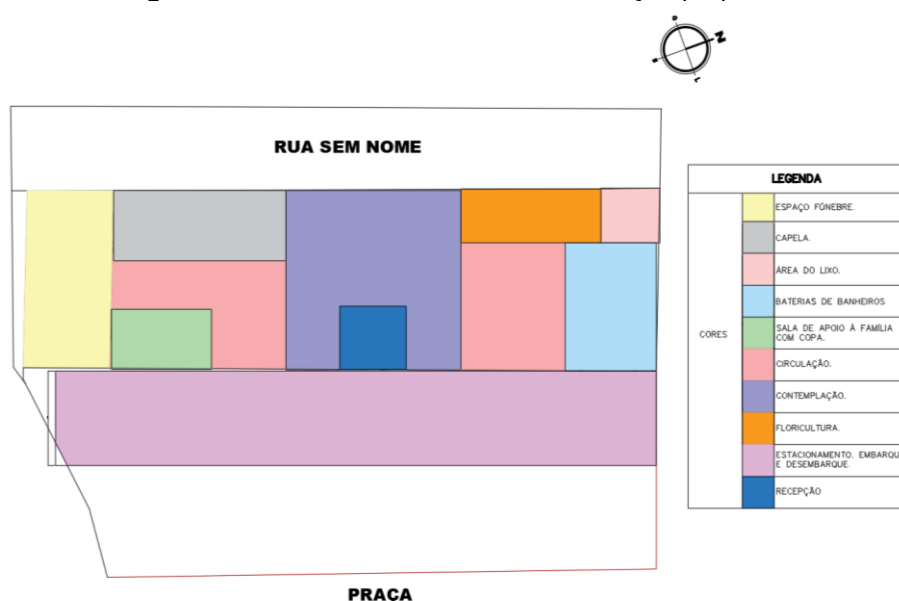
limpeza, assim como os depósitos para a guarda dos mantimentos da floricultura e da lanchonete.

5.4 EVOLUÇÃO DE PROJETO

Este tópico apresenta o zoneamento inicial e as modificações que foram sendo realizadas até chegar na proposta atual para o ante projeto do espaço fúnebre de velório. Vale ressaltar que os zoneamentos foram feitos por manchas de cores, considerando proporções preliminares e as primeiras propostas foram feitas antes da conclusão do programa de necessidades, não possuindo todos os ambientes proposto anteriormente.

Na primeira proposta, na figura a seguir, foi o primeiro zoneamento proposto, assim, nele não estão inseridos todos os ambientes propostos no programa de necessidades final. Nele o estacionamento é apresentado voltado para o lado da praça, onde hoje esse espaço é apenas um local todo em areia. Porém pensando na incidência solar e na circulação dos ventos, a extensão da fachada voltada para a praça recebeu os cômodos do espaço fúnebre, da sala de apoio, da recepção e das baterias de banheiros, onde não seria interessante os banheiros nesta fachada, pois é dela que entra a maior parcela dos ventos e para a outra fachada, onde mais recebe o sol da tarde, ficaram a capela e a floricultura, dificultando o conforto térmico para estes locais que são de alta permanência.

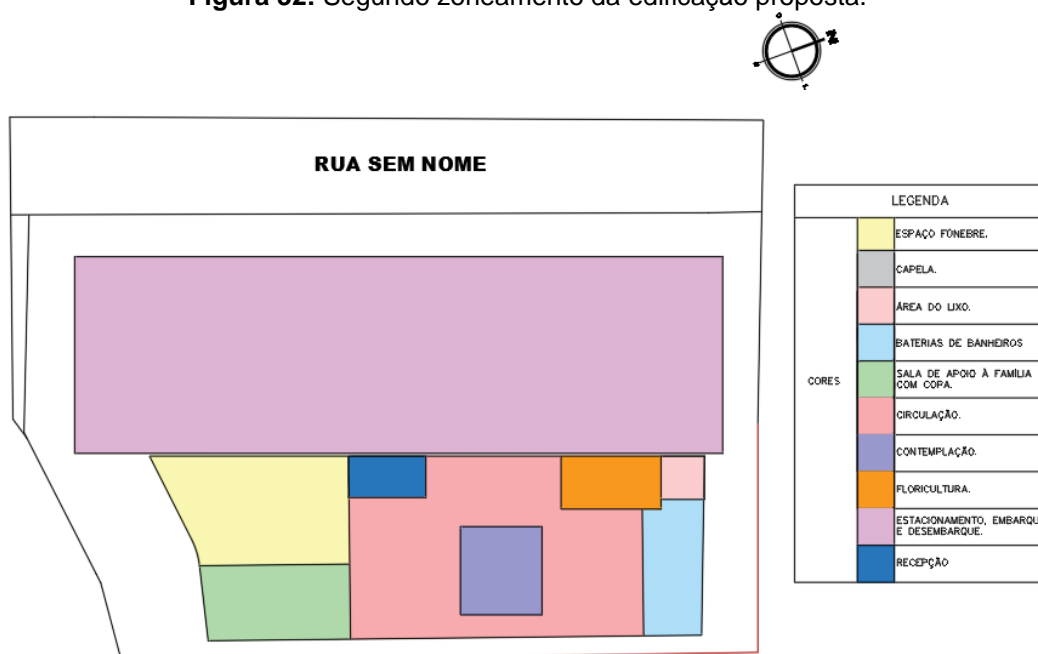
Figura 31: Primeiro zoneamento da edificação proposta.



Fonte: Autoral, 2021.

Já no segundo zoneamento proposto, como consta na figura a seguir, já percebe-se que o estacionamento foi colocado não para o lado da praça, mas para a rua posterior, pois neste zoneamento já surgiu a intenção de manter a rua lateral a praça apenas para pedestres e carros de emergência. Nela também, já observa-se a remoção da capela no programa de necessidades, pois foi-se pensado que o centro de velório fica localizado ao lado da igreja ao qual também possui uma capela. Assim, caso o usuário necessite de um espaço reservado para oração, pode dirigir-se a ela. Porém a floricultura ainda ficou voltada para o sol da tarde e os banheiros para a entrada dos ventos.

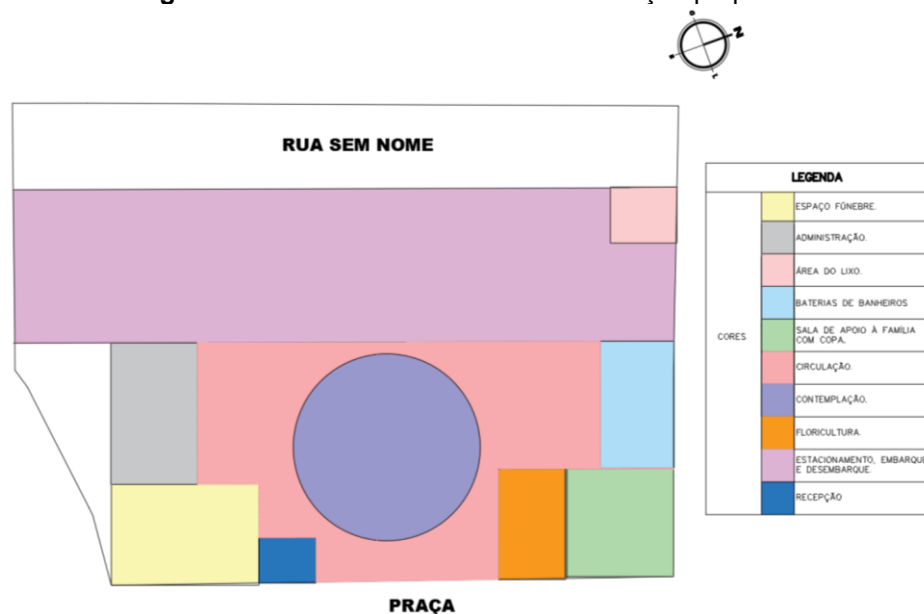
Figura 32: Segundo zoneamento da edificação proposta.



Fonte: Autorial, 2021.

Já no terceiro zoneamento, na figura a seguir, é a primeira em que a casa de lixo é levada para fora da edificação para que os banheiros possam sair da fachada da praça, ir para a que recebe o sol da tarde e a floricultura foi para a praça onde receberá apenas o sol da manhã, mas também receberá todo o vento. A sala de apoio foi para o outro lado para que o espaço fúnebre também pudesse sair do sol da tarde.

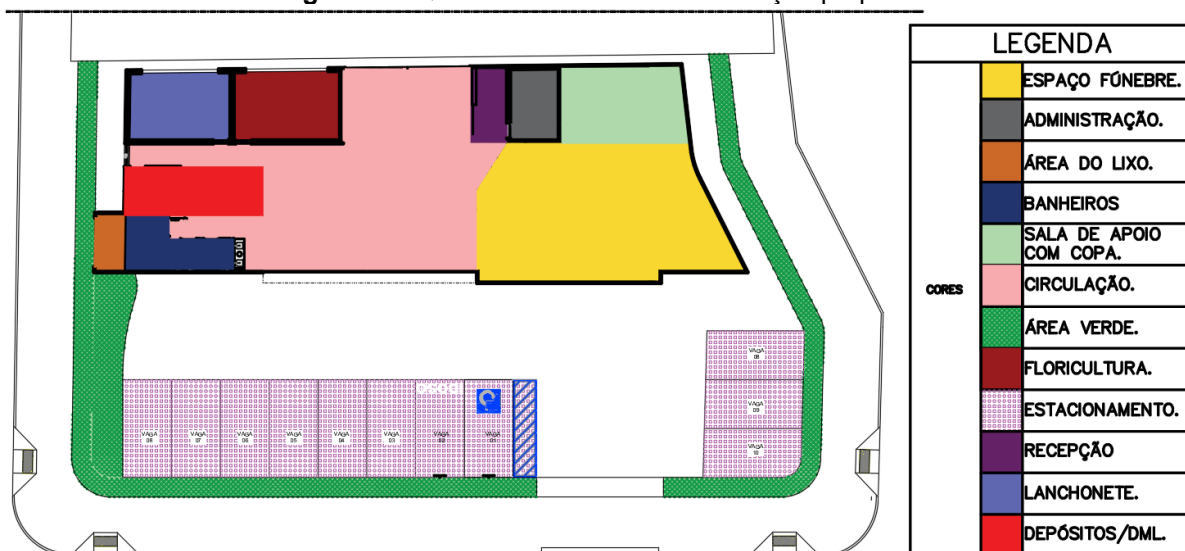
Figura 33: Terceiro zoneamento da edificação proposta.



Fonte: Autoral, 2021.

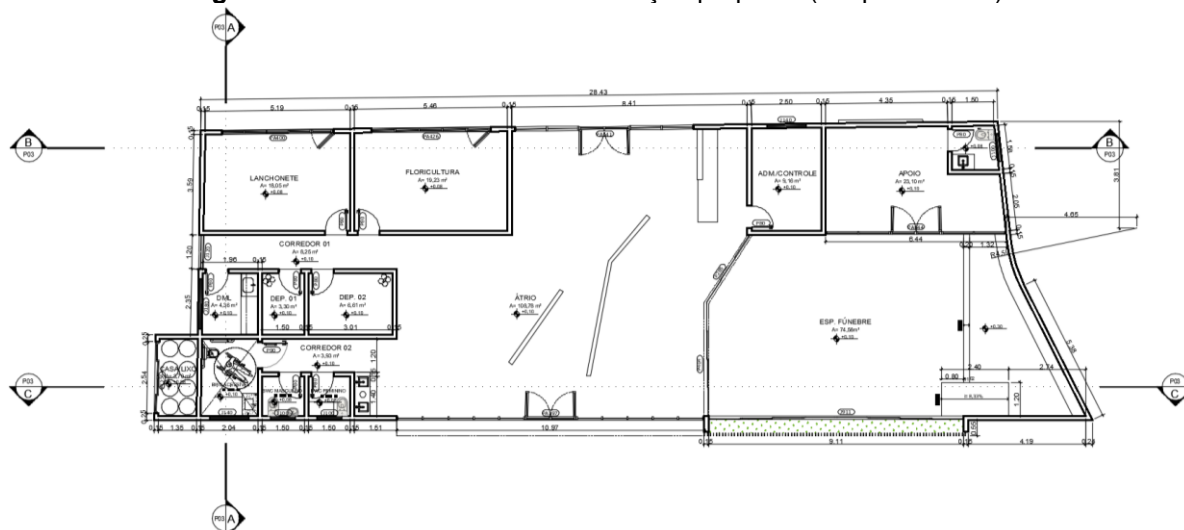
Após o zoneamento anterior, surgiu-se a necessidade de novos espaços e daí que vem a última proposta. Como pode-se observar na imagem a seguir, foram criados novos ambientes como os de: lanchonete e os de depósitos/DML. Nele, o estacionamento fica voltada para a face posterior ao da praça, ainda mantendo-se a ideia da rua lateral se tornar pedonal e a rua do lado dele, que antes não possuía nome, se tornou a Rua Pe. Tarcísio, primeiro padre e quem fundou a paróquia. A sala de apoio voltou para onde ficava, para que do lado fique a administração, para que da administração fique próxima ao espaço fúnebre, já que nela vai ficar a sala de controle, para organização dos velórios que se pretendam serem transmitidos. A recepção, a floricultura e a lanchonete ficaram na entrada da praça para facilitar não só ao público do centro de velório, mas também o da própria igreja e a praça, para ter-se um uso constante no local, mesmo quando não está acontecendo velórios. Com essa proposta o espaço pode conseguir gerar renda de aluguel, possibilitando sua manutenção contínua dos depósitos serão para o comércio e o DML para guarda dos materiais de limpeza do centro. Os banheiros permaneceram no local do sol da tarde e a casa do lixo, foi para a lateral da edificação. O espaço fúnebre voltou para face oeste. Assim, mesmo que a edificação posterior e a vegetação da mesma proteja de alguma forma o espaço, serão previstos alguns elementos naturais que façam com que o espaço não se torne desconfortável termicamente.

Figura 34: Quarto zoneamento da edificação proposta.



Fonte: Autoral, 2021.

Figura 35: Planta baixa final da edificação proposta (ver prancha 02).



Fonte: Autoral, 2021.

Assim, na planta baixa final, se encontram na fachada leste a lanchonete, a floricultura, a recepção, a sala administrativa, a sala de apoio com o lavabo; na fachada oeste o espaço fúnebre, a casa do lixo e os banheiros; e no centro, na fachada norte ficam os dois depósitos e o DML; no centro se concentra o espaço reservado para cultivo da memória, onde será tratado mais à frente; o espaço fúnebre comporta quarenta e oito pessoas sentadas confortavelmente com medidas suficientes para o distanciamento de segurança, podendo caber mais cadeiras e a porta do espaço pode ser totalmente aberta. Assim, em funerais maiores, as pessoas podem também utilizar do espaço de velação, para cultivar a pessoa morta de dentro

do espaço. No espaço fúnebre a janela em fita pode ser totalmente aberta, dando para uma área verde, levando um pouco da natureza para dentro deste espaço. A divisão entre essa área verde e o lado externo se dá por meio de brises de madeira.

5.5 MEMORIAL DESCRITIVO

Partindo para o memorial descritivo da proposta de intervenção, este tópico irá abordar as questões referentes as soluções e estratégias finais do projeto, iniciando pelas características gerais da intervenção e, mais adiante, abordando o conteúdo gráfico elaborado como produto do trabalho.

5.5.1 Nome das vias

Dentre as intervenções previstas para este anteprojeto, uma das primeiras foram para os nomes das ruas. Como pode-se observar na **Figura 36**, apenas a Rua principal do lado oposto à intervenção era nomeada com o nome de “Rua Adolfo Gordo”.

Figura 36: Nomes das ruas da área antes da intervenção.



Fonte: Autorial, 2021.

Figura 37: Nomes das ruas da área depois da intervenção.

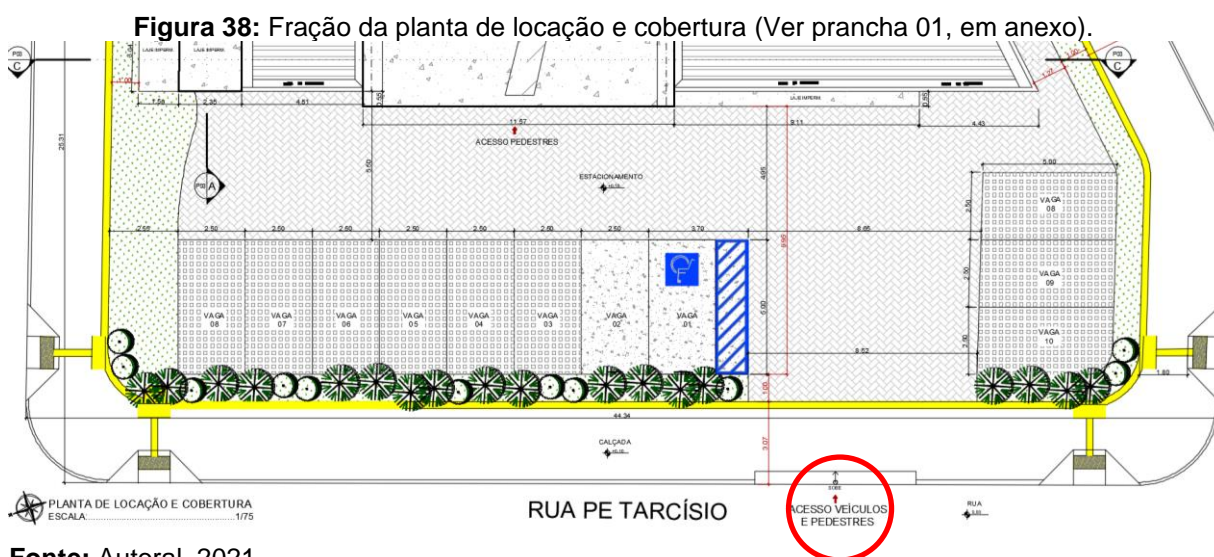


Fonte: Autorial, 2021.

Após a intervenção, conforme **Figura 37**, a rua principal de acesso a edificação se dará pela “Rua Pe. Tarcísio” e pela “Rua Pe. Augustín”. Sendo ambas uma homenagem aos antigos padres da paróquia, tendo em vista que agora o Pe. Jonerikson é o terceiro padre vigente.

5.5.2 Acessos e estacionamento

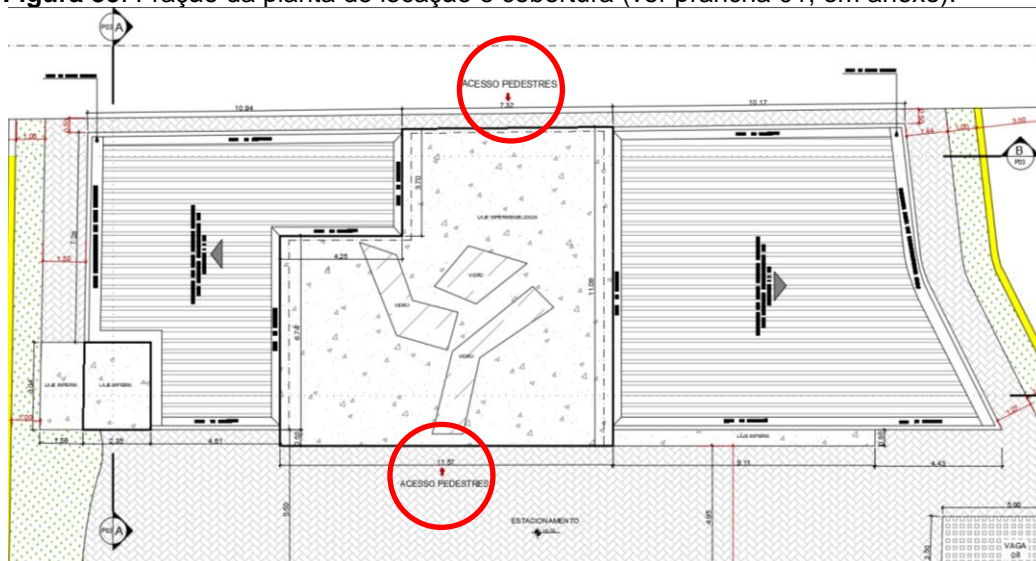
O acesso à área de intervenção se dará por dois acessos para pedestres e um acesso para veículos. O primeiro acesso para pedestres e o de veículos se dará pela Rua Pe. Tarcísio, onde levará para uma entrada dentro do lote, como pode-se observar na imagem seguinte, com o acesso circulado em vermelho.



Fonte: Autoral, 2021.

No tópico 3.5, sobre legislações específicas, foram previstas sete vagas de estacionamento, tendo em vista que uma seria destinada para deficientes e outra para pessoas idosas e o local é proposto para encontros com muitas pessoas, resolveu-se acrescentar mais algumas vagas, ficando no total de 11 vagas de estacionamento, observou-se também que como a proposta é unir a comunidade no processo da perda, é comum que elas morem perto do local, sendo assim, muitas poderiam ir a pé. O acesso de pedestres se dará pelas duas fachadas principais como vê-se a seguir:

Figura 39: Fração da planta de locação e cobertura (ver prancha 01, em anexo).



Fonte: Autoral, 2021.

As vagas e o estacionamento em um todo são em piso intertravado na cor natural, com exceção das reservadas para idosos e portadores de necessidades especiais, que são de piso cimentado.

Figura 40: Perspectiva externa do estacionamento do Centro de Velório.



Fonte: Autoral, 2021.

Ainda, a nível de sugestão seria proposto para a igreja, uma reforma da praça para a ampliação de vagas de estacionamento na Rua Adolfo Gordo, como vê-se nas imagens a seguir:

Figura 41: Estacionamento da Rua Adolfo Gordo existente.



Fonte: Autoral, 2021.

Figura 42: Estacionamento da Rua Adolfo Gordo proposto.



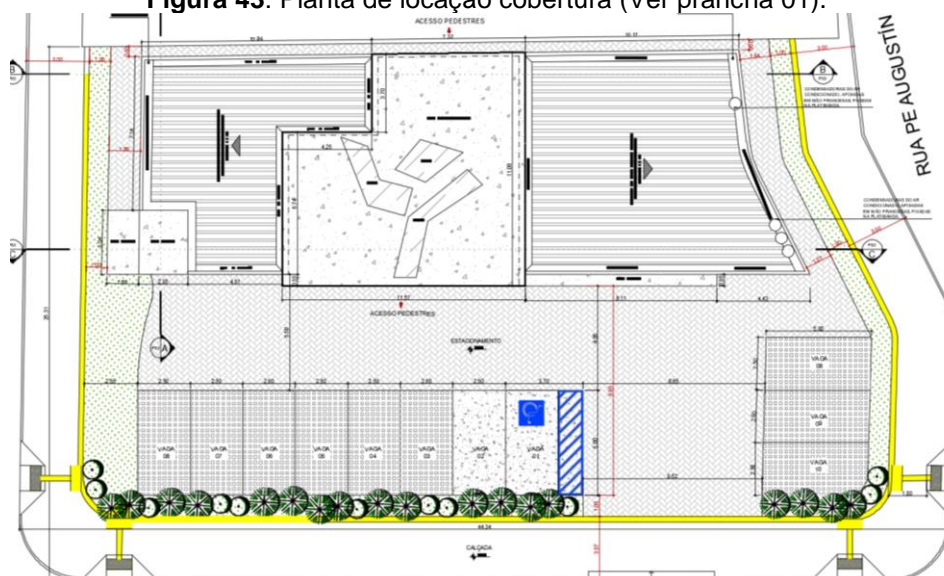
Fonte: Autoral, 2021.

Os carros hoje em dia na rua estacionam no sentido horizontal, a proposta seriam que eles usassem uma parte da praça, para que fizessem um estacionamento na diagonal e assim, coubesse mais carros estacionados nessa via.

5.5.3 Locação e cobertura

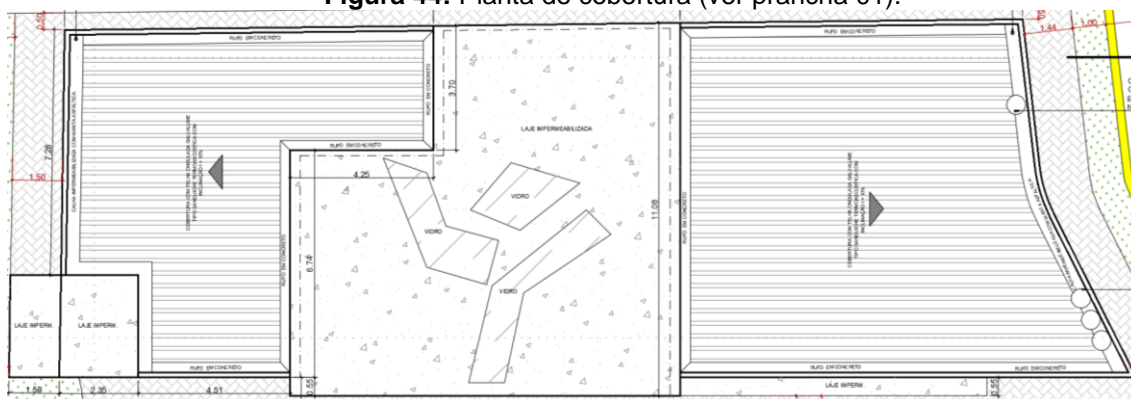
Conforme prancha 01 em anexo, as cotas nas cores vermelhas na planta de locação e cobertura indicam a situação da edificação em relação ao terreno proposto, ou seja, seus recuos, todas obedecendo a dimensão mínima de 1,5 m, com exceção da parte da casa do lixo, porém sendo permitido, já que a edificação respeita a medida da calçada e possui apenas um pavimento.

Figura 43: Planta de locação cobertura (Ver prancha 01).



Fonte: Autoral, 2021.

Figura 44: Planta de cobertura (ver prancha 01).



Fonte: Autoral, 2021.

Já na **Figura 44**, pode-se observar a planta de cobertura ampliada, nela nota-se que são adotados dois tipos de sistemas. A casa do lixo, a caixa d'água e a cobertura do salão da recepção são em lajes impermeabilizadas, sendo a do salão, com aberturas em vidro laminado, com a logo do projeto, com isolamento térmico e acústico com o vidro duplo ou insulado, desde que a chapa interior seja laminada ou aramada e proteção à aderência de resíduos com o vidro autolimpante.

Ainda, a cobertura conta com dois caimentos das águas, com telhas onduladas tipo sanduíche, sendo elas termoacústicas, com inclinação de até 10%, na lateral direita do desenho, é possível observar a representação das condensadoras dos ar condicionados previstos. As condensadoras devem ser instaladas na cobertura em mãos francesas fixadas na platibanda acima da calha de águas pluviais. É importante

que a fixação das mãos francesas seja feita acima da calha para que a utilização de parafusos não danifique a impermeabilização da mesma.

5.5.4 Memorial

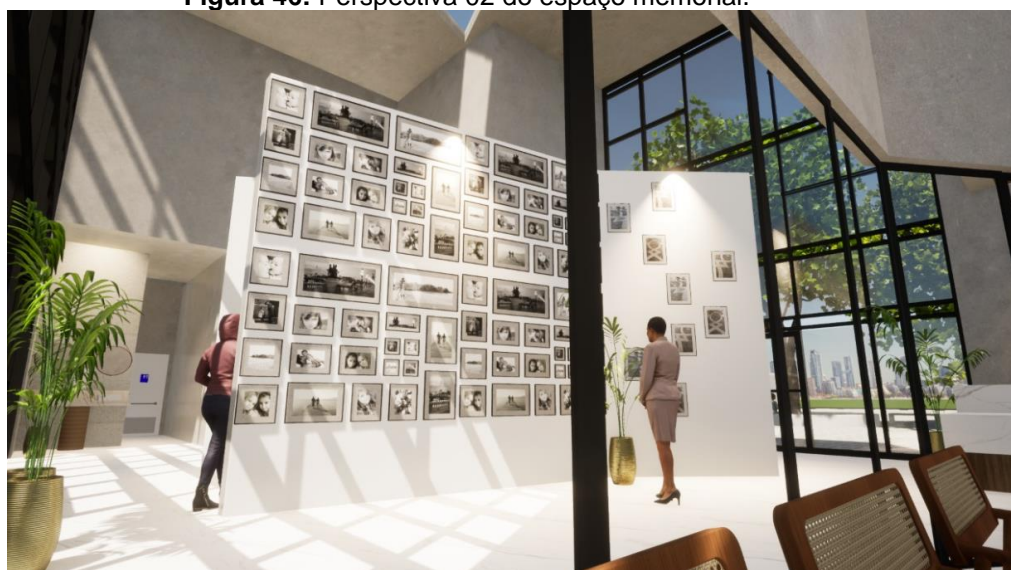
Como comentado no tópico 5.4 EVOLUÇÃO DE PROJETO), o espaço central do salão de recepção recebeu um local para um memorial. O intuito deste memorial é de que a comunidade coloque uma foto ou alguma recordação da pessoa que foi velada no centro, fazendo com que o centro também crie raízes para a comunidade.

Figura 45: Perspectiva 01 do espaço memorial.



Fonte: Autoral, 2021.

Figura 46: Perspectiva 02 do espaço memorial.



Fonte: Autoral, 2021.

Figura 47: Perspectiva 03 do espaço memorial.



Fonte: Autoral, 2021.

As paredes destinadas ao memorial ficam na parte central da edificação e possui formar retas, que não destoam das demais formas do centro, estas paredes receberão luzes focais para que ganhem destaque, além de receber todos os desenhos vindo da iluminação natural refletindo das esquadrias e do rasgo vindo da laje da sua face superior.

5.5.5 Sistema construtivo

Quanto as predefinições do sistema construtivo, por ser uma edificação de pavimento térreo (com menos de quatro pavimentos), foi-se optado por o radier armado como fundação. As paredes, por sua vez, serão de alvenaria convencional com tijolo cerâmico, lajeado e concreto armado na cobertura do salão da recepção, onde possui pé-direito duplo. As esquadrias receberão tratamento térmico e acústico, como descrito mais à frente.

5.5.6 Acabamentos

5.5.6.1 Piso

Como já mencionado, as vagas e o estacionamento em um todo serão em piso intertravado na cor natural, com exceção das reservadas para idosos e portadores de necessidades especiais, que são de piso cimentado. Já o a parte interna do centro de velório receberá um porcelanato a ser definido em uma cor neutra, com dimensão

mínima de 80x80 cm, acabamento acetinado e junta seca, para que haja menos áreas com rejunte e eles sejam menos aparentes, dando uma sensação de amplitude.

5.5.6.2 Parede

As paredes externas receberão um revestimento neutro e uma cor azul claro. A nível de sugestão, irá ser indicado que a igreja também possua a mesma cor, com os detalhes em um azul escuro. Durante o projeto, foi-se atrás de procurar a primeira cor da edificação, mas apenas foram encontradas algumas fotos em preto e branco, não dando para distinguir a primeira cor ao certo e ela nunca possuiu uma cor fixa, de tempos em tempos a cor é trocada.

Já as paredes internas serão em sua maior parte na cor branco neve, sendo apenas a do espaço fúnebre e a do salão de recepção na cor de concreto, dando um ar mais natural as paredes da edificação.

5.5.6.3 Teto

Os tetos serão na própria laje, pintados na cor branco neve. Apenas a parte Sul da edificação, onde vão a administração, sala de apoio com lavabo e o espaço fúnebre receberão um forro em lambri de madeira, para que também comportem os splits cassetes.

Figura 48: Espaço fúnebre com forro em lambri de madeira.



Fonte: Autoral, 2021.

5.5.7 Fachadas

Buscou-se obter a mesma linguagem arquitetônica entre as suas fachadas principais. A fachada posterior foi pintada na cor azul claro, a esquadria principal toda em vidro e alumínio preto, a abertura para a área verde, que dá para o espaço fúnebre, protegida pelos brises de madeira e a parede que recebe a logo do centro, revestida com algum porcelanato a ser definido, em uma cor neutra.

Figura 49: Perspectiva Fachada posterior.



Fonte: Autorial, 2021.

Figura 50: Perspectiva fachada frontal.



Fonte: Autorial, 2021.

A fachada frontal também recebe a cor azul claro, a logo do centro é recebida por uma parede verde as esquadrias principais também em vidro e alumínio preto e a platibanda acima da floricultura também recebem brises de madeira para proteção da incidência solar sobre ela.

5.5.8 Esquadrias

Para as esquadrias, como pode ser observado nas especificações da Planta baixa, na prancha 02 em anexo e no quadro de esquadrias a seguir, todas as portas internas de giro serão padronizadas, com 80 cm de vão livres, sendo apenas a do banheiro acessível adaptada e com 90 cm de largura.

Tabela 4: Quadro de esquadrias.

PORTAS					
TIPO:	LARG.:	ALT.:	QTD.:	OBS.:	
PT254	2.54	2.40	01	PORTÃO EM ALUMÍNIO, NA COR PRETA	
P404	4.04	2.40	01	CORRER COM 4 FOLHAS	
P285	2.85	2.40	01	CORRER COM 3 FOLHAS	
P90	0.90	2.10	01	PORTA DE GIRO ACESSÍVEL COM 1 FOLHA	
P80	0.80	2.10	09	PORTA DE GIRO COM 1 FOLHA	

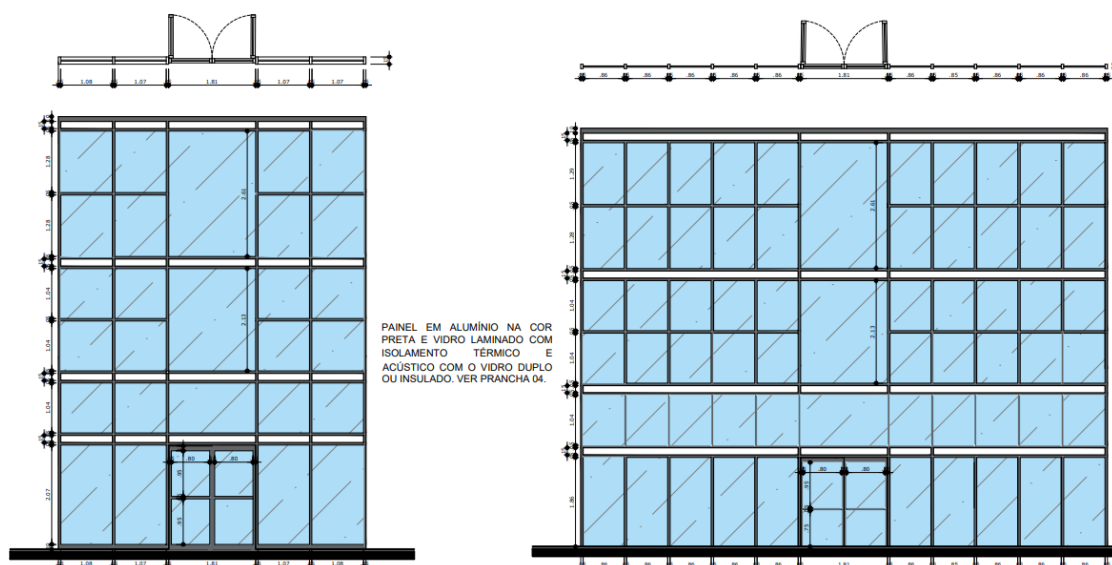
JANELAS					
TIPO:	LARG.:	ALT.:	PEIT.:	QTD.:	OBS.:
J120	1.20	4.00	0.05	01	Janela Basculante com 4 folhas
J180	1.80	0.50	1.60	01	Janela tipo correr com 2 folhas
J140	1.40	0.50	1.60	02	Janela tipo correr com 2 folhas
J100	1.00	0.50	1.60	03	Janela tipo correr com 2 folhas
J911	9.11	2.00	0.40	01	Janela tipo correr com 8 folhas

PAINÉIS					
TIPO:	LARG.:	ALT.:	PEIT.:	QTD.:	OBS.:
PA197	10.97	9.00	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PAG44	6.44	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PAG41	6.41	9.00	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PA426	4.26	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PA400	4.00	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO

Fonte: Autoral, 2021.

Todas as janelas dos banheiros, do DML e da área administrativa foram padronizadas com um peitoril de 1,60, pois dá para áreas externas, na tentativa de dar mais privacidade aos usuários da edificação. Apenas a janela do espaço fúnebre que completam quase toda a parede, para nos dias em que se precise desligar o ar condicionado, elas possam se abrir por completo, permitindo permeabilidade com a circulação de ar, ficando apenas o brise de madeira como barreira com o lado externo.

Todas as esquadrias, assim como a do vidro presente na cobertura, deverão ser em vidro laminado, com isolamento térmico e acústico com o vidro duplo ou insulado, desde que a chapa interior seja laminada ou aramada e proteção à aderência de resíduos com o vidro autolimpante. Permitindo assim um maior conforto e diminuindo o tempo de manutenção quanto a limpeza das esquadrias. Podemos, na **Figura 51**, observar detalhes dos painéis da fachada.

Figura 51: Detalhes painéis de vidro.

Fonte: Autoral, 2021.

Figura 52: Exemplo de esquadria.

Fonte: Pinterest, 2021.

Assim como na **Figura 52**, pretendeu-se no projeto manter alguns vidros fixos na fachada, mas também algumas aberturas entre elas, permitindo o fluxo dos ventos mesmo com todas as folhas fechadas. E fazendo com que a edificação, não seja termicamente desconfortável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, foi possível compreender os diversos aspectos que compõem um espaço fúnebre, como surgiu e como ele influencia na comunidade com a qual está inserida. Ainda, abordou-se o porquê de investir nestes espaços, integrando a comunidade ao apoio à família que passa pela perda e o porquê de a escolha da religião cristã ser abordada, sendo ela a principal responsável pelo culto ao morto na cultura ocidental.

Assim, o ritual fúnebre organiza, segundo Hertz (1970, *apud* DUARTE, 2019), as emoções individuais em dois momentos: a desagregação e a reinstalação. Neste primeiro momento, de desagregação, segundo Duarte (2019), ele quer falar sobre o desapego do corpo material em um momento em que a dor do luto ainda é recente e o segundo sobre estabelecer a individualidade de cada pessoa na memória coletiva. Ou seja, é na desagregação que o espaço pensado vai fazer-se necessário. Servirá mais para o vivo do que para o morto, é no momento em que ele, com toda sua dor do luto, poderá se despedir da pessoa que perdeu. Daí a necessidade de uma arquitetura pensada e voltada para isso, reforçando o poder da Memória. Enxergá-la como um meio de ajuda e facilitadora para este processo.

Para sua concretização, foram abordados aspectos relacionados à dinâmica e uso de espaços públicos, bem como estratégias e ferramentas que puderam auxiliar no comportamento e no temperamento humano, para então, realizar a etapa do desenvolvimento do anteprojeto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caliane Christie Oliveira de. Dissertação Habitação Social: Origens e produção (Natal, 1889 -1964). São Carlos/SP: 2014.

ARQUITETURA RELIGIOSA: como contribuir em projetos para diferentes crenças. 2018. Archtrends Portobello. Disponível em: <https://archtrends.com/blog/arquitetura-religiosa/>. Acesso em: 12 maio 2021.

BARCELLOS, Carlos Alberto Kastein. DIREITO FUNERÁRIO: conceito, competência e breves considerações sobre seus princípios informadores. **Acta Científica**, São Paulo, p. 21-39, jul. 2017.

BATEY, Mark. **O significado da marca**: como as marcas ganham vida na mente dos consumidores. Rio de Janeiro: Best Business, 2010.

BERTULEZA, Gilnadson da Silva. **O Espaço da Conversa**: anteprojeto de reestruturação de um espaço público de esporte, cultura e lazer no bairro da cidade da esperança, natal/rn.. 2014. 217 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

"Capela da Escola Jesuíta / Hodgetts + Fung" [Jesuit High School Chapel of the North American Martyr / Hodgetts + Fung] 16 Nov 2019. ArchDaily Brasil. Acessado 14 Mai 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/768404/capela-da-escola-jesuista-hodgetts-plus-fung>> ISSN 0719-8906

"Casa Funerária em Dabas / L.Art Architectural Office" [Funeral Home in Dabas / L.Art Architectural Office] 25 Jan 2016. ArchDaily Brasil. Acessado 26 Mai 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/780899/casa-funeraria-em-dabas-lart-architectural-office>> ISSN 0719-8906

COSTA, Leandra. L. L. **A luz como modeladora do espaço na Arquitetura**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura (ciclo de estudos integrado). Covilhã, 2013. Disponível em: Acesso em: 21 mai, 2021.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre, Bookman, 2011.

DUARTE, Larissa. **MEMORIAL FÚNEBRE**. 2019. 79 f. TCC (Graduação) – Curso de Arquitetura, Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2019.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

FIGUEIREDO, Inês de Carvalho. **DO CEMITÉRIO À MEMÓRIA**: a imaterialização do espaço mortuário. 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, 2013.

GREJO, Natalia Sarno. **Sensações Arquitetônicas**: além do que a visão alcança. 2011. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, Unesp, Bauru, 2011.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços: guia da arquitetura de interiores para áreas comerciais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005

HERTZ, R. *Sociologie religieuse et folklore*. Paris: PUF, 1970

MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios Brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, [S.L.], v. 16, n. 33, p. 55-80, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832010000100005>.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento**: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: Mackenzie, 2002.

OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas. **A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA**: a interpretação da tradição católica a partir do séc. XX. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Escola de Arquitetura da UFMG, Belo Horizonte, 2010.

PEIXOTO, Amanda Vanessa Monaco. **A iluminação natural na arquitetura religiosa: qualidade e desempenho luminoso em sistemas de iluminação natural geral da nave em igrejas católicas com referência à cidade de São Paulo**. 2017. 188f. Dissertação (Mestrado – Área de Concentração: Tecnologia da Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANTOS, Sidnei Ferreira dos. **A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MERCADO FUNERÁRIO NO BRASIL**: agentes, instituições e estratégias de negócios. 2019. 113

f. Monografia (Especialização) - Curso de Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2019.

SILVA, Adriana Paulos. **OS SENTIDOS HUMANOS E A CONSTRUÇÃO DO LUGAR:** projeto de um mercado. 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011.

SINESTESIA na arquitetura: estimulando os 5 sentidos com o ambiente. estimulando os 5 sentidos com o ambiente. 2018. Disponível em: <https://archtrends.com/blog/sinestesia-na-arquitetura/>. Acesso em: 28 maio 2021.

SQUADRA. **Como funciona a psicologia das cores?** Disponível em: <https://www.scuadra.com.br/blog/como-funciona-a-psicologia-das-cores/>. Acesso em: 28 de maio de 2021.

STRAUSS, André. **As práticas mortuárias dos primeiros sul-americanos.** Minas Gerais: Museu de História Natural e Jardim Botânico, 2014. 46 p.

APÊNDICE A
ENTREVISTA APLICADA AO PE. ELIELSON

Tabela 5: Perguntas da entrevista feita ao Pe. Elielson.

ENTREVISTA AO PE. ELIELSON	
Pergunta 01	Algumas igrejas tem um local para velar os mortos da comunidade, esses espaços ainda estão autorizados?
Pergunta 02	Tem alguma discussão sobre eles agora no momento da COVID? Vão permanecer, sair ou ser modificados?
Pergunta 03	Qualquer igreja/comunidade pode ter esse espaço?
Pergunta 04	vocês acompanham alguma legislação para construção?
Pergunta 05	Tem algum ritual que é desenvolvido nesses espaços?

Fonte: Autoral, 2021.

APÊNDICE B
ENTREVISTA APLICADA AO PE. ALCIMÁRIO

Tabela 6: Perguntas da entrevista feita ao Pe. Alcimário.

ENTREVISTA AO PE. ALCIMÁRIO	
Pergunta 01	Quando decidiram construir um espaço de velório na paróquia de Ponta Negra? Foi uma demanda da comunidade ou era um espaço previsto em uma paróquia daquele porte?
Pergunta 02	Durante a construção desse espaço, o que foi considerado e o que foi demanda da igreja para sua construção? Exemplo: um espaço que coubesse quantas pessoas? um espaço bem iluminado ou um espaço reservado?
Pergunta 03	Quais foram os desafios durante o uso desse espaço? (exemplo: manutenção, crenças da população com medo de uso, outros)
Pergunta 04	Por que o espaço fechou mesmo antes da pandemia?
Pergunta 05	Com a pandemia, o que faria de diferente em um espaço de velório em uma paróquia?
Pergunta 06	Você acha que a família que perde um ente querido é acolhida nos espaços da igreja ou acresceria um espaço ou algo para o acolhimento desses?
Pergunta 07	Durante o funcionamento do espaço de velório, vocês receberam membros da comunidade que não eram católicos?

Fonte: Autoral, 2021.

APÊNDICE C

LEVANTAMENTO DE ESPAÇOS FÚNEBRES NAS IGREJAS

Tabela 7: Levantamento dos espaços fúnebres nas igrejas da cidade de Natal.

IGREJA/PARÓQUIA	POSSUEM OU NÃO
Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora da Esperança e Santo Inácio de Loyola	Possui e está interditado
Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Apresentação	Possui apenas para velórios de pessoas públicas
Igreja Matriz de São João Batista	Utilizam do conselho comunitário da comunidade
Igreja Matriz de São João Bosco	Adaptam espaço
Igreja Matriz de Jesus Bom Pastor	Adaptam espaço
São José de Anchieta	Adaptam espaço
Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora	Adaptam espaço
Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia dos Impossíveis	Não possuem
Paróquia de São José	Não possuem
Igreja Matriz de Nossa Senhora Aparecida	Não possuem
Igreja Matriz de São João Batista	Não possuem
Igreja Matriz de São Pedro Apóstolo	Não possuem
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação (Antiga Catedral)	Não possuem
Igreja Matriz de São Camilo de Lellis	Não possuem
Santuário dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu	Não possuem
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária	Não possuem

Igreja Matriz de São Sebastião	Não possuem
Igreja Matriz de São Francisco de Assis	Não possuem
Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua	Não possuem
Igreja Matriz do Bom Jesus das Dores	Não possuem
Igreja Matriz de Santo Afonso Maria de Ligório	Não possuem
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	Não possuem
Paróquia Nossa Senhora de Lourdes	Não possuem
Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus	Não possuem
Igreja Matriz de Cristo Rei	Não possuem
Igreja Matriz de Santa Maria Mãe	Não possuem
Santuário de Nossa Senhora das Graças e Santa Terezinha	Não possuem
Igreja Matriz de Santa Clara	Não possuem
Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes	Não possuem
Santuário de Nossa Senhora de Fátima	Não possuem
Igreja Matriz de Sant'Ana	Não possuem
Paróquia de São Tiago Menor	Não possuem
Paróquia de Santa Luzia	Não possuem
Paróquia da Imaculada Conceição	Não possuem
Paróquia de Nossa Senhora da Assunção	Não possuem
Paróquia de Santo Ambrósio Francisco Ferro	Não possuem
Paróquia de São Mateus Moreira	Não possuem

Paróquia de Nossa Senhora dos Impossíveis	Não possuem
Paróquia de Sant'ana	Não possuem
Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes	Não possuem
Paróquia da Sagrada Família	Não possuem

Fonte: Autorial, 2021.

APÊNDICE D

PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO À POPULAÇÃO

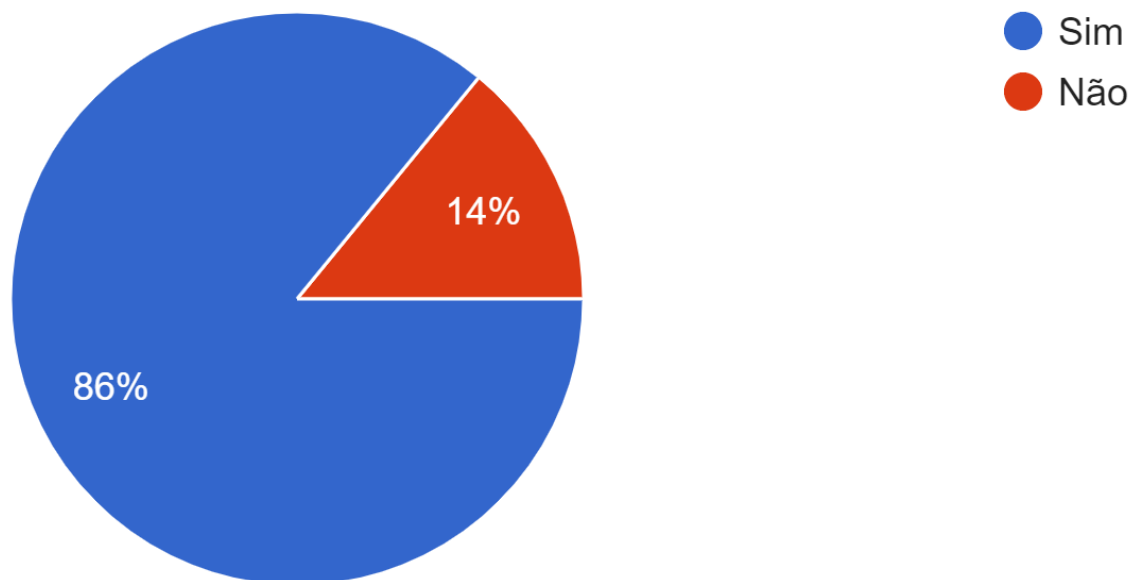
Tabela 8: Perguntas aplicadas ao questionário à população.

PRIMEIRA ETAPA – FILTRO PARA MORADORES DO BAIRRO	
Pergunta 01	Você é morador do bairro da Cidade da Esperança?
SEGUNDA ETAPA – PERFIL DO USUÁRIO	
Pergunta 02	Qual sua idade?
Pergunta 03	Quantas pessoas moram com você?
Pergunta 04	Qual a renda mensal da sua família?
Pergunta 05	Qual a sua escolaridade?
Pergunta 06	Possui alguma religião ou filosofia?
TERCEIRA ETAPA – FILTRO PARA USUÁRIOS DOS ESPAÇOS FÚNEBRES	
Pergunta 07	Você já precisou ir a um espaço para velórios? Se sim, quantas vezes?
QUARTA ETAPA – DEMANDA DOS USUÁRIOS	
Pergunta 08	Quais os espaços para velórios que você visitou?
Pergunta 09	Apesar da perda, você se sentiu acolhido? Se sim, o que você acha que ajudou nisso?
Pergunta 10	Quais os ambientes e serviços você acha necessário em um espaço como esse?
Pergunta 11	Se você pudesse mudar ou acrescentar algo no(s) espaço(s) de velório(s) que visitou, o que seria?
Pergunta 12	Qual seria hoje seu "requisito" principal para a escolha do local?

Fonte: Autoral, 2021.

PRIMEIRA ETAPA – FILTRO PARA MORADORES DO BAIRRO

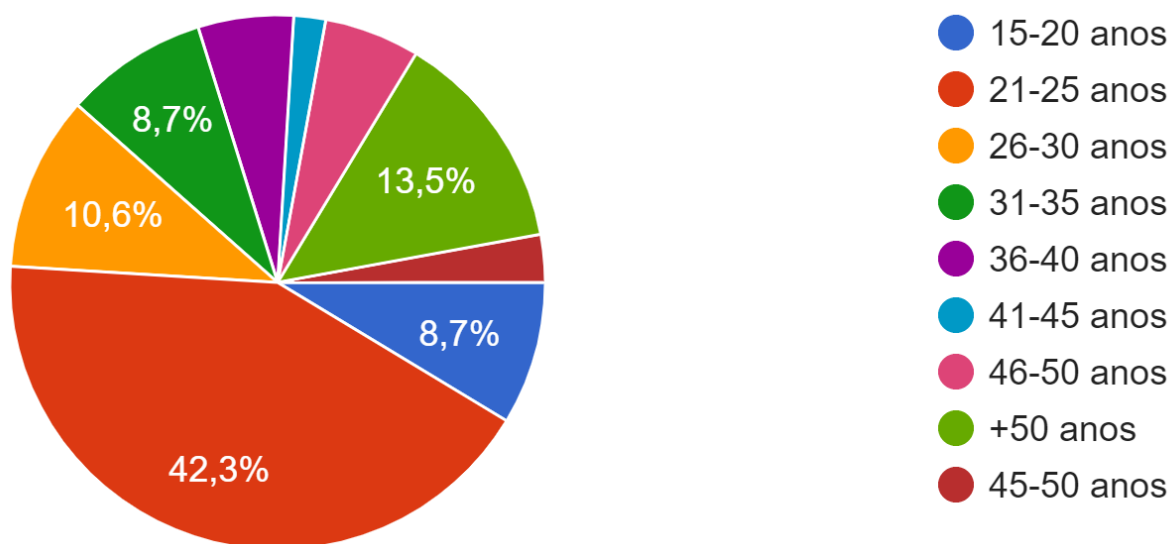
Gráfico 2: Pessoas que são moradoras do bairro da Cidade da Esperança, que responderam ao questionário.



Fonte: Autoral, 2021.

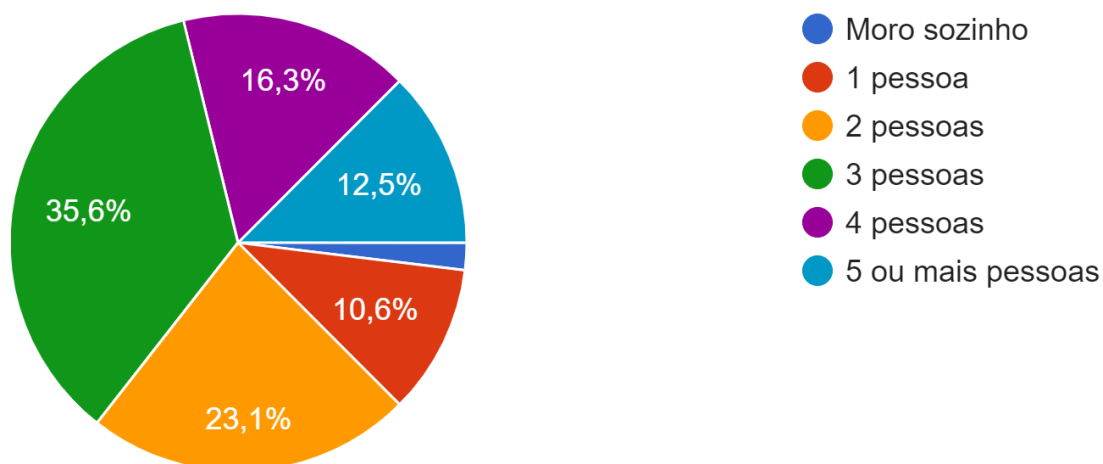
SEGUNDA ETAPA – PERFIL DO USUÁRIO

Gráfico 3: Idade dos moradores que responderam ao questionário.



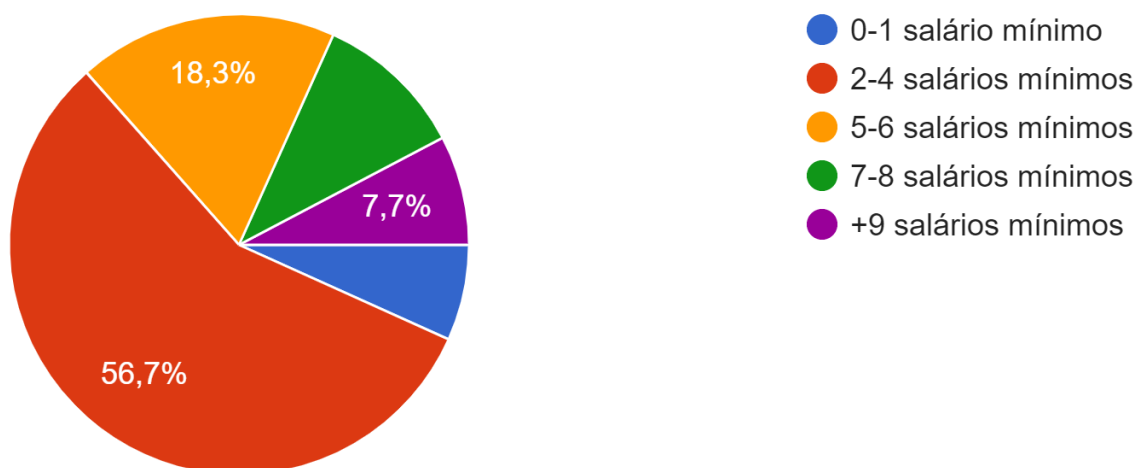
Fonte: Autoral, 2021.

Gráfico 4: Com quantas pessoas cada morador que respondeu ao questionário mora.



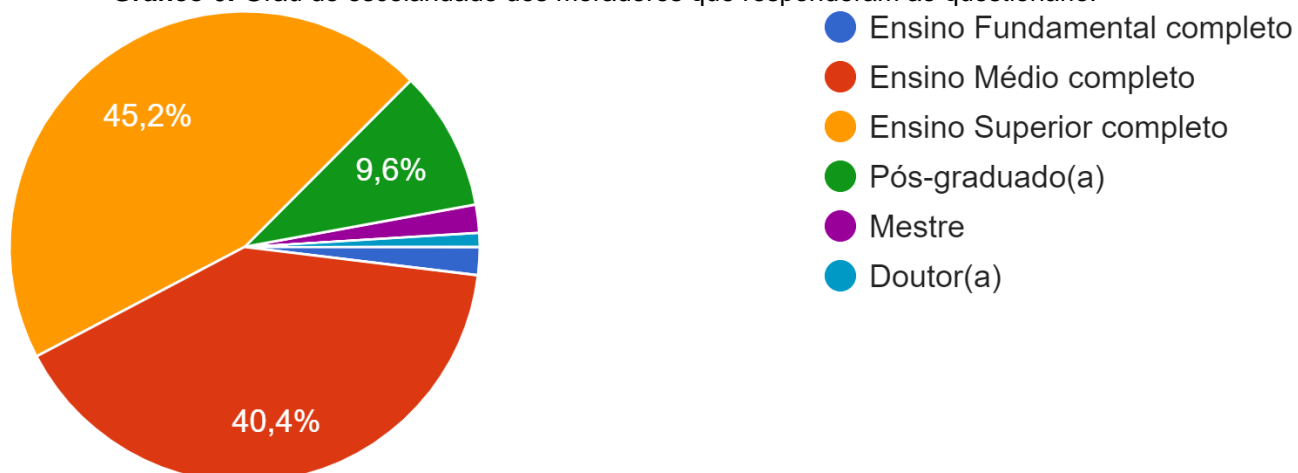
Fonte: Autoral, 2021.

Gráfico 5: Média da renda familiar mensal dos moradores que responderam ao questionário.

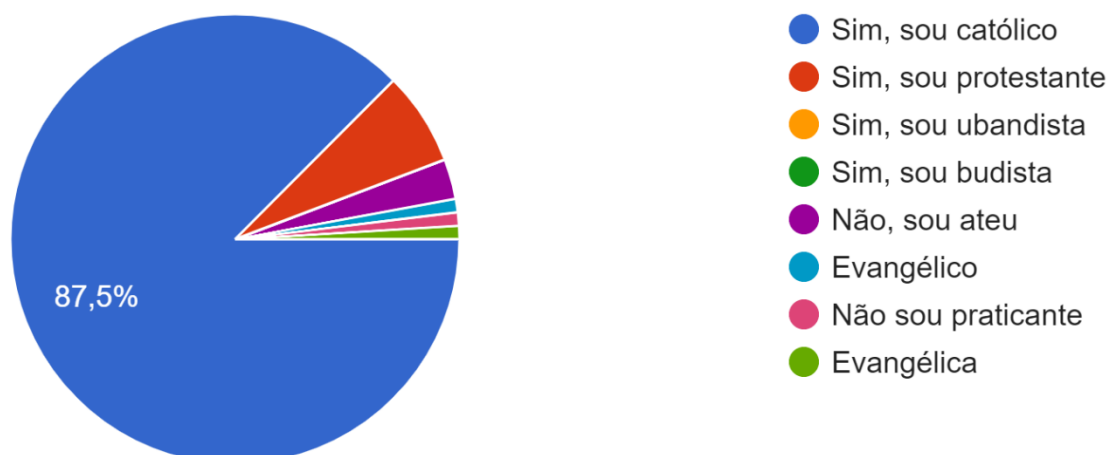


Fonte: Autoral, 2021.

Gráfico 6: Grau de escolaridade dos moradores que responderam ao questionário.

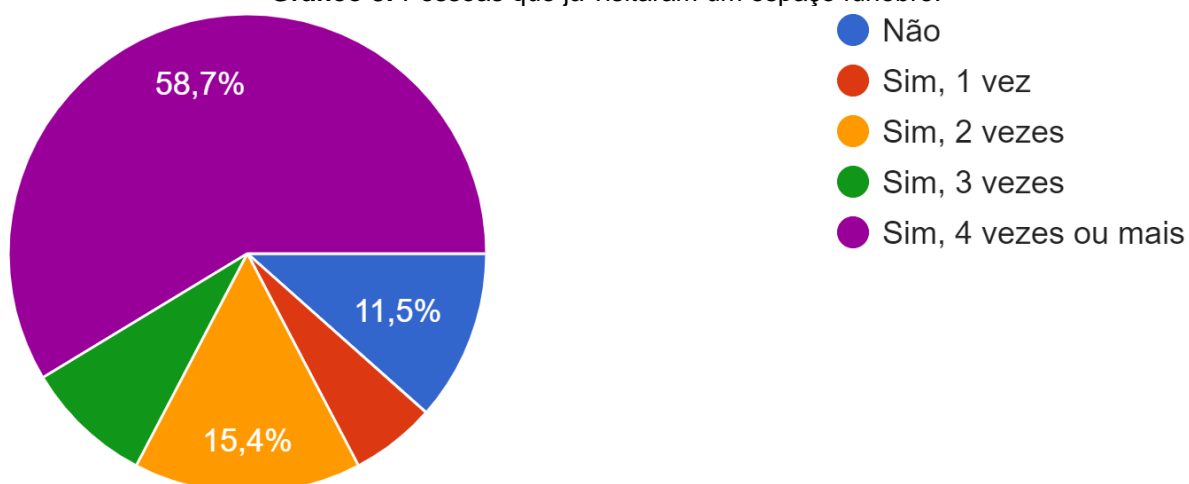


Fonte: Autoral, 2021.

Gráfico 7: Religião adotada dos moradores que responderam ao questionário.

Fonte: Autoral, 2021.

TERCEIRA ETAPA – FILTRO PARA USUÁRIOS DOS ESPAÇOS FÚNEBRES

Gráfico 8: Pessoas que já visitaram um espaço fúnebre.

Fonte: Autoral, 2021.

QUARTA ETAPA – DEMANDA DOS USUÁRIOS

Tabela 9: Espaços visitados pelos usuários.

Centro de velório em Morro branco	27 pessoas
Centro de velório São José (Lagoa Seca)	61 pessoas
Morada da paz (Emaús)	61 pessoas
Centro de velório na Zona Norte	39 pessoas

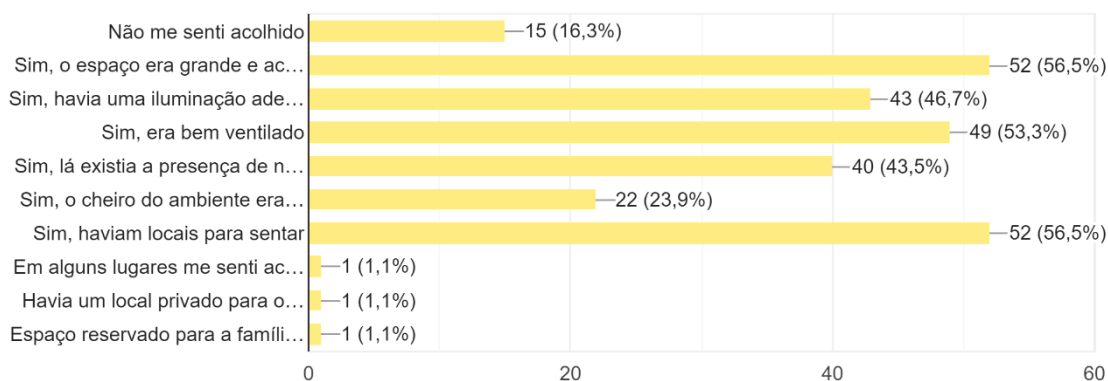
Centro de velório no Alecrim	65 pessoas
Antigo centro de velório da Esperança	25 pessoas

Fonte: Autorial, 2021.

Gráfico 9: O que fez cada usuário se sentir acolhido.

Apesar da perda, você se sentiu acolhido? Se sim, o que você acha que ajudou nisso? (pode marcar mais de uma)

92 respostas

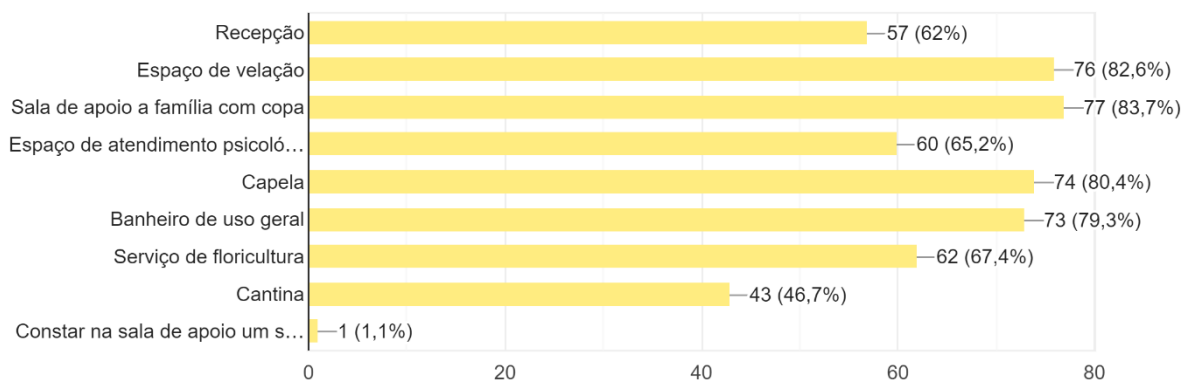


Fonte: Autorial, 2021.

Gráfico 10: Ambientes que o usuário acha necessário.

Quais os ambientes e serviços você acha necessário em um espaço como esse? (Pode marcar mais de uma)

92 respostas

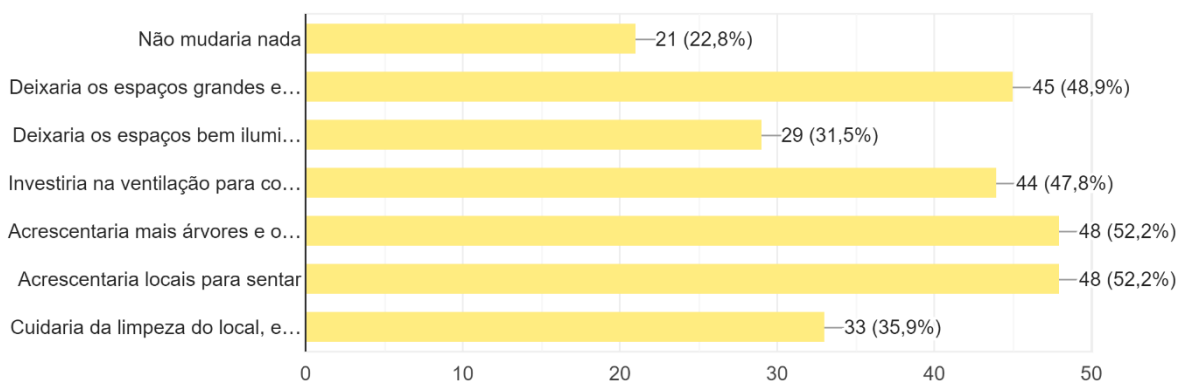


Fonte: Autorial, 2021.

Gráfico 11: O que cada usuário mudaria nos espaços.

Se você pudesse mudar ou acrescentar algo no(s) espaço(s) de velório(s) que visitou, o que seria?
(Pode marcar mais de uma)

92 respostas

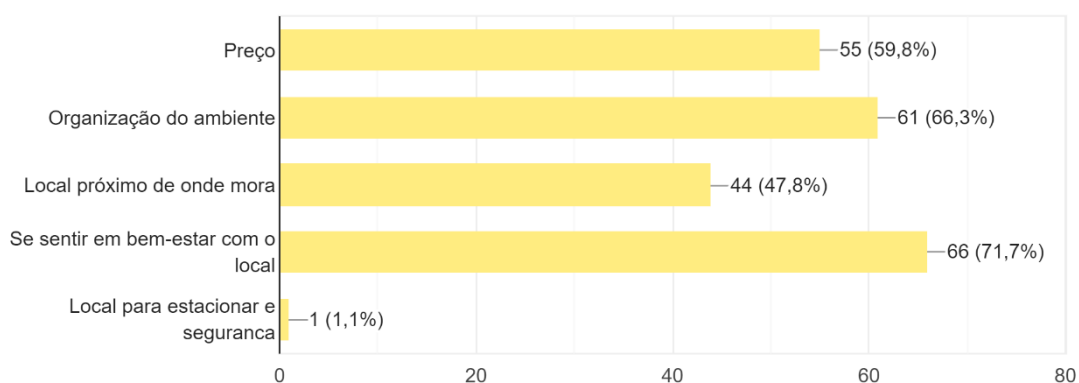


Fonte: Autoral, 2021.

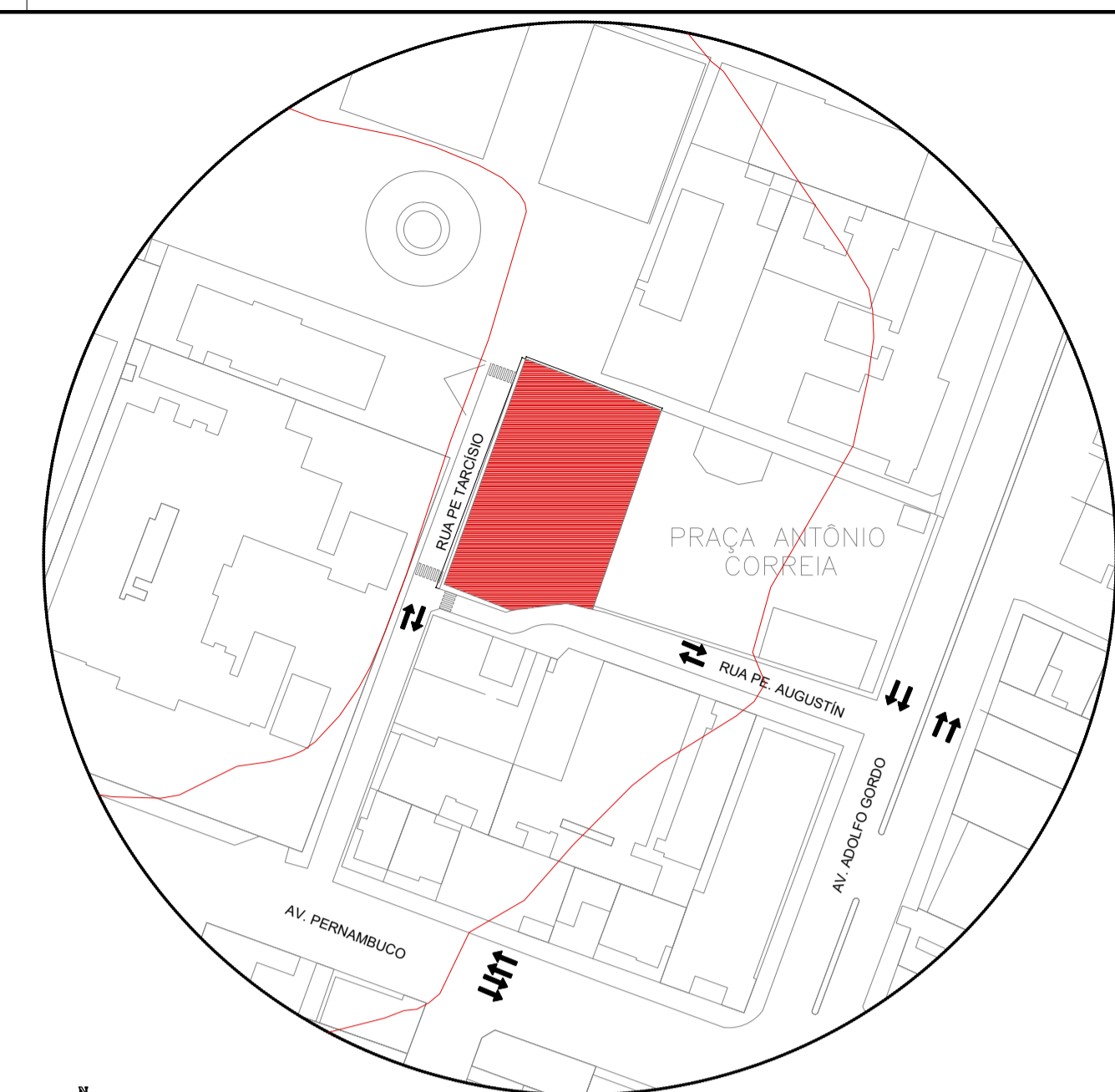
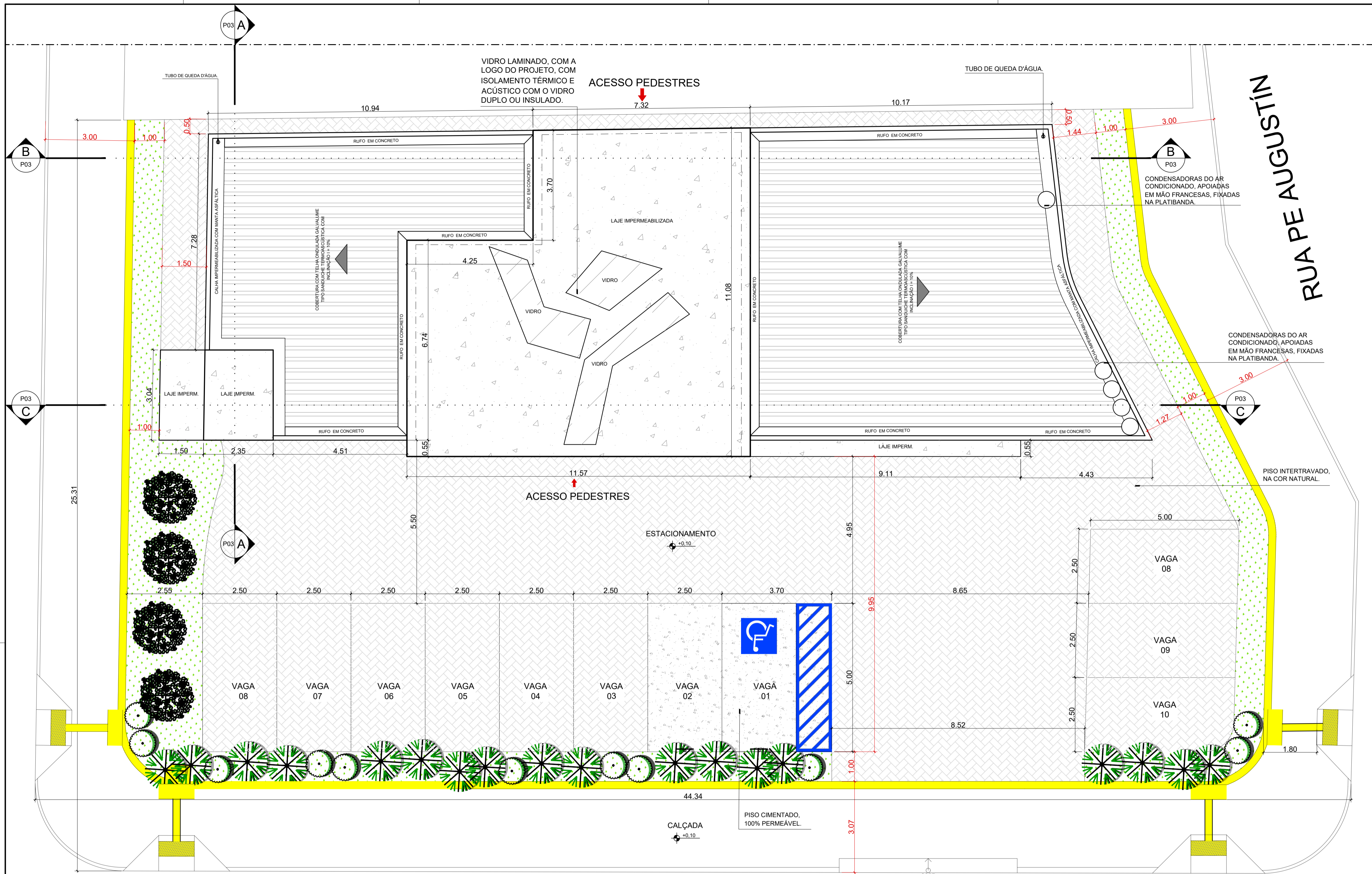
Gráfico 12: Requisito principal de escolha do usuário hoje.

Qual seria hoje seu "requisito" principal para a escolha do local? (Pode marcar mais de uma)

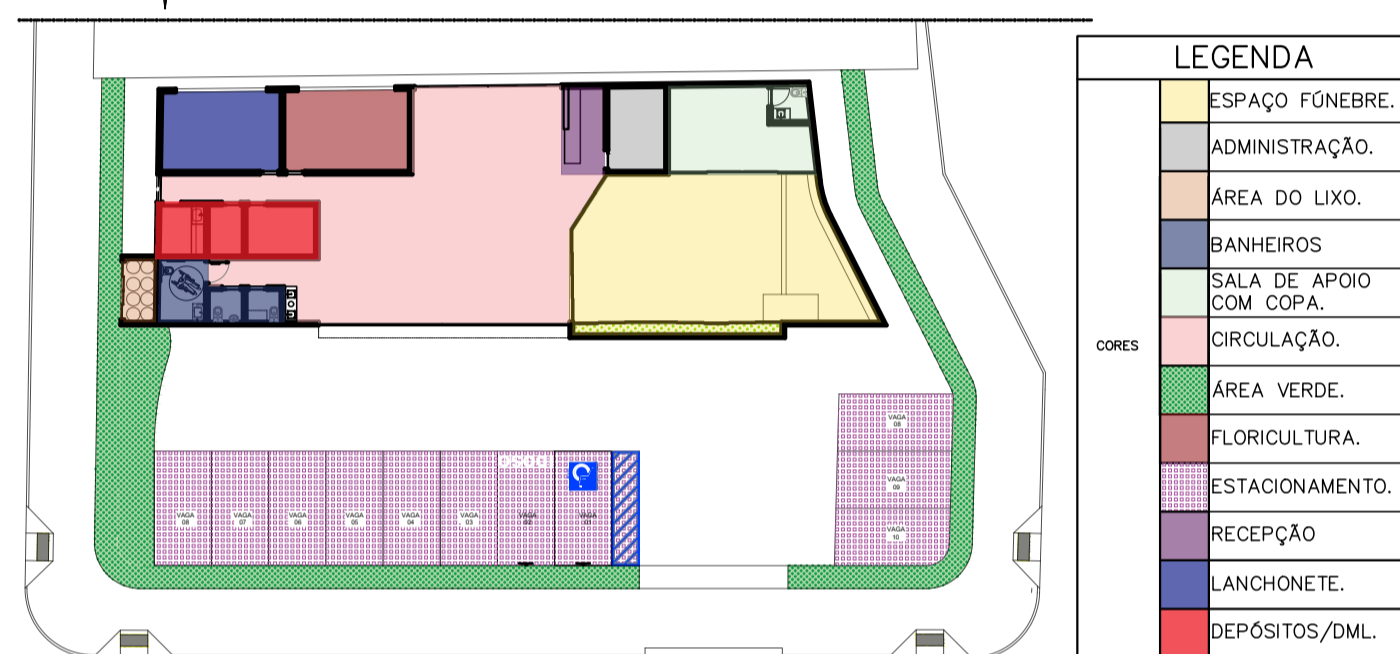
92 respostas



Fonte: Autoral, 2021.



PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA:.....1/1100



PLANTA DE SETORIZAÇÃO
ESCALA:.....SEM ESCALA

QUADRO DE ESQUADRIAS

PORTAS				
TIPO	LARG.:	ALT.:	QTD.:	OBS.:
PT254	2.54	2.40	01	PORTÃO EM ALUMÍNIO, NA COR PRETA
P404	4.04	2.40	01	CORRER COM 4 FOLHAS
P285	2.85	2.40	01	CORRER COM 3 FOLHAS
P90	0.90	2.10	01	PORTA DE GIRO ACESSÍVEL COM 1 FOLHA
P80	0.80	2.10	09	PORTA DE GIRO COM 1 FOLHA

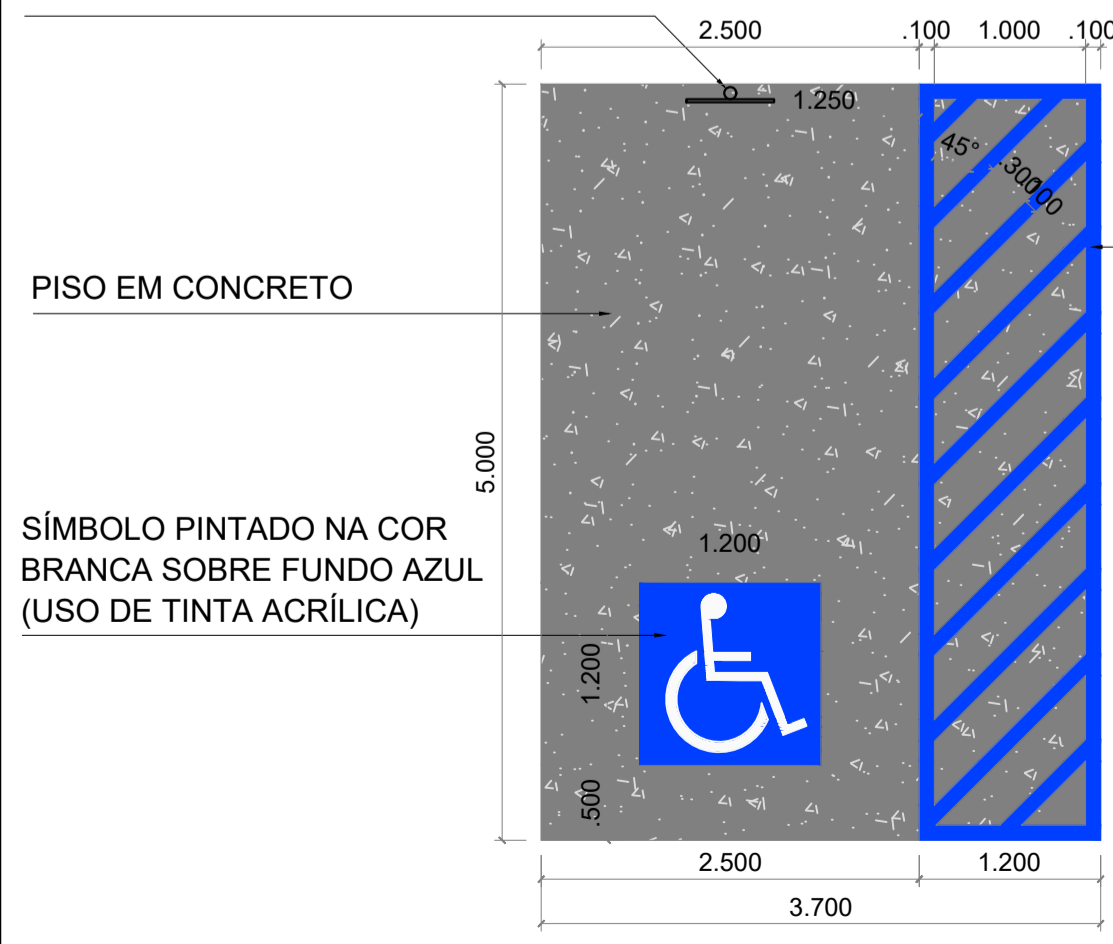
JANELAS					
TIPO	LARG.:	ALT.:	PEIT.:	QTD.:	OBS.:
J120	1.20	4.00	0.05	01	Janela Basculante com 4 folhas
J180	1.80	0.50	1.60	01	Janela tipo correr com 2 folhas
J140	1.40	0.50	1.60	02	Janela tipo correr com 2 folhas
J100	1.00	0.50	1.60	03	Janela tipo correr com 2 folhas
J911	9.11	2.00	0.40	01	Janela tipo correr com 8 folhas

PAINÉIS					
TIPO	LARG.:	ALT.:	PEIT.:	QTD.:	OBS.:
PA197	10.97	9.00	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PAG44	6.44	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PAG41	6.41	9.00	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PA426	4.26	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PA400	4.00	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO

PRESCRIÇÕES URBANÍSTICAS	
USO	INSTITUCIONAL
ZONA	ÁREA URBANA
CARÁTER	DEFINITIVO
ÍNDICES URBANÍSTICOS	
ÁREA DO LOTE	1088,50 m ² 100%
ÁREA CONSTRUÍDA	321,02 m ² 29,49%
ÁREA DE OCUPAÇÃO	327,53 m ² 30,09%
ÁREA PERMEÁVEL	506,81 m ² 46,56%

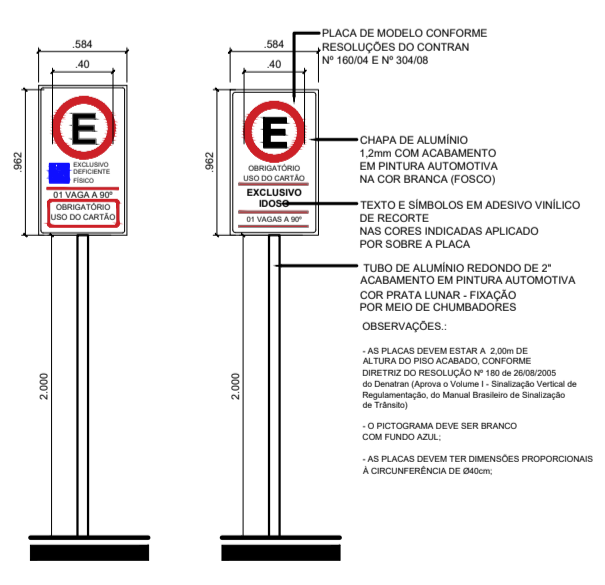
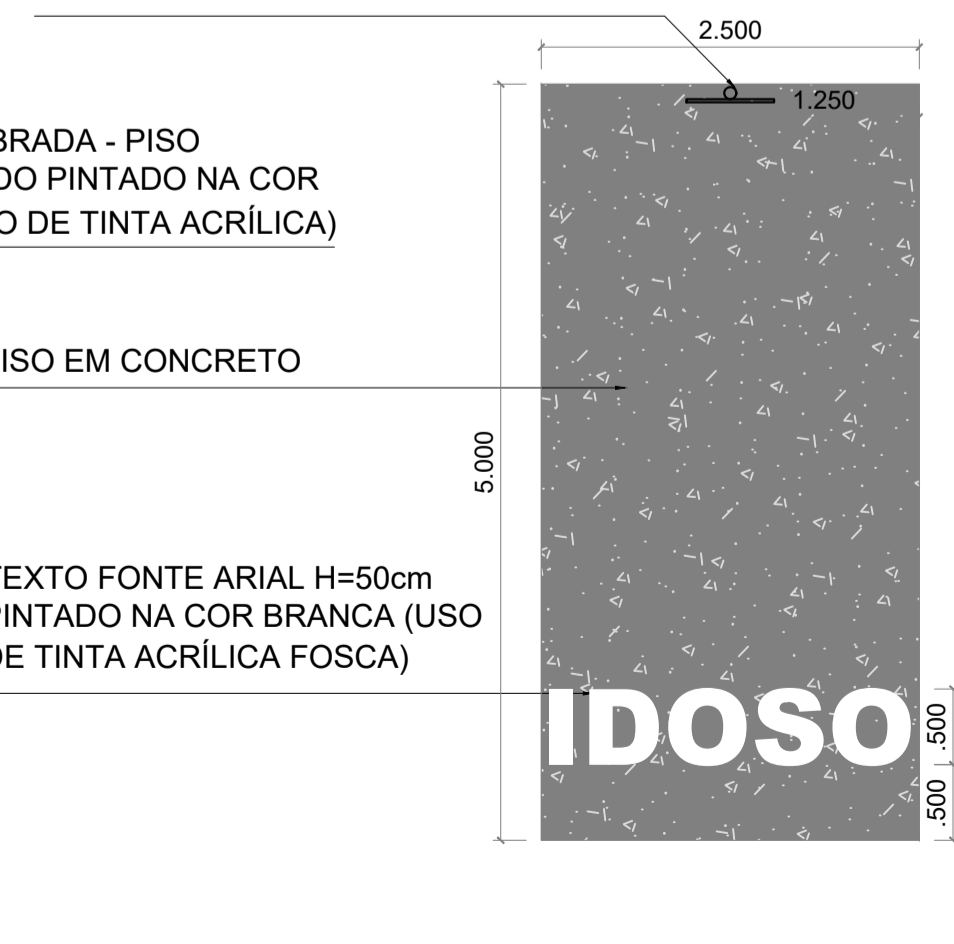
PLANTA DE LOCAÇÃO E COBERTURA
ESCALA:.....1/75

PLACA DE SINALIZAÇÃO VERTICAL
TIPO P/ CADEIRANTE (VER MODELO)



DETALHE DE VAGAS PRIORITÁRIAS
ESCALA:.....1/50

PLACA DE SINALIZAÇÃO VERTICAL
TIPO P/ CADEIRANTE (VER MODELO)



DETALHE PLACAS DE VAGAS PRIORITÁRIAS
ESCALA:.....1/50

RUA PE TARCÍSIO

CURSO:	ARQUITETURA E URBANISMO	TURMA:	10º PERÍODO
DISCIPLINA:	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	DOCENTES:	MISS LENE/CAMILA FURUKAVA
DISCENTE:	ANA KARINA MACEDO DE MEDEIROS		
PROJETO:	ANTEPROJETO DE UM CENTRO DE VELÓRIO		
LOCAL:	RUA PE. TARCÍSIO - CIDADE DA ESPERANÇA - NATAL/RN		

ASSINTO:	PLANTA DE SITUAÇÃO, LOCAÇÃO E COBERTURA, SETORIZAÇÃO E QUADROS	FRONTEIRA:	
ESCALA:	INDICADA NO DESENHO	ÁREA CONSTRUÍDA:	321,02 m ²
DATA:	NOVEMBRO DE 2021	ÁREA TERRENO:	1088,50 m ²
TAXA DE OCUPAÇÃO:	30,09%	TAXA DE PERMEABILIDADE:	46,56%

01/04

QUADRO DE ESQUADRIAS

PORTAS

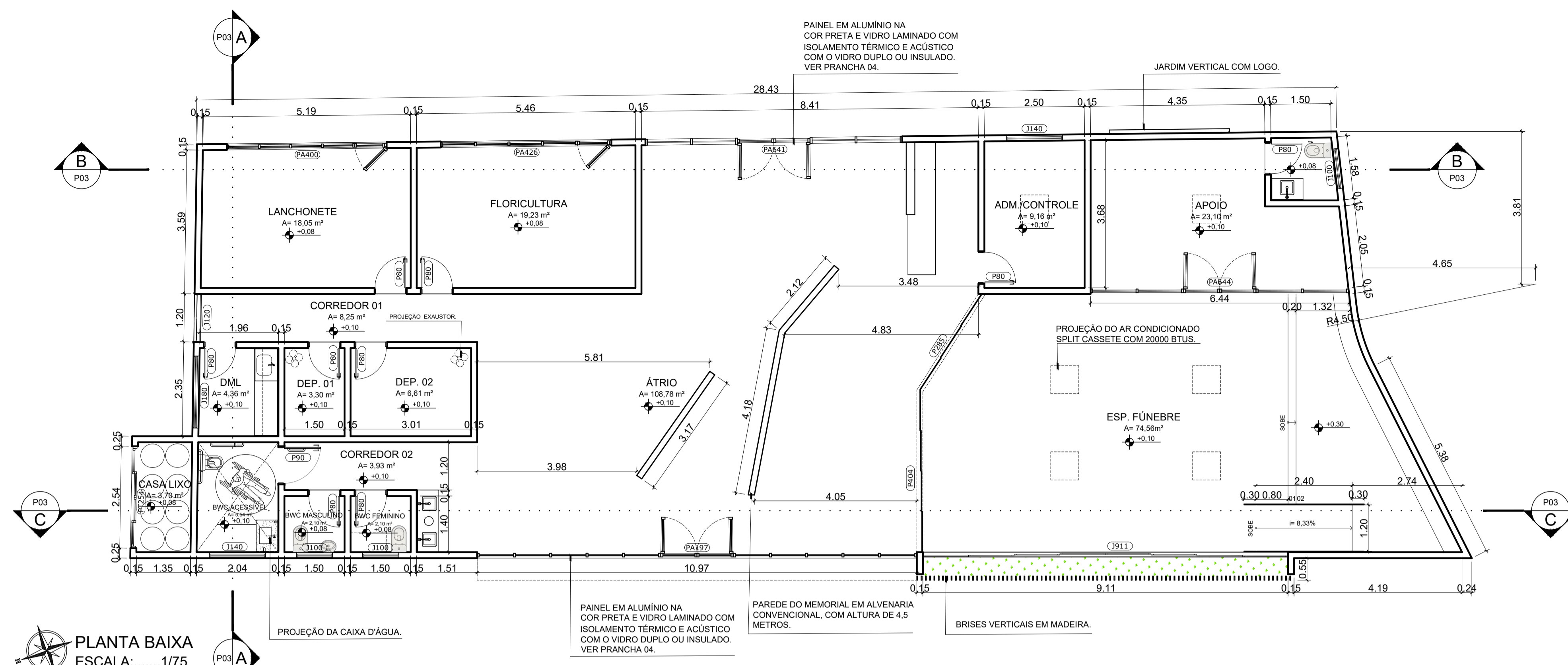
TIPO:	LARG.:	ALT.:	QTD.:	OBS.:
PT254	2.54	2.40	01	PORTÃO EM ALUMÍNIO, NA COR PRETA
P404	4.04	2.40	01	CORRER COM 4 FOLHAS
P285	2.85	2.40	01	CORRER COM 3 FOLHAS
P90	0.90	2.10	01	PORTA DE GIRO ACESSÍVEL COM 1 FOLHA
P80	0.80	2.10	09	PORTA DE GIRO COM 1 FOLHA

JANELAS

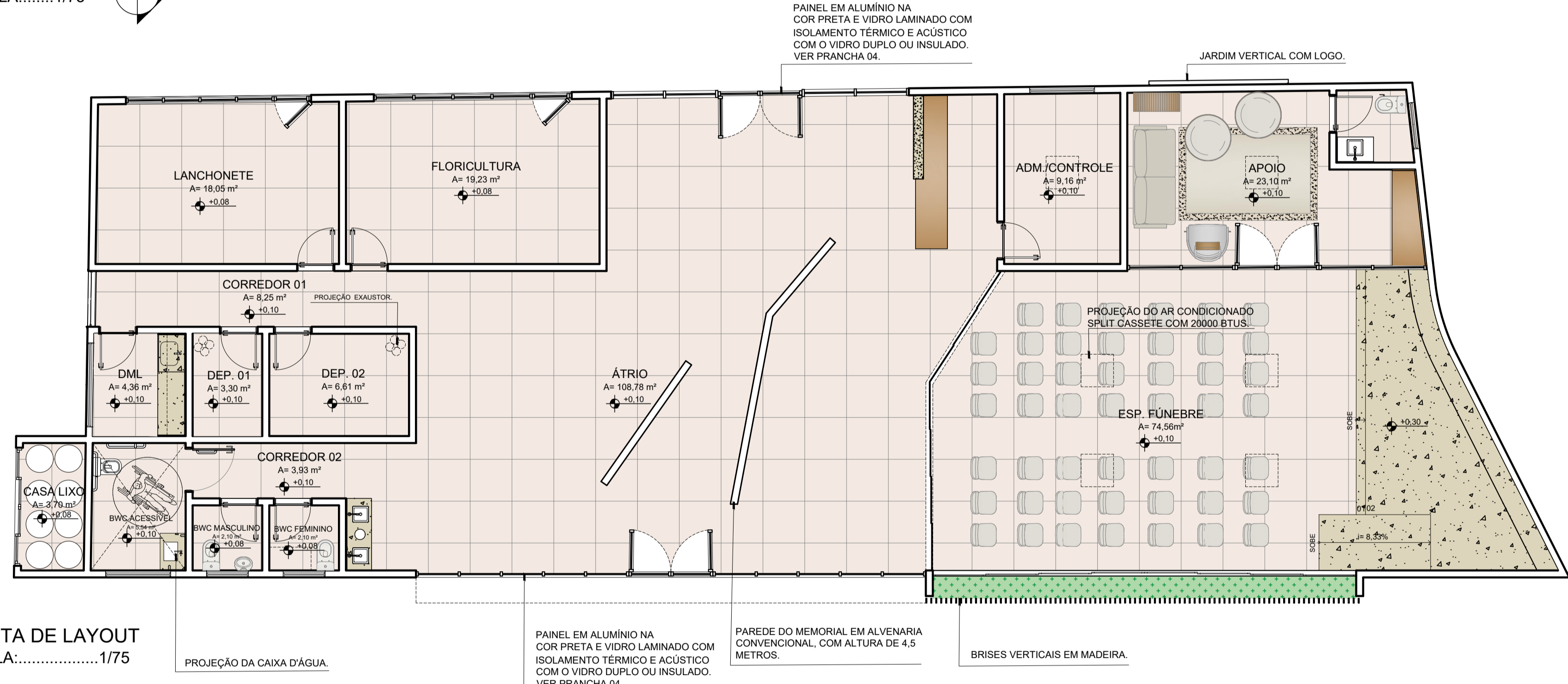
TIPO:	LARG.:	ALT.:	PEIT.:	QTD.:	OBS.:
J120	1.20	4.00	0.05	01	Janela Basculante com 4 folhas
J180	1.80	0.50	1.60	01	Janela tipo correr com 2 folhas
J140	1.40	0.50	1.60	02	Janela tipo correr com 2 folhas
J100	1.00	0.50	1.60	03	Janela tipo correr com 2 folhas
J911	9.11	2.00	0.40	01	Janela tipo correr com 8 folhas

PAINÉIS

TIPO:	LARG.:	ALT.:	PEIT.:	QTD.:	OBS.:
PA197	10.97	9.00	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PAG44	6.44	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PAG41	6.41	9.00	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PA426	4.26	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PA400	4.00	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO



PLANTA BAIXA
ESCALA:.....1/75



PLANTA DE LAYOUT
ESCALA:.....1/75



PERSPECTIVA EXTERNA 01
ESCALA:.....SEM ESCALA



PERSPECTIVA INTERNA 01
ESCALA:.....SEM ESCALA



CURSO:	ARQUITETURA E URBANISMO	TURMA:	10º PERÍODO
DISCIPLINA:	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	DOCENTES:	MISS LENE/CAMILA FURUKAVA
DISCENTE:	ANA KARINA MACEDO DE MEDEIROS		
PROJETO:	ANTEPROJETO DE UM CENTRO DE VELÓRIO		
LOCAL:	RUA PE. TARCÍSIO - CIDADE DA ESPERANÇA - NATAL/RN		

ASSINTO:	PLANTA BAIXA, PLANTA DE LAYOUT, QUADRO DE ESQUADRIAS E PERSPECTIVAS		FRANCHA
ESCALA:	INDICADA NO DESENHO	ÁREA CONSTRUIDA:	321,02 m²
DATA:	NOVEMBRO DE 2021	ÁREA TERRENO:	1088,50 m²
TAXA DE OCUPAÇÃO:	30,09%	TAXA DE PORMENORIDADE:	46,56%

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS, sendo proibido qualquer utilização ou reprodução no todo ou em parte, sem o prévio consentimento do autor do projeto.

QUADRO DE ESQUADRIAS

PORTAS

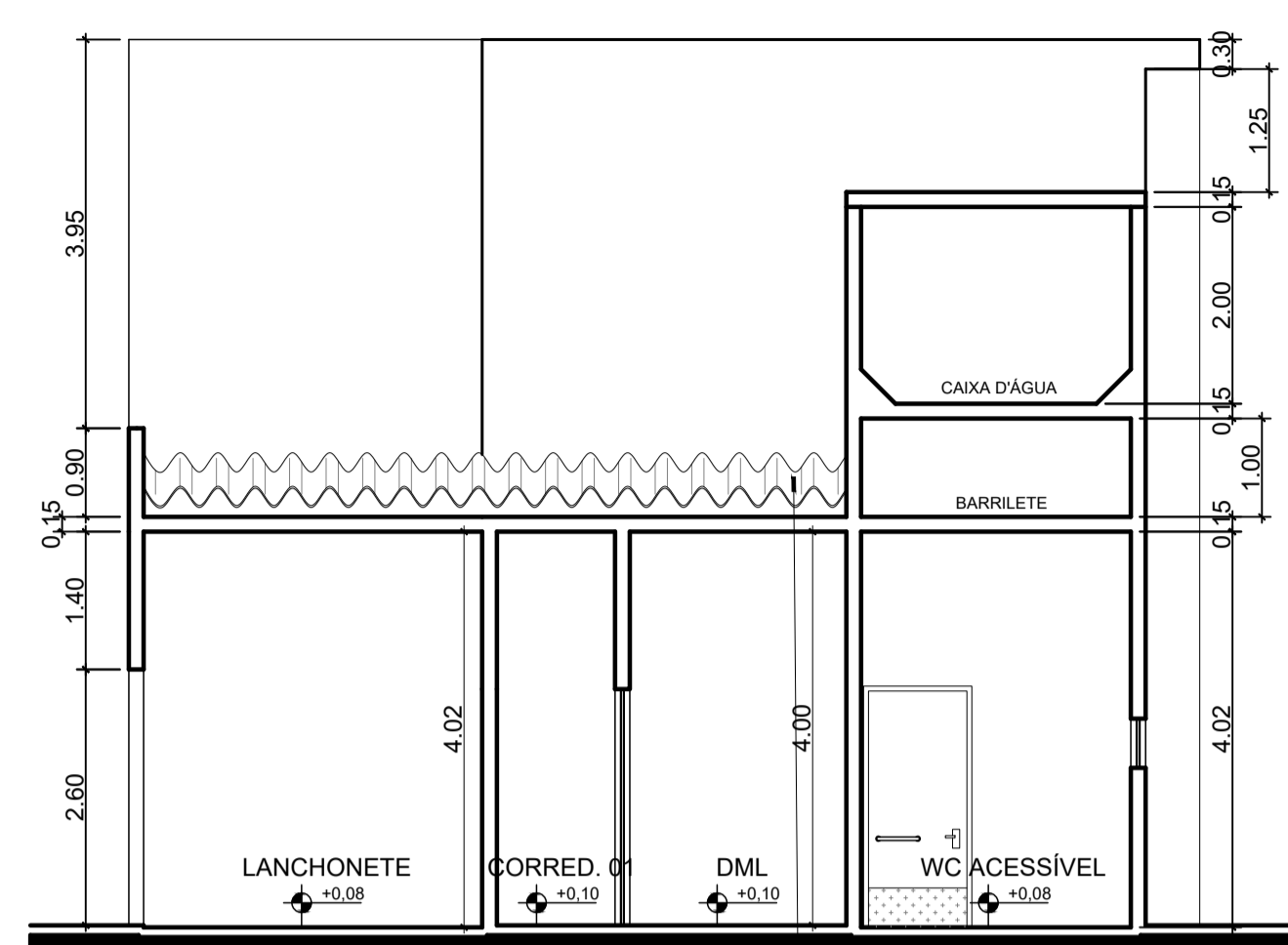
TIPO:	LARG.:	ALT.:	QTD.:	OBS.:
PT254	2.54	2.40	01	PORTÃO EM ALUMÍNIO, NA COR PRETA
P404	4.04	2.40	01	CORRER COM 4 FOLHAS
P285	2.85	2.40	01	CORRER COM 3 FOLHAS
P90	0.90	2.10	01	PORTA DE GIRO ACESSÍVEL COM 1 FOLHA
P80	0.80	2.10	09	PORTA DE GIRO COM 1 FOLHA

JANELAS

TIPO:	LARG.:	ALT.:	PEIT.:	QTD.:	OBS.:
J120	1.20	4.00	0.05	01	Janela Basculante com 4 folhas
J180	1.80	0.50	1.60	01	Janela tipo correr com 2 folhas
J140	1.40	0.50	1.60	02	Janela tipo correr com 2 folhas
J100	1.00	0.50	1.60	03	Janela tipo correr com 2 folhas
J911	9.11	2.00	0.40	01	Janela tipo correr com 8 folhas

PAINÉIS

TIPO:	LARG.:	ALT.:	PEIT.:	QTD.:	OBS.:
PA197	10.97	9.00	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PAG44	6.44	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PAG41	6.41	9.00	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PA426	4.26	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PA400	4.00	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO



CORTE - AA
ESCALA: 1/75

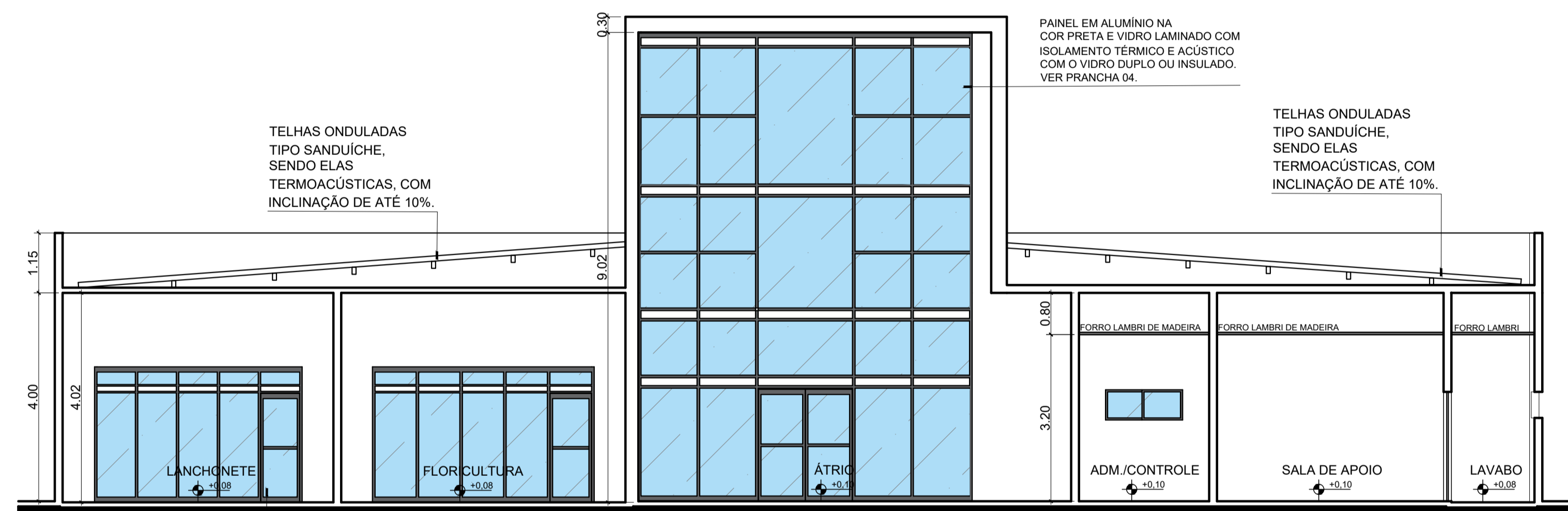
TELHAS ONDULADAS TIPO SANDUÍCHE, SENDO ELAS TERMOACÚSTICAS, COM INCLINAÇÃO DE ATÉ 10%.



PERSPECTIVA INTERNA 02
ESCALA:.....SEM ESCALA



PERSPECTIVA INTERNA 03
ESCALA:.....SEM ESCALA



CORTE - BB
ESCALA: 1/75

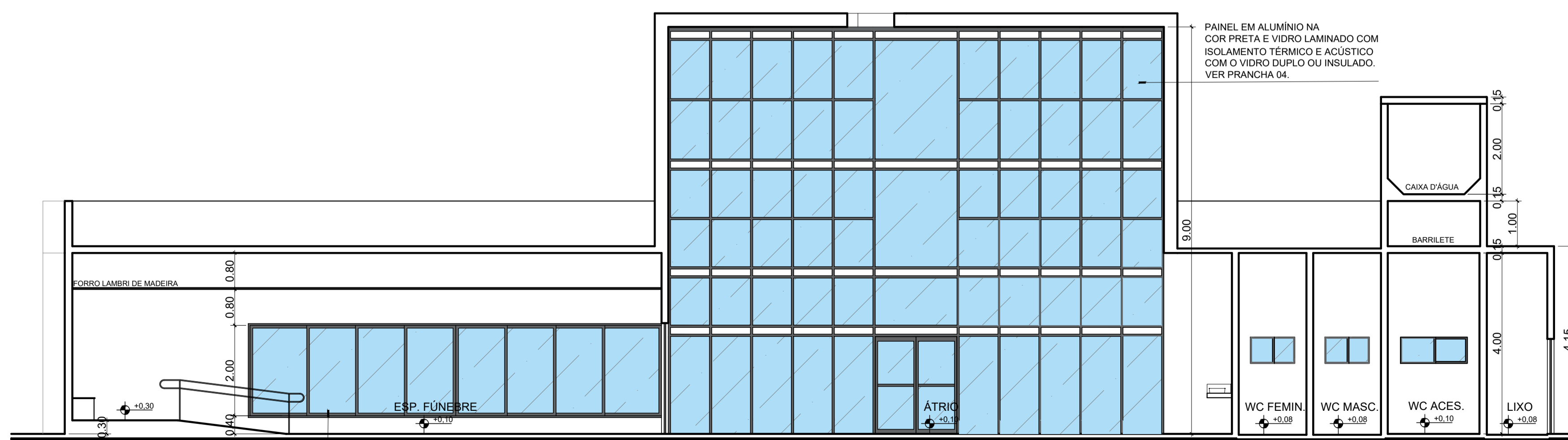
TELHAS ONDULADAS TIPO SANDUÍCHE, SENDO ELAS TERMOACÚSTICAS, COM INCLINAÇÃO DE ATÉ 10%.

PAINEL EM ALUMÍNIO NA COR PRETA E VIDRO LAMINADO COM ISOLAMENTO TÉRMICO E ACÚSTICO COM O VIDRO DUPLO OU INSULADO. VER PRANCHA 04.

TELHAS ONDULADAS TIPO SANDUÍCHE, SENDO ELAS TERMOACÚSTICAS, COM INCLINAÇÃO DE ATÉ 10%.



PERSPECTIVA INTERNA 04
ESCALA:.....SEM ESCALA



CORTE - CC
ESCALA: 1/75

PAINEL EM ALUMÍNIO NA COR PRETA E VIDRO LAMINADO COM ISOLAMENTO TÉRMICO E ACÚSTICO COM O VIDRO DUPLO OU INSULADO. VER PRANCHA 04.



CURSO:	ARQUITETURA E URBANISMO	TURMA:	10º PERÍODO
DISCIPLINA:	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	DOCENTES:	MISS LENE/CAMILA FURUKAVA
DISCENTE:	ANA KARINA MACEDO DE MEDEIROS		
PROJETO:	ANTEPROJETO DE UM CENTRO DE VELÓRIO		
LOCAL:	RUA PE. TARCÍSIO - CIDADE DA ESPERANÇA - NATAL/RN		

ASSUNTO:	CORTES E PERSPECTIVAS		PRANCHA
ESCALA:	INDICADA NO DESENHO	ÁREA CONSTRUIDA:	321,02 m ²
DATA:	NOVEMBRO DE 2021	ÁREA TERRENO:	1088,50 m ²
TAXA DE OCUPAÇÃO:	30,09%	TAXA DE PERMEABILIDADE:	46,56%

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS. sendo proibido qualquer utilização ou reprodução no todo ou em parte, sem o prévio consentimento do autor do projeto.

QUADRO DE ESQUADRIAS

PORTAS

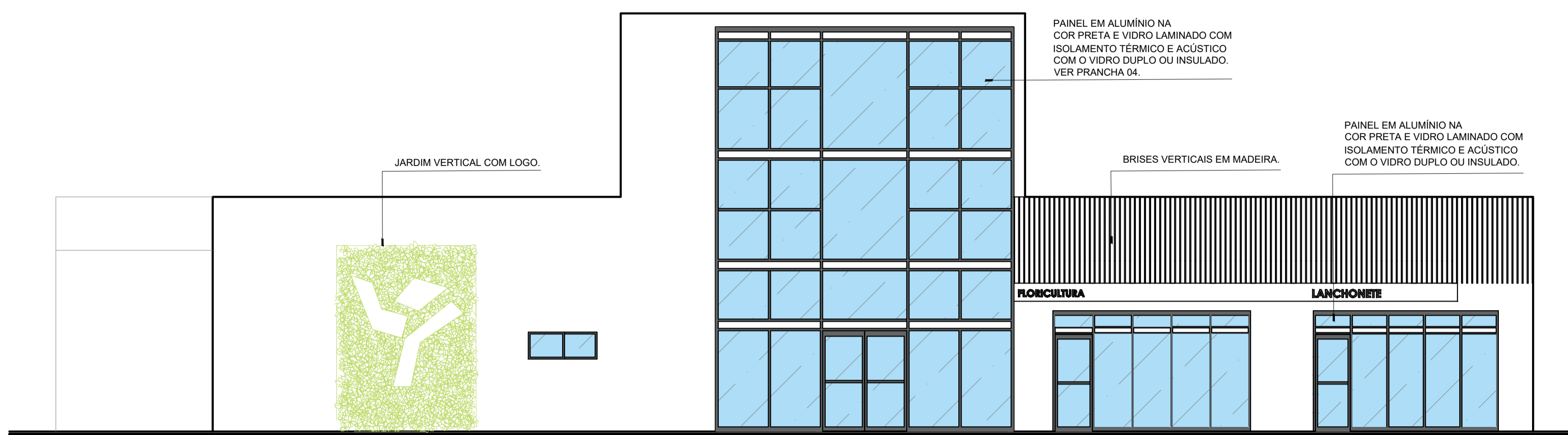
TIPO:	LARG.:	ALT.:	QTD.:	OBS.:
PT254	2.54	2.40	01	PORTÃO EM ALUMÍNIO, NA COR PRETA
P404	4.04	2.40	01	CORRER COM 4 FOLHAS
P285	2.85	2.40	01	CORRER COM 3 FOLHAS
P90	0.90	2.10	01	PORTA DE GIRO ACESSÍVEL COM 1 FOLHA
P80	0.80	2.10	09	PORTA DE GIRO COM 1 FOLHA

JANELAS

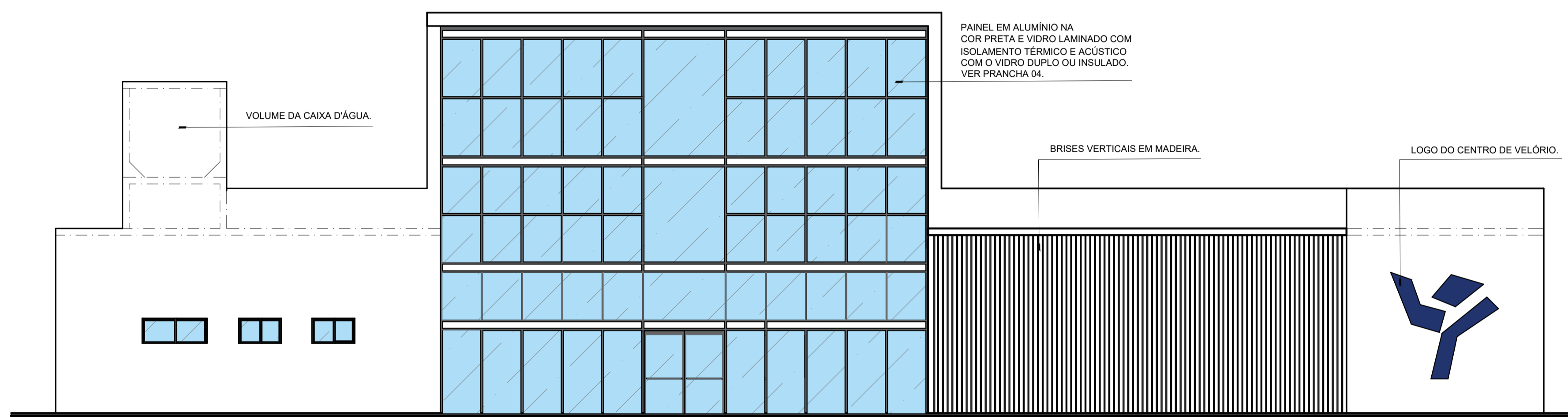
TIPO:	LARG.:	ALT.:	PEIT.:	QTD.:	OBS.:
J120	1.20	4.00	0.05	01	Janela Basculante com 4 folhas
J180	1.80	0.50	1.60	01	Janela tipo correr com 2 folhas
J140	1.40	0.50	1.60	02	Janela tipo correr com 2 folhas
J100	1.00	0.50	1.60	03	Janela tipo correr com 2 folhas
J911	9.11	2.00	0.40	01	Janela tipo correr com 8 folhas

PAINÉIS

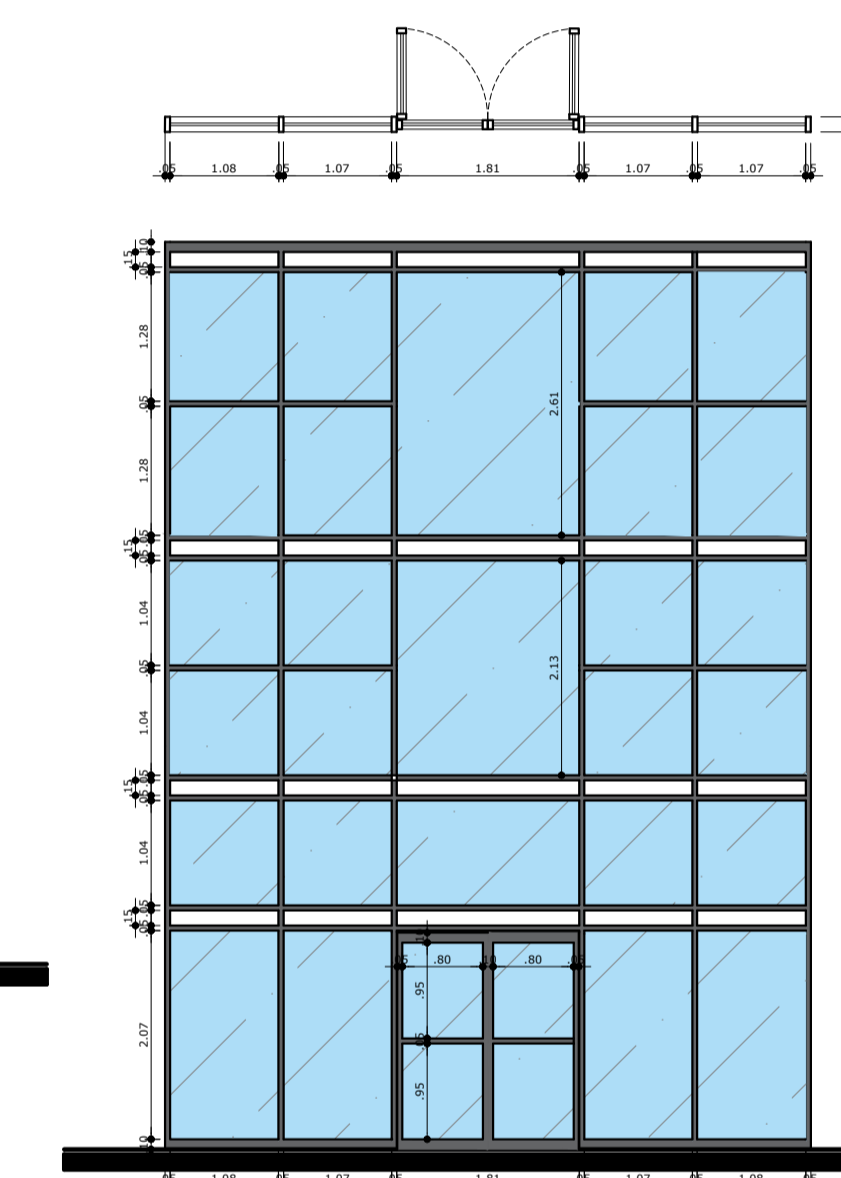
TIPO:	LARG.:	ALT.:	PEIT.:	QTD.:	OBS.:
PA197	10.97	9.00	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PAG44	6.44	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PAG41	6.41	9.00	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PA426	4.26	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO
PA400	4.00	2.40	-----	01	ESQUADRIA EM ALUMÍNIO E VIDRO



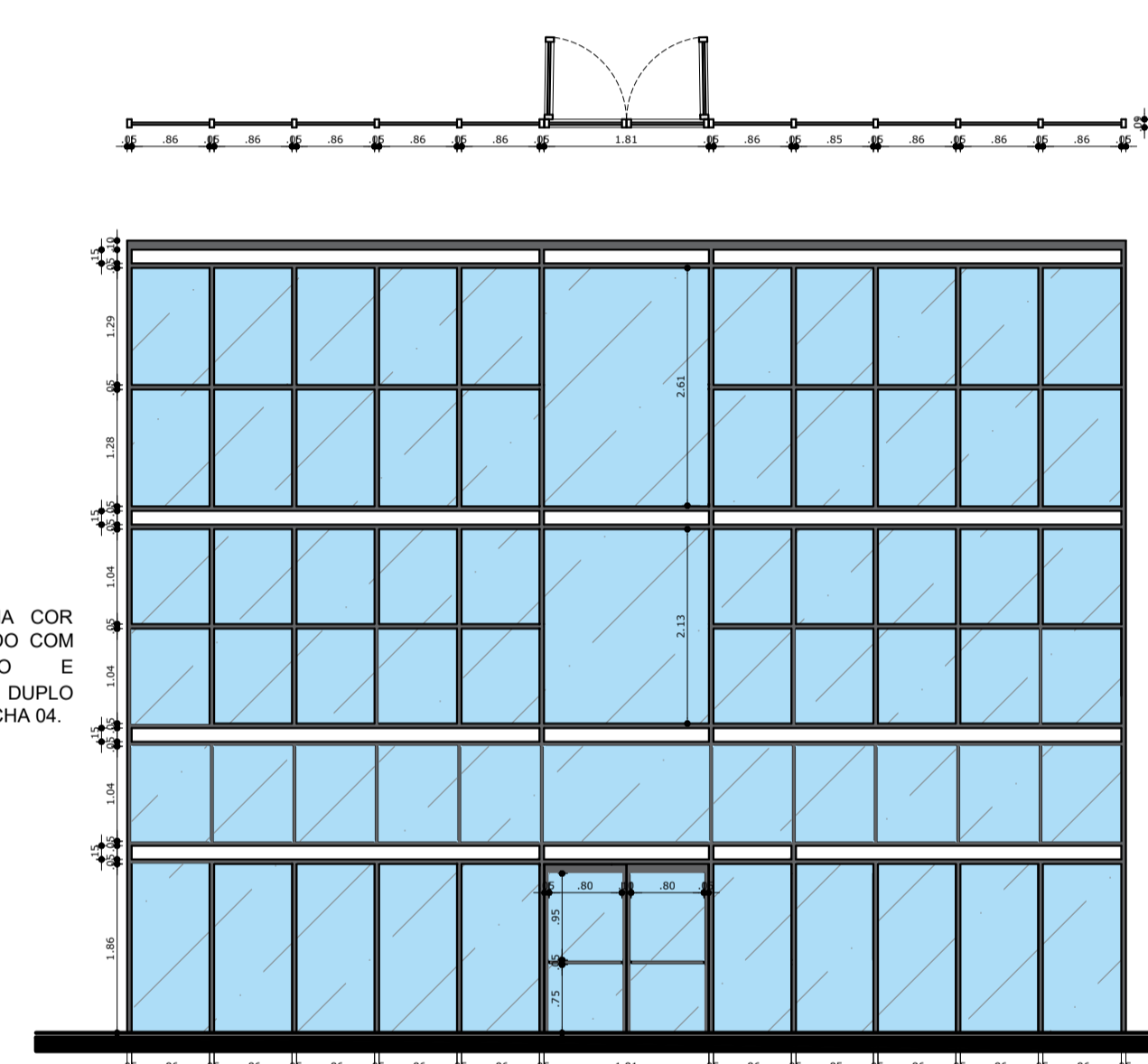
FACHADA FRONTAL
ESCALA:.....1/75



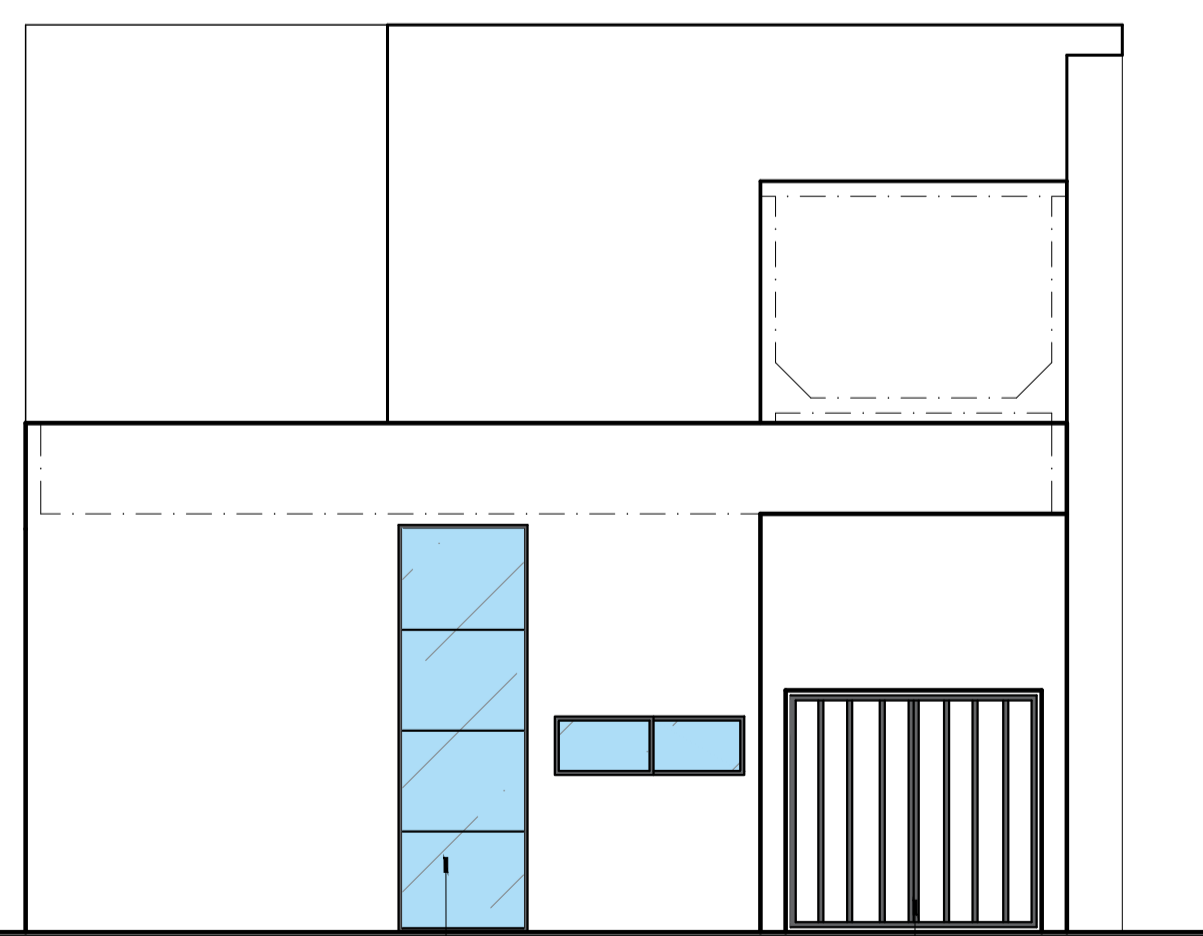
FACHADA POSTERIOR
ESCALA:.....1/75



DETALHE PAINÉL FACHADA FRONTAL
ESCALA:.....1/75



DETALHE PAINÉL FACHADA POSTERIOR
ESCALA:.....1/75



FACHADA LATERAL
ESCALA:.....1/75



PERSPECTIVA EXTERNA 02
ESCALA:.....SEM ESCALA



PERSPECTIVA EXTERNA 03
ESCALA:.....SEM ESCALA



CURSO:	ARQUITETURA E URBANISMO	TURMA:	10º PERÍODO
DISCIPLINA:	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	DOCENTES:	MISS LENE/CAMILA FURUKAVA
DISCENTE:	ANA KARINA MACEDO DE MEDEIROS		
PROJETO:	ANTEPROJETO DE UM CENTRO DE VELÓRIO		
LOCAL:	RUA PE. TARCÍSIO – CIDADE DA ESPERANÇA – NATAL/RN		

ASSUNTO:	FACHADAS E PERSPECTIVAS		PRANCHA
ESCALA:	INDICADA NO DESENHO	ÁREA CONSTRUIDA:	321,02 m²
DATA:	NOVEMBRO DE 2021	ÁREA TERRENO:	1088,50 m²
TAXA DE OCUPAÇÃO:	30,09%	TAXA DE PORMENORIDADE:	46,56%

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS, sendo proibido qualquer utilização ou reprodução no todo ou em parte, sem o prévio consentimento do autor do projeto.



CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
ARQUITETURA E URBANISMO



CENTRO DE VELÓRIO

Raízes

**ARQUITETURA RELIGIOSA: UM ESPAÇO FÚNEBRE NA
PARÓQUIA DA CIDADE DA ESPERANÇA, NATAL/RN**